UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

VINICIUS SARAGIOTTO MAGALHÃES DO VALLE

Pentecostalismo e lulismo na periferia de São Paulo. Estudo de caso sobre uma
Assembleia de Deus na eleição municipal de 2012

São Paulo

2013

Vinicius Saragiotto Magalhães Do Valle

Pentecostalismo e lulismo na periferia de São Paulo. Estudo de caso sobre uma Assembleia de Deus na eleição municipal de 2012

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. André Vitor Singer

São Paulo

2013

Resumo

Esta pesquisa consiste em um Estudo de Caso realizado nas eleições municipais de 2012 em São Paulo, no qual explorei a dinâmica eleitoral por dentro de uma igreja evangélica pentecostal que pertence à denominação Assembleia de Deus, em um de seus principais segmentos – o ministério Belém. A investigação se deu tanto no plano da instituição religiosa em questão, quanto no plano dos seus fiéis. Na dimensão institucional, procurei observar os discursos, estratégias e práticas da igreja em questão no momento eleitoral. Na dimensão dos fiéis, procurei entender como essas pessoas estruturam suas visões de mundo e as traduzem no momento do voto, levando em consideração os estímulos da Igreja, mas também as dimensões socioeconômicas em jogo no pleito eleitoral de 2012 em São Paulo. A observação aqui realizada abrangeu tanto o plano eleitoral proporcional quanto o majoritário. Tal abordagem teve como objetivo a investigação ampla da dinâmica eleitoral nesse espaço e nesse pleito específico. A investigação encontrou diferentes tipos e intensidades de engajamento da instituição religiosa entre o plano proporcional e majoritário. Entre os fiéis, encontrei forte apoio, oriundo dos sentimentos de pertencimento e comunidade característicos da sociabilidade religiosa, à candidata promovida pela instituição no plano proporcional. No plano majoritário, o debate de pautas socioeconômicas se fez mais presente, fazendo com que um grupo de fiéis renegassem a indicação da igreja.

Palavras-chave: Comportamento Eleitoral; Religião; Periferia; São Paulo

Abstract

This research analyses the electoral dynamic within a pentecostal church of the denomination Assembly of God, in one of its main ministries, the ministry of Belém. The investigation approached both institutional and membership levels. In the institutional dimension, I analyzed the speeches, strategies and practices of the church in the electoral period. In membership's dimension, I analyzed the shaping of the points of views and their effects in the electoral level, considering the influence of the church and also socioeconomic issues. The observation conducted covered both proportional and majoritarian levels, aiming the broad investigation of the electoral dynamic in this specific place and electoral process. This investigation founds different kinds and intensities of the institution in the proportional and majoritarian levels. In membership dimension, I found a strong support to the candidate promoted by the church in the proportional level, deriving of the communarians ties of the religious sociability. In the majoritarian level, the discussion of the socioeconomic issues was more present, and a part of the members disagreed with the indication of the church.

Keywords: electoral behavior; religion; pentecostalism; São Paulo; Suburb

Agradecimentos

Este trabalho é fruto de um intenso processo de aprendizagem, que envolveu colaborações e parcerias valiosas estabelecidas na minha vida pessoal e – ainda curta – vida acadêmica. Dessa forma, gostaria de agradecer a algumas pessoas e instituições que, de diferentes modos, foram essenciais para a concretização desta pesquisa.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos os membros, fiéis e pastores, do setor 104 da Assembleia de Deus - Ministério Belém. Obrigado pelos agradáveis momentos compartilhados em cultos e festividades, pelas conversas e pela paciência e entusiasmo com que me tiravam diversas dúvidas – religiosas ou não. Obrigado em especial à Noêmia e todos aqueles que me abriram suas casas, pela recepção e confiança depositada para dividir histórias de vida e concepções de mundo – e também de outro mundo.

Como não poderia deixar de ser, agradeço profundamente à minha família, que sempre me apoiou incondicionalmente. À Nona, que já partiu e estará sempre em meu coração. À minha avó Teresa, que me apresentou ao mundo dos livros e do conhecimento, agradeço de forma especial, pelo carinho, apoio, amor e prontidão em todas as fases da minha vida. Ao meu avô Dirceu, tio Odair e tia Célia, pela companhia, apoio e carinho de sempre. À Beth, minha madrastra. Aos meus pais, Marisa e Júnior, pelo apoio, dedicação e amor incomensuráveis. Aos meus irmãos Flávia e Rodrigo, pela diversão, amizade e companheirismo que, tenho certeza, nos acompanharão em todas nossas vidas.

Ao meu orientador André Singer, agradeço imensamente pela confiança em mim depositada, pelo apoio e encorajamento para a mudança do meu tema durante o primeiro ano de mestrado, que resultou no projeto desta investigação. Agradeço também por todas as conversas, elogios, críticas e sugestões a este trabalho em suas diferentes etapas e formas. Fico muito feliz de poder acompanhar de perto as interpretações de Singer sobre a política brasileira, desde as formulações sobre o lulismo até as reflexões e debates mais recentes, neste rico momento político que o país passa, em 2013. Além disso, sua postura intelectual, política e sua generosidade com todos ao seu redor são para mim fonte de grande inspiração.

Agradeço aos professores Alexandre Fonseca e Júlia Moretto Amâncio por lerem e debaterem recortes deste trabalho enquanto ainda estava em fase de desenvolvimento. Também agradeço aos professores Ronaldo Almeida e Elisabeth Balbachevsky, pelos valiosos comentários na minha banca de qualificação. Ao professor Derek Beach e a todos os colegas do curso de Case Study Methodology, da IPSA Summer School 2013, agradeço o espaço para debate e as considerações sobre minha pesquisa.

Agradeço também ao professor Vagner Silva, por ter me aceitado como aluno ouvinte em sua disciplina, pelas aulas brilhantes e diversas idas a campo que me proporcionaram importantes reflexões e experiências em diferentes expressões religiosas. O contato com a antropologia por meio de seu curso foi fundamental para este trabalho.

Durante o mestrado, além das aulas do professor Vagner, frequentei os excelentes cursos dos professores André Singer, José Álvaro Moisés, Patrício Tierno, Fernando Limongi, Rainer Schmidt e Heloíza Matos. Agradeço a todos eles pelas importantes contribuições à minha formação. Além disso, realizei estágio pelo PAE (Programa de Aperfeiçoamento de Ensino) com os professores Eduardo Marques e Raphael Neves. Agradeço a ambos pelas experiências, nas quais pude aprender muito sobre a atividade docente.

Agradeço também aos queridos funcionários do DCP, Rai, Ana, Vasne, Márcia e Leo, pela atenção e ajuda em diversos momentos.

Gostaria também de agradecer aos colegas do grupo de estudos de Política Brasileira do DCP USP, dos professores André Singer e Bernardo Ricupero.

Aos colegas e amigos da pós-graduação do DCP USP, gostaria de agradecer pela agradável convivência e troca. Em especial, agradeço à Camila Rocha, pela amizade e essenciais conversas e ajudas com relação a diversos pontos deste trabalho, à Thais Pavez e ao Leonardo Octavio Belinelli de Brito, pela amizade e interessantíssimas conversas sobre política brasileira, periferia e discussões sobre filmes e músicas, ao Henrique Costa, Aiko Amaral, Camila Góes, Maria Cecília Ipar, Christian Jecov, Terra Budini e Juliana Bueno, pelas saídas e agradáveis conversas, sobre política e os mais variados assuntos. Ao Rodrigo Martins, Raphael Nunes Magalhães, Thiago Nascimento

Silva, Bruno Boti, Diogo Frizzo, Jéssica Voigt, Rafael Moreira, Pietro Rodrigues, entre muitos outros.

Aos colegas de trabalho e amigos do CIS: Rodrigo Martins, Danilo Mendes, João Henrique Custódio, Paulo Flores, Ceumar Mendonça, Manuella Alves e Jéssica Loschi, pela agradável e produtiva convivência durante os últimos meses.

Aos grandes amigos da graduação em Ciências Sociais na USP, que se tornaram também grandes amigos de vida: Jéssica Voigt, Mariel Deak, Maysa Rodrigues, Breno Barlach, Guilherme Clemente Fereira, Leandro Rodrigues, Rafael Grilli, Rafael Moreira, entre muitos outros.

Aos amigos de Serra Negra e de vida, especiais desde que me conheço por gente: Renan Medeiros, grande amigo e parceiro de todos os programas e assuntos, Yuri Vicente, amigo especial e companheiro de todas as horas, Ricardo Baratela, grande amigo desde os tempos de berço, John, o americano mais querido de todos nós, Bruna, que faz uma falta a todos nos amigos no Brasil, ao grande Marcel e às queridas Kathetine, Patrícia e Renata.

Não poderia deixar também de expressar minha gratidão àqueles com quem morei em São Paulo, que tornaram a processo de mudança de cidade menos solitário e muito mais agradável. Agradeço a todos os amigos da pensão da D. Marina, da Novahouse e do edifício Maracá.

Finalmente, agradeço à minha namorada, companheira e melhor amiga, Mariana Hangai V. G. Nogueira, e à sua família que tanto me acolheu em São Paulo. Mari me acompanhou em visitas e eventos na igreja, além de ter me ajudado com transcrições e de ter sido uma grande colaboradora em diversas reflexões nesta pesquisa. Dessa forma, além da incomensurável importância em minha vida, possui grande papel para o resultado deste trabalho.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento a esta pesquisa.

Lista de ilustrações

Figura 1. Fachada da Sede do Setor 104	28
Figura 2. Encontro de Mulheres do setor 104	29
Gráfico 1 – Perfil de Renda por Religião	30
Figura 3: O distrito do Campo Limpo em São Paulo	33
Figura 4. Vista de área próxima à Igreja, no Campo Limpo	35
Figura 5. Vista de área próximo à Igreja, no Campo Limpo.(2)	36
Tabela 1. Composição Religiosa no Brasil	37
Figura 6: Apoio Religioso no primeiro turno da eleição paulistana	44
Figura 7: Apoio Religioso no Segundo turno da Eleição Paulistana	44
Figura 8: Mapa dos Votos de Marta Costa (PTB) – Eleição 2004	62
Figura 9 Mapa dos Votos de Marta Costa (DEM) – Eleição de 2008	63
Figura 10 – Material de Campanha de Marta Costa (PSD)	65
Figura 11 – Material de Campanha Marta Costa (PSD) 2	66
Figura 12 - Material de Campanha de Marta Costa (PSD) 3	67
Figura 13 – Evento de Crianças do setor 104 da Assembleia de Deus	71
Figura 14: Imagem compartilhada por membros da direção da AD em rede social na internet	97
Figura 15: Imagem compartilhada por membros da direção da AD na internet	98
Figura 16 – Imagem compartilhada por membros da direção da AD na Internet	99

Lista de abreviaturas e siglas

AD: Assembleia de Deus

CEBs: Comunidades Eclesiais de Base

CEU: Centro Educacional Unificado

CGADB: Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil

CONAMAD: Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil

CPAD: Casa publicadora da Assembleia de Deus

DEM: Partido Democratas

DIAP: Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano

IURD: Igreja Universal do Reino de Deus

ONG: Organização Não Governamental

PEC: Proposta de Emenda à Constituição

PMDB: Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PNDH: Programa Nacional dos Direitos Humanos

PRB: Partido Republicano Brasileiro

Prouni: Programa Universidade Para Todos

PSD: Partido Social Democrático

PSDB: Partido da Social Democracia Brasileira

PT: Partido dos Trabalhadores

PTB: Partido Trabalhista Brasileiro

Sumário

Introdução	12
<u>Estudos Eleitorais</u>	<u>16</u>
<u>A escolha do caso e procedimentos metodológicos</u>	<u>18</u>
<u>Organização do texto</u>	<u>21</u>
Capítulo 1. Características sociais e políticas do grupo estudado	23
<u>1.1. Características religiosas</u>	<u>23</u>
<u>1.2. Características socioeconômicas</u>	<u>29</u>
<u>1.3. Evangélicos e a Assembleia de Deus na política: crescimento e preponderância conservadora</u>	<u>36</u>
<u>1.4. A outra via: Aspectos socioeconômicos relacionados ao voto</u>	<u>45</u>
Capítulo II – A força da Igreja no voto proporcional: a comunidade unida	49
<u>2.1. A relação da Igreja com seus membros: proximidade e confiança</u>	<u>49</u>
<u>2.1.1 Os aspectos restritivos da sociabilidade religiosa: o “mundo” versus a Igreja</u>	<u>55</u>
<u>2.2. A Relação da Igreja com a Política e a Campanha de Marta Costa</u>	<u>60</u>
<u>2.3. A recepção da campanha pelos dos fiéis</u>	<u>72</u>
Capítulo III – A pressão do lulismo na eleição majoritária: a comunidade dividida,.....	79
<u>3.1. As condições de vida dos fiéis e a identidade “lulista”</u>	<u>80</u>
<u>3.1.1. A questão da segurança e os ataques do PCC em São Paulo em 2012.....</u>	<u>83</u>
<u>3.1.2. Infra estrutura e serviços públicos: baixa qualidade, algumas melhoras ..</u>	<u>85</u>
<u>3.2 A campanha para prefeito</u>	<u>93</u>
<u>3.2.1.O Discurso institucional</u>	<u>93</u>
<u>3.2.2.A campanha pela Internet</u>	<u>95</u>
<u>3.3. A Recepção do discurso Institucional pelos Fiéis</u>	<u>100</u>
<u>3.3.1. Primeiro grupo: o voto moral</u>	<u>100</u>
<u>3.3.2. Segundo grupo: o voto Lulista</u>	<u>103</u>
<u>3.4. Hipóteses e reflexões: Um anti-Lulismo pentecostal?</u>	<u>106</u>
4. Considerações Finais	114

Bibliografia	117
Anexos	126

1. Introdução

Nos dias de hoje é comum observarmos – seja na Universidade, imprensa ou na vida cotidiana – reflexões acerca da influência da religião na esfera política. Diversos acontecimentos, como a criação, em 2011, da Frente Parlamentar mista contra o Aborto e em Defesa da Vida por agentes religiosos no Congresso Nacional; a assinatura de um acordo do governo brasileiro com o Vaticano, em 2009, estabelecendo a possibilidade de escolas públicas adotarem o ensino religioso; a eleição, em 2013, do Pastor Marco Feliciano para presidir a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal; a proposição da PEC 99/2011, que visa a permissão às instituições religiosas para propor Ações Diretas de Inconstitucionalidade (ADIN's); entre outros, geraram debates e reações na sociedade brasileira.

No âmbito eleitoral, a influência da religião também é objeto de discussões, seja a respeito dos valores políticos relacionados ao voto religioso, seja a respeito da importância eleitoral dos líderes eclesiais. Na atual Legislatura (2011 – 2014), segundo dados do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP), setenta e três parlamentares, sendo setenta deputados e três senadores, compõem a bancada suprapartidária evangélica no Congresso Nacional¹. Em termos de comparação, isso significa que caso pertencessem a um único partido político, este teria a terceira maior bancada da Câmara dos Deputados.

Este trabalho procura contribuir para o debate acerca dos mecanismos presentes na relação entre religião e voto hoje no Brasil. Trata-se de um Estudo de Caso, realizado durante as eleições municipais de 2012 em São Paulo, no qual explorei a dinâmica eleitoral por dentro de uma igreja da denominação Assembleia de Deus, ligada ao ministério Belém, em um bairro periférico da capital paulista.

Na observação realizada, abordei tanto as estratégias e discursos da instituição em questão, quanto o ponto de vista e as ações (incluindo o voto) dos seus fiéis, tanto no plano majoritário quanto no proporcional, procurando, também, estar aberto aos acontecimentos e ações da Igreja em questão em qualquer plano da esfera político-eleitoral no momento pesquisado.

¹ Segundo DIAP, acessado em 10/09/13: <http://www.diap.org.br/index.php/radiografia-do-congresso/bancadas-suprapartidarias/evangelica>

Esta pesquisa se estrutura nos moldes de um Estudo de Caso, com caráter etnográfico, em que utilizei três métodos associados: (i) A observação reflexiva das atividades na igreja selecionada, as quais envolvem cultos, eventos diversos relacionados à campanha eleitoral e eventos sociais da instituição; (ii) Coleta de documentação de interesse, tais como materiais de campanha dos candidatos indicados e apoiados pela instituição, jornais e informativos da Igreja que trataram das eleições; e (iii) Entrevistas com auxílio de um questionário semi-estruturado com pastores e fiéis da Igreja selecionada. Procuro, ao combinar o material coletado nas entrevistas e nos documentos com a observação – tanto das relações dos fiéis entre si, quanto dos fiéis com os líderes religiosos e com as suas próprias práticas – um maior entendimento sobre o papel da religião na ideologia e nas ações políticas desse grupo comunitário.

Como um Estudo de Caso e, mais especificamente, com elementos de uma “Etnografia da Política”², procurei – pontuando elementos do cotidiano, da política vivida pelas pessoas, das informações e do entendimento formulados pelos próprios investigados, nos seus próprios termos – um olhar atento às minúcias dos processos políticos no âmbito das experiências vividas. Busco pontuar elementos envolvidos nas decisões políticas cotidianas, que por vezes passam despercebidos nas análises quantitativas que buscam padrões e relações de causalidade entre variáveis predeterminadas e quantificáveis.

Na Ciência Política atual não são comuns os estudos de caráter etnográficos. A trajetória de constituição da Ciência Política como disciplina autônoma da Sociologia no Brasil, incorporando os pressupostos e métodos da Ciência Política norte-americana ajuda a explicar tal quadro³. Considero, entretanto, que essa relativa ausência acaba por distanciar diversos fenômenos políticos relevantes das pesquisas desse campo do saber. O estudo etnográfico de fenômenos políticos traz vantagens no entendimento sobre as dinâmicas locais, a interação entre as instituições e as pessoas, as noções de grupo e identidade, e o funcionamento da política no dia a dia (BAIOCCHI, G. CONNOR, B. 2008), que explicam e iluminam muitos pontos que nas análises macro sociais ou

² Sobre os Estudos Etnográficos da Política ver AUYERO, Javier 2006. ‘Introductory Note to Politics under the Microscope: Special Issue on Political Ethnography I.’ *Qualitative Sociology* 29: 257–259.; BAIOCCHI, Gianpaolo. CONNOR, Brian T. *The Ethnos in the Polis: Political Ethnography as a Mode of Inquiry*. *Sociology Compass* 2/1, 2008: 139–155

³ Para uma revisão da formação da Ciência Política no Brasil, ver FORJAZ, Lourdes Cecília Spina. A emergência da Ciência Política acadêmica no Brasil: aspectos institucionais. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 12, n. 35, Oct. 1997 e KEINERT, Fábio Cardoso; SILVA, Dimitri Pinheiro. A gênese da ciência política Brasileira. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 22, n. 1, June 2010

estatísticas não são percebidos. Por tal motivo, o diálogo entre os âmbitos micro e macro, entre as análises etnográficas e as interpretações estatísticas, só tem a enriquecer a explicação dos fenômenos políticos.

Nesse sentido, a despeito deste trabalho estar centrado na esfera local e se organizar de forma “micro”, espero que os resultados obtidos dialoguem com formulações mais amplas da Ciência Política e da Sociologia recente no plano dos estudos sobre o comportamento eleitoral, voto religioso das camadas populares e pentecostalismo. Mais especificamente, pretendo verificar se o apoio das camadas de mais baixa renda ao PT – que será abordado adiante – se dá também, e de que forma, entre pessoas pertencentes ao campo religioso pentecostal⁴, neste caso, da denominação Assembleia de Deus, cuja tendência – como será visto adiante – tem sido a de se aliar ao PSDB.

No decorrer do texto, procuro discutir a bibliografia acerca das principais características do grupo estudado: aspectos socioeconômicos, sua religião e sua posição na cidade. Para tratar dos aspectos econômicos, é indispensável a discussão das mudanças ocorridas nos últimos anos na pirâmide social brasileira e suas consequências eleitorais. Dentre os estudos que tratam do comportamento e ideologia políticos das camadas baixas da sociedade, destaca-se a tese sobre o lulismo (Singer, 2012). Para Singer (2012), entre 2002 e 2006, o Brasil passou por um realinhamento eleitoral, no qual as camadas de menor renda – que o autor chama de subproletariado – são incorporadas como base eleitoral do ex-presidente Lula, e posteriormente, do seu partido. Nesse momento, surge o fenômeno político denominado de lulismo, o qual incorporaria elementos de esquerda – como a redução da desigualdade – e de direita – como a manutenção da ordem. Dessa forma, tomando como base o trabalho de Singer (2012) – bem como outros textos que corroboram sua hipótese –, podemos inferir uma

⁴ O campo religioso Pentecostal abarca um conjunto extenso e altamente heterogêneo, compreendido por Igrejas como a Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Evangelho Quadrangular, Internacional da Graça, Universal do Reino de Deus, entre outras. O movimento Pentecostal tem origem nos Estados Unidos no início do século XX. Sua origem social remete a grupos populares e negros (MACHADO, 2006), enquanto sua inspiração bíblica se baseia no livro Atos dos Apóstolos, cuja leitura levou à crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, tais quais o dom de manifestar línguas (glossolalia), de cura e de discernimento dos espíritos. Dessa forma, os pentecostais creem que Deus age, por meio do Espírito Santo, na cura de doenças, na expulsão de demônios, entre outros milagres - e é sobre esse suporte de crenças que as práticas religiosas, os cultos, festividades e eventos, são realizados. Buscarei, no primeiro capítulo deste texto, uma melhor caracterização desse campo religioso.

predisposição do grupo estudado, pela sua proximidade com o subproletariado⁵, a votar nos candidatos petistas.

Por outro lado, ainda que os aspectos econômicos sejam fundamentais para o voto, eles não constituem o único marcador de destaque com influência política no grupo aqui estudado. Tais pessoas pertencem a um tipo de religiosidade específica, que vem crescendo em ritmo acelerado no Brasil, e que possui certas características fortes, seja no plano religioso, seja no plano político. Sobre este último, destaco a rejeição eleitoral aos candidatos petistas, bem como o apoio ao então candidato do PSDB à prefeitura de São Paulo em 2012, José Serra. Além disso, se destaca o tradicional lançamento de candidaturas “oficiais” da Igreja para o legislativo. No caso da Eleição paulistana de 2012, o ministério Belém da Assembleia de Deus se empenhou fortemente na candidatura de Marta Costa (PSD), filha de um dos grandes nomes da denominação, o Pastor José Wellington Bezerra da Costa.

Tal quadro compõe o que o sociólogo Seymour Lipset, na sua obra clássica “O Homem Político” (1967), denomina de “pressões cruzadas”. Tal fenômeno ocorre quando um grupo sofre pressões divergentes do meio social em que vive, uma que o inclina por um candidato ou partido, outra que o inclina para um candidato ou partido distinto (LIPSET, S. 1967: 214). A partir da constatação da divergência entre a tendência do voto das camadas de baixa renda e a orientação oficial dessa instituição religiosa, e tendo como eixo a hipótese teórica das pressões cruzadas, o presente projeto busca, por meio do olhar localizado, observar como se deu, na prática, a interação do posicionamento político da instituição junto a seus fiéis de baixa renda em um bairro da periferia de São Paulo na eleição de 2012.

No decorrer do trabalho, investigo a lógica por trás de cada uma dessas pressões divergentes, relatando o desfecho eleitoral de tal quadro. Além disso, busco traçar hipóteses sobre a interação das características políticas pentecostais com o lulismo. No que tange a lógica religiosa, encontrei características do tipo de relação que os fiéis possuem dentro da Igreja ressoando na política institucional. O sentimento de comunidade, a proximidade das relações, a rede de autoajuda e a noção de que o crente vive lógicas de “outro mundo” compõem elementos que ecoam nas eleições. Tais relações ainda são preenchidas com um programa político ligado à moral cristã, cuja

⁵ Os aspectos econômicos e de classe do grupo estudado serão vistos no capítulo 1

face mais evidente é a defesa da família tradicional e a repulsa das relações homoafetivas. Essa lógica encontrou caminho livre no plano Legislativo da eleição aqui estudada.

Já no plano da eleição para o Executivo a lógica religiosa se confrontou com os apelos socioeconômicos. Nesse quadro, a própria Igreja afirmou um apoio menos enfático, quase tímido, ao candidato José Serra (PSDB). Os fiéis mostravam estar atentos a algumas mudanças, ainda que também tímidas, nas suas condições de vida nos últimos anos, o que surtiu efeito eleitoral contra o candidato apoiado pela Igreja. Em consequência, os fiéis se dividiram em dois grupos: os que apoiavam e votavam no candidato indicado pela Igreja, e os que apoiavam no candidato indicado pelo ex-presidente Lula (PT). Outros candidatos foram cogitados em certos grupos em determinado período, mas foram rapidamente descartados conforme a campanha se estendia e as informações se disseminavam.

Estudos Eleitorais

No âmbito dos estudos eleitorais, esta pesquisa se situa em uma posição específica. Sendo assim, é importante, mesmo que de forma sucinta, traçar o quadro desses estudos para podermos localizar este trabalho e suas intenções. Dentre as três grandes linhas explicativas do voto – escola econômica, psicológica e sociológica⁶ – procuro resgatar para a discussão elementos que considero fundamentais da escola sociológica, pouco presentes em grande parte dos estudos acadêmicos recentes, inseridos principalmente na teoria econômica do voto⁷.

De forma breve, podemos apontar que para os autores da tradição sociológica a inserção social das pessoas possui um papel fundamental nas suas escolhas no âmbito eleitoral. As análises dessa perspectiva utilizam elementos como a classe social, as

⁶ Como boas revisões dessas escolas, que não caberia fazer aqui, ver Figueredo(1991) e Castro (1994).

⁷ Os estudos baseados na teoria econômica do voto – também chamada de teoria da escolha racional - consideram que as eleições funcionam de maneira análoga ao mercado, com os eleitores procurando maximizar seus interesses por meio do voto. A opção por um candidato ou partido se daria de acordo com o que tal candidato ou partido realizou quando esteve no poder – no caso do voto retrospectivo – ou no que o mesmo propõe para ser feito no futuro – no caso do voto prospectivo. Esses estudos dão pouca ênfase para clivagens sociais e para saber como as pessoas fazem as suas escolhas, considerando suas visões de mundo – em outras palavras, sua Ideologia.

relações sociais, as experiências de vida, além de dimensões culturais, étnicas e religiosas como fundamentais para que os eleitores optem por candidatos mais à esquerda ou à direita do espectro político. Os elementos ideológicos, dessa forma, ocupam um papel central, diferentemente do que acontece na abordagem psicológica e econômica – nas quais, respectivamente, a Ideologia é entendida como identificação e como um atalho informativo para as escolhas individuais⁸.

No que toca à escola sociológica do voto, um dos trabalhos de maior evidência é o clássico “Homem Político”, de Lipset (Lipset, 1967). Nesse estudo, o autor traça padrões entre o eleitorado europeu, agrupando-o em campos conservadores e liberais de acordo com categorias geográficas, religiosas, de classe e ocupação profissional. Outros trabalhos inseridos na escola sociológica trazem elementos e influências teóricas distintas. No Brasil, temos os trabalhos de Francisco Weffort (Weffort, 1968), de cunho marxista; Azis Simão (Simão, 1956); e Pierucci (Pierucci, 1989, 1994), trazendo inspiração da sociologia de Bourdieu. Mais recentemente, André Singer (2012) retoma essa tradição, trazendo as categorias de Classe e Ideologia para explicar o fenômeno do lulismo. Em seu trabalho, mais do que explicar os resultados eleitorais da última década, Singer (2012) traz uma interpretação sobre a sociedade brasileira nos seus aspectos econômicos e políticos, a qual este trabalho toma como referência.

Tendo em vista a crescente importância dos grupos religiosos e suas pautas na dinâmica política brasileira, considero importante pensar as implicações desse fato para a conjuntura política atual, marcada pelo fenômeno lulista. Dessa forma, essa pesquisa procura trabalhar com o demarcador religioso em conjunto com aspectos socioeconômicos que compõem a análise da política atual brasileira sob a interpretação do lulismo de Singer (2012).

Tal abordagem apresenta algumas diferenças no âmbito dos estudos brasileiros que tratam a influência da religião no plano eleitoral. Em termos gerais, podemos dizer que boa parte desses estudos ou são centrados em cruzamentos estatísticos que buscam associações entre grupos religiosos e o voto – “isolando” o fenômeno religioso, sem dar-lhe conteúdo político e ideológico –, ou então procuram tratar do âmbito micro, observando os elementos simbólicos sem conectá-los a uma conjuntura política mais

⁸ No que se refere à escola econômica, ver Downs (1957). Como exemplos de estudos que tratam da ideologia como identificação, ver Lamounier (1975).

ampla. O que pretendo com este trabalho é relacionar a observação realizada com uma interpretação acerca da política nacional, buscando levar em conta tanto aspectos religiosos como os ligados ao plano socioeconômico.

É preciso constar que privilegio aqui a abordagem da política ligada ao âmbito institucional. Isso não significa que nego as concepções foucaltianas acerca do político, que analisam o poder nas microrelações da sociedade e do mundo público. Significa apenas que darei ênfase para os aspectos do mundo social que se ligam na política realizada no âmbito do Estado, dos partidos e das instituições – no caso desta pesquisa, de uma instituição religiosa. Também é preciso constar que não procuro quantificar os votos nos candidatos presentes no ambiente pesquisado. O que pretendo é discutir os eventos, a dinâmica e as escolhas eleitorais dentro da visão de mundo dos fiéis, ou seja, a ideologia destes por trás do comportamento eleitoral.

A escolha do caso e os procedimentos metodológicos

O processo de escolha da Igreja a ser pesquisada passou por diferentes etapas. No início, a decisão foi sobre qual a melhor denominação religiosa para realizar a pesquisa, tendo em vista o perfil socioeconômico esperado de fiéis, e o próprio perfil da Instituição – procurei uma Igreja que tomasse posições públicas acerca da política, tanto em termos mais amplos quanto na política eleitoral, a fim de verificar como (e se) ela influenciava politicamente os seus fiéis. Diante de tais critérios, optei pela denominação Assembleia de Deus, que aparece com destaque na bibliografia que trata do ativismo religioso na esfera política – como será mostrado adiante. Além desse fato, segundo os dados disponíveis⁹, seu perfil socioeconômico era destacadamente de menor renda em comparação com as outras grandes religiões. Considerei também como relevante a Assembleia de Deus por ser a maior denominação evangélica do País, sendo inclusive a segunda maior confissão religiosa nacional, somente atrás da Igreja Católica.

⁹ Naquele momento da pesquisa, os dados do Censo de 2010 sobre religião ainda não haviam sido disponibilizados, o que fez com que utilizássemos como parâmetro os dados do Censo 2000 e os da pesquisa da FGV intitulada “Novo Mapa das Religiões no Brasil”.

A partir daí surgiu um problema, ligado à própria organização e “natureza” da Assembleia de Deus. Diferentemente de outras Igrejas da vertente evangélica, como por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a Assembleia de Deus não possui uma organização centralizada – chamada de episcopal. Ao contrário, cada templo possui relativa autonomia, e os mecanismos de centralização são os chamados “ministérios”, que compreendem uma rede de Igrejas que funcionam sob o mesmo estatuto e seguem os mesmos princípios teológicos e práticas de pregação. Além dos ministérios – que são vários – há diferentes convenções, que funcionam como reuniões dos ministérios e dos pastores organizados autonomamente. As principais convenções que existem são a Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB), que reúne vários ministérios, e a Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil - Ministério Madureira (CONAMAD), que como o próprio nome diz, congrega principalmente o ministério Madureira. Além dessas duas principais, outras Convenções menores foram fundadas nos últimos anos.

Nesse quadro de fragmentação, além de diferenças nas práticas religiosas, surgem também diferenças políticas entre os distintos segmentos da Assembleia de Deus. Nas eleições presidenciais de 2010, por exemplo, o Bispo Manoel Ferreira, presidente da CONAMAD, apoiou formalmente a candidatura de Dilma Rousseff (PT)¹⁰, enquanto que as Igrejas ligadas à CGADB, na mesma eleição, apoiaram o candidato Serra (PSDB)¹¹. Tendo isso em vista, como esta pesquisa tem o interesse de verificar a identificação lulista junto a um ambiente religioso hostil ao campo petista, optei por realizar essa pesquisa no principal ministério que compõe a CGADB – o ministério Belém.

É importante frisar que, durante todo o tempo em que esse processo de escolha perdurou, frequentei cultos em diversas igrejas, de diferentes denominações evangélicas, diferentes ministérios dentro da própria Assembleia de Deus, e diferentes templos dentro do mesmo ministério, fazendo contatos dentro do meio, explicando meus objetivos e colhendo informações. A partir desse “pré-campo”, obtive respaldo

¹⁰ O Bispo publicou na época, em seu site www.manoelferreira.com.br uma “Carta Aberta à Nação Brasileira”, em que manifestou sua adesão – e por consequência, a de suas Igrejas - à candidatura de Dilma Rousseff. A carta pode ser conferida também na rede social utilizada para a campanha petista <http://dilmanarede.com.br/beneditadasilva/blog/carta-do-bispo-manoel-ferreria-em-apoio-a-dilma><http://dilmanarede.com.br/beneditadasilva/blog/carta-do-bispo-manoel-ferreria-em-apoio-a-dilma> acessado em 15 de agosto de 2012.

¹¹ Segundo <http://noticias.terra.com.br/eleicoes/2012/noticias/0,,OI5723686-EI19136,00-Serra+consegue+apoio+de+grupo+da+Assembleia+de+Deus.html> acessado em 15 de agosto de 2012.

para escolher em qual região e qual templo iria realizar esta pesquisa. Os critérios que levei em consideração foram a presença de informantes, a receptividade dos fiéis, além, é claro, da presença majoritária de fiéis dentro do perfil socioeconômico esperado, e a localização dentro das áreas da cidade que, ao menos nas últimas duas eleições, foram regiões em que o PT obteve maioria dos votos para o executivo nas eleições municipais. A Igreja que mais satisfatoriamente reuniu essas condições foi a do bairro do Campo Limpo, na zona sul da cidade de São Paulo. O Campo Limpo pode ser descrito como um bairro de periferia consolidada da cidade, ou seja, um setor intermediário entre os distritos centrais e as periferias mais longínquas, as quais ainda estão em processo de crescimento populacional.

Dentro da organização administrativa do ministério Belém, o templo escolhido é a sede de um setor – o setor 104 –, e é responsável por outros 12 templos menores, nos arredores do bairro, que são chamados de “congregações do setor 104”. Os pastores dessas congregações respondem ao pastor responsável pela “sede” do setor, que é também o pastor que dirige os cultos nesse templo. A igreja foi aberta em 1994, construída no esquema de “mutirão”, pelas mãos dos pastores e dos próprios fiéis. Possui, além do espaço para cultos, um espaço que serve de estacionamento, espaço para festas, além de salas destinadas a fins administrativos.

Durante a semana são realizados cultos quase diariamente. Aos sábados também há culto e, nesse dia, uma vez por mês, acontece a cerimônia que representa a santa ceia bíblica. No domingo, além do culto, há a escola dominical, que funciona como pequenas classes de aula onde se estuda a bíblia. Além desses cultos, ocorrem vigílias em que os fiéis chegam a passar até 24 horas seguidas na Igreja, além de outras atividades, como cruzadas evangelísticas etc. A Igreja possui grupos que se organizam para atividades diversas: o grupo de jovens, grupo de mulheres, grupo dos adolescentes e grupo de crianças, além do “grupo da banda”. O número de fiéis presentes nos cultos oscila de acordo com os dias da semana e as atividades da Igreja. Nos finais de semana, costumam haver cerca de 120 membros no culto. Nos dias de semana, em torno de 20. Em cultos específicos, em que há jornadas e eventos dos grupos, os presentes ultrapassam os 180.

Em termos eleitorais, como era esperado, a Igreja anunciou oficialmente no início da campanha eleitoral o apoio para a candidatura a prefeito de José Serra (PSDB).

Para vereadora, a Igreja apoiou de maneira intensa a candidata Marta Costa (PSD), que é também a responsável pelo setor de crianças do ministério Belém, além de filha do pastor presidente do Ministério Belém e da CGADB, José Wellington Bezerra Costa.

Procurei estar presente ao menos uma vez por semana nas atividades da Igreja, durante todo o ano de 2012. Nos primeiros meses e no período de campanha eleitoral, cheguei a frequentar dois cultos semanais. No final dos mesmos, costumava acompanhar as conversas dos fiéis e, no período de campanha, perguntar sobre os acontecimentos relacionados aos candidatos. Pude perceber, nessa época, que meu interesse pelas eleições fazia com que as pessoas tocassem no tema quando em minha presença. Vale constar que, durante o período de campo, criei laços de amizade, os quais me fizeram frequentar reuniões sociais em casas de fiéis.

No início do trabalho de campo, realizei 12 entrevistas com fiéis de diferentes famílias, tendo em vista criar maior familiarização com os mesmos e questionar pontos sobre as trajetórias religiosas, trajetórias de vida, compromissos com a Instituição e percepções sobre a atuação da Igreja na esfera eleitoral e na relação com o Estado. Já no período eleitoral, com base no que observava nos cultos e nas conversas, realizei outras sete entrevistas, com pessoas já entrevistadas anteriormente, mais específicas sobre as eleições e os candidatos. Maiores informações sobre os fiéis entrevistados podem ser conferidas no anexo 1, bem como no decorrer do texto. É importante dizer que os nomes dos fiéis foram trocados para preservar as suas identidades. Fora os fiéis, também entrevistei dois pastores e mantive contato regular com outras pessoas da direção da igreja.

Organização do texto

O capítulo 1 apresenta a discussão bibliográfica sobre as características sociais do grupo pesquisado. Nessa seção procuro tratar das características socioeconômicas, religiosas e geográficas dos pesquisados, bem como os aspectos políticos eleitorais ligados a esses marcadores.

No capítulo 2, inicio a apresentação dos resultados da observação realizada junto à sede do ministério Belém do Campo Limpo, abordando tanto o âmbito do posicionamento da Igreja quanto o dos fiéis comuns. Nesse capítulo, trato especificamente da eleição no plano legislativo. Nesse plano, discuto a própria relação dos fiéis com a instituição e entre si, pois considero que tal tipo de relação, marcada pela proximidade e pelo sentimento de comunidade, influencia muito no comportamento eleitoral. Também aí discuto o programa político da Instituição e dos fiéis, ligado fortemente a aspectos morais.

No Capítulo 3, continuo a discussão da campanha eleitoral vista de dentro da Igreja, mas agora para o Executivo. Foi em tal plano, principalmente, que se expressou o caso de “pressões cruzadas”, em que a filiação religiosa e as questões oriundas do plano socioeconômico criam incentivos que se chocam. No final desse capítulo, busco analisar as informações coletadas no âmbito das relações entre os discursos presentes na Igreja e o fenômeno do lulismo. Nesse sentido, levanto a hipótese de que os pentecostais possuem uma relação de tensão com a política lulista, podendo constituir um bloco antilulista, com conteúdo religioso, como também um voto lulista algo desconfiado.

As Considerações finais, por sua vez, encerram a dissertação fazendo uma síntese da pesquisa desenvolvida e levantando questões para futuros trabalhos.

Capítulo 1. Características sociais e políticas do grupo estudado

Este trabalho diz respeito a questões recentes da política brasileira, as quais pretendo discutir, nos limites cabíveis, neste capítulo. Uma dessas questões é a crescente importância de setores religiosos – mais especificamente evangélicos – na política nacional. Tais setores, como pretenderei argumentar, compõem um bloco predominantemente conservador. Outra questão em que este trabalho toca é a do realinhamento eleitoral acontecido entre os anos de 2002 e 2006, em que as camadas sociais pobres passam a votar no PT nas eleições nacionais. Esse é um fenômeno importante para esta pesquisa, pois o grupo aqui estudado se enquadra justamente nessas camadas de baixa renda. Ao longo do presente capítulo procurarei discutir, portanto, duas características sociais do grupo pesquisado: a sua filiação religiosa e as suas condições socioeconômicas.

1.1. Características religiosas

O grupo aqui estudado pertence a uma denominação religiosa que traz uma série de características a serem pontuadas. Consiste em um grupo evangélico pentecostal da denominação Assembleia de Deus, pertencendo a um dos seus principais segmentos – o ministério Belém. É importante, neste ponto, fazer considerações acerca dessas classificações e denominações, o que ajudará também no entendimento de qual grupo religioso especificamente esta pesquisa trata.

Segundo Mariano (1999), na América Latina o termo “evangélico” encobre um campo religioso extenso, que vai desde as Igrejas do chamado “protestantismo histórico”, até as diferentes modalidades de Igrejas pentecostais. Como protestantismo histórico se entende Igrejas como a Luterana, Presbiteriana, Anglicana, Metodista e Batista, nascidas e descendentes da reforma protestante europeia do século XVI, trazidas ao Brasil pela imigração, caracterizadas por um baixo grau de proselitismo, com um comportamento mais “fechado”, ou seja, uma sociabilidade em que predominam as pessoas da própria religião. Já as Igrejas Pentecostais abarcam um conjunto extenso e heterogêneo, compreendido por Igrejas como a Assembleia de Deus,

Congregação Cristã do Brasil, Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, Internacional da Graça, Universal do Reino de Deus, Mundial do Reino de Deus, entre muitas outras.

O movimento Pentecostal tem origem nos Estados Unidos no início do século XX. Sua origem social remete a grupos populares e negros (MACHADO, 2006), enquanto sua inspiração bíblica se baseia no livro Atos dos Apóstolos da Bíblia, cuja leitura levou à crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, tais quais os dons de manifestar línguas (glossolalia), de cura e de discernimento dos espíritos. Dessa forma, os pentecostais creem que Deus age, por meio do Espírito Santo, na cura de doenças, na expulsão de demônios, entre outros milagres¹² – e é com base nessas crenças que as práticas religiosas, os cultos, festividades e eventos são realizados.

Mariano (1999), partindo principalmente de Paul Freston, (1993) divide o movimento pentecostal no Brasil em três “tipos”: o pentecostalismo clássico, o deuteropentecostalismo e o neopentecostalismo. A Assembleia de Deus (AD), que é a Igreja aqui estudada, é tida como pertencente ao pentecostalismo clássico. A marca desse grupo, no seu início, seria a ênfase no “dom das línguas” – ou seja, na manifestação de “línguas estranhas” pelos fieis – além da crença na volta eminente de Cristo, do anticatolicismo e do comportamento radical de sectarismo e ascetismo de rejeição ao mundo exterior. Segundo Mariano (1999), tal grupo era composto principalmente por pessoas pobres e de pouca escolaridade, que eram discriminados tanto pelos Protestantes históricos como pela Igreja Católica (MARIANO, 1999).

Apesar dessa classificação trazer pontos esclarecedores, é preciso ter em mente que tais tipos ideais não buscam traduzir plenamente a realidade, mas sim ordená-la e facilitar sua compreensão. Além disso, cabe-nos constatar que, como Mariano (1999) afirma, o neopentecostalismo vem exercendo forte influência no pentecostalismo clássico e no deuteropentecostalismo. Hoje é comum observar diversas das práticas neopentecostais¹³ em Igrejas que, pouco tempo atrás, eram tidas como fortemente

¹² No livro Atos dos Apóstolos, capítulo 2, se relata que no quinquagésimo dia da ressurreição de Cristo, os apóstolos teriam manifestado o Espírito Santo, falando línguas de fogo e línguas estranhas. Tal episódio é a base para a teologia pentecostal. Sobre esta, ver McAllister (1977).

¹³ Entre as características dos neopentecostais, Mariano (1999) destaca a ênfase na guerra espiritual contra o Diabo e seus anjos - geralmente associados a figuras de religiões mediúnicas e afro-brasileiras - a Teologia da Prosperidade, e a maior flexibilidade nos costumes e condutas exigidas dos fiéis. Há de se destacar também, ressaltado por Oro (1992), a estrutura organizativa das Igrejas na forma empresarial. Além dessas características, observam-se também outras, já encontradas em algumas das denominações do movimento Deuteropentecostal e Pentecostal Clássico, tais como: as lideranças fortes, a pouca inclinação à tolerância, a alta expressividade emocional nos seus cultos, os rituais de cura e exorcismo e a

ascéticas. É o caso da Assembleia de Deus, em que mesmo suas vertentes mais conservadoras, já se observam práticas como a flexibilização dos costumes, o uso de mídias de massa e discursos incentivadores da prosperidade material.

A Igreja Assembleia de Deus tem origem na imigração de dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, que chegam ao Brasil em 1911, no Estado do Pará, inicialmente congregando pela Igreja Batista. Poucos meses depois, ocorre um cisma, devido ao acontecimento da “mensagem pentecostal¹⁴” sobre os missionários, ocasionando a exclusão de 19 fiéis da Igreja Batista, incluindo aí os missionários mencionados, que formariam outra comunidade religiosa, denominada à época de “missão de fé apostólica”. Nos anos seguintes, novos missionários suecos chegariam ao Brasil integrando a nova Igreja, que no ano de 1918 seria registrada oficialmente com o nome Assembleia de Deus. Nas primeiras décadas, a nova denominação possuía influência sueca. No entanto, a partir de 1946, com o seu registro estatutário como uma convenção geral de âmbito nacional, e com a criação de um órgão de imprensa e produção oficial de seu material – a CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), utilizando recursos norte-americanos, a Assembleia de Deus no Brasil abandona a influência sueca e passa a ter influência norte-americana. (FRESTON, 1993; ALENCAR, 2010).

Há que frisar que, no início do século XX, a Igreja Católica realizava missas em latim, a Igreja Luterana em alemão, a Anglicana em inglês, e até mesmo a Congregação Cristã do Brasil, de origem pentecostal, realizava seus cultos em italiano. Somando-se isso à falta de reconhecimento e até mesmo à perseguição aos cultos de origem africana, tem-se um espaço muito reduzido para a expressão da religiosidade popular (ALENCAR, 2010). É nesse cenário que a Assembleia de Deus inicia os seus trabalhos, incorporando principalmente os setores mais populares da população. Nas primeiras décadas, o crescimento da Igreja se deu principalmente nas regiões norte e nordeste, para depois conquistar todo o território nacional. Hoje a Assembleia de Deus é a

participação política. O conjunto dessas características reunidas tornam os neopentecostais distintos dos movimentos anteriores não só pelo corte histórico que separa os movimentos, mas também por características doutrinárias. A grande mudança seria de que esse pentecostalismo seria o primeiro a romper com o ascetismo e a se compreender realmente como movimento de afirmação do mundo, o que implica, entre outras coisas, a busca pela prosperidade material e a disputa na esfera pública e política (Mariano, 1999).

¹⁴ Apesar de hoje em dia existirem ramificações batistas “renovadas” ou “avivadas”, A Igreja Batista não é uma Igreja Pentecostal, não postulando – principalmente naquela época – dos “dons do espírito santo”.

segunda maior denominação do país, ficando atrás somente da Igreja Católica. São mais de 12 milhões¹⁵ de fieis no Brasil, separados entre os diversos segmentos e ministérios.

O sistema de governo interno da Assembleia de Deus é caracterizado por Freston (1993) como sendo “oligárquico e caudilhesco”. Isso implica, na prática, em uma “complexa teia de redes composta por igrejas-mães e igrejas e congregações dependentes” (FRESTON, 1993:72). São os chamados “ministérios”, que concentram Igrejas com relativa autonomia financeira e autonomia e práticas “congregacionais”, ou seja, com organização própria nos templos, nas atividades transversais aos cultos, tais quais grupos de jovens, crianças, adolescentes, música, teatro, etc. (Fernandes et al., 1998). Os ministérios, por sua vez, podem estar associados a Convenções estaduais e nacionais. As principais – porém não únicas – convenções nacionais da Assembleia de Deus são a Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB), e a Convenção Nacional Ministério Madureira (CONAMAD).

A Igreja que frequentei para esta pesquisa faz parte do Ministério Belém, que é considerado o principal Ministério que compõe a CGADB¹⁶. Tanto o Ministério Belém quanto a CGADB são presididos pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa¹⁷. No plano organizacional, esse ministério é dividido em vários setores, e a Igreja frequentada é a sede do setor 104, do Campo Limpo. Dentro do conjunto que corresponde à Assembleia de Deus, o Ministério Belém é tido como um dos mais conservadores em relação aos costumes. Na sua organização, os divorciados não podem assumir funções importantes, o casamento é um dos critérios de progressão nos postos da Igreja, e as vestimentas típicas – correspondentes ao uso de saias pelas mulheres, e abdicação de artefatos que demonstrem vaidades, como joias, maquiagem, etc. – ainda que não sejam obrigatórias, são predominantes entre os fieis.

Oficialmente, o Ministério Belém rechaça a chamada Teologia da Prosperidade¹⁸. No entanto, estando presente em cultos, observei pregações que trazem

¹⁵ Segundo dados do IBGE Censo 2010

¹⁶ Tal ministério possui proeminência política entre os demais no interior das Assembleias de Deus: seu presidente, o Pr. José Wellington da Costa, é também o presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil – órgão que reúne os principais ministérios das ADs.

¹⁷ O Pastor José Wellington Bezerra da Costa é nascido no município de São Luis do Curu, no Ceará (CE). Desde 1980 é pastor do Ministério Belém e, desde 1988, é presidente da CGADB. Para mais informações, ver ARAUJO, I. José Wellington Bezerra da Costa – Biografia. Rio de Janeiro: CPAD, 2012

¹⁸ A chamada Teologia da Prosperidade não constitui uma teologia em si, mas sim um conjunto de crenças, influências e doutrinas que, grosso modo, reivindicam a posse de felicidade, da saúde e

elementos dessa teologia, tais como pregações afirmando aos fiéis que, ao seguir no “caminho correto”, as bênçãos de Deus se derramariam sobre a vida deles, trazendo a prosperidade material. É necessário frisar, contudo, que a ênfase dos cultos não se dá na questão da prosperidade, e que tal tema aparece, em minha avaliação, de forma mais marginal do que em outros setores da própria Assembleia de Deus, como o Ministério Vitória em Cristo, no Rio de Janeiro, ou o Ministério Brás, de São Paulo, bem como em Igrejas neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

O templo escolhido para ser frequentado nesta pesquisa é a sede do setor 104 do ministério Belém, que centraliza outras 12 igrejas, chamadas de “congregações”, que respondem ao pastor responsável do setor, que por sua vez responde ao presidente do ministério, o pastor Wellington Bezerra da Costa. O templo foi construído no Campo Limpo, na periferia da metrópole paulistana, em 1994 no esquema de “mutirão”, pelas mãos dos pastores e dos próprios fiéis. Consiste em um espaço de médio porte, o qual além da área reservada para cultos, possui também espaço que serve de estacionamento, além de um espaço para festas e de salas destinadas a fins administrativos. A posição dessa igreja na cidade segue o padrão descrito por Almeida e D’Andrea (2004) e Almeida (2004). Tais autores ressaltam que os templos da Assembleia de Deus estariam dispostos justamente nas áreas de maior vulnerabilidade da cidade, próximos aos locais de moradia dos seus fiéis.

A associação entre espaços periféricos, setores vulneráveis e igrejas pentecostais traz ainda outras implicações. Almeida e D’Andrea (2004), em estudo etnográfico na favela de Paraisópolis, na zona sul de São Paulo, destacam a importância do associativismo religioso pentecostal no local¹⁹. Esse associativismo desempenha um papel fundamental na formação de redes de solidariedade e sociabilidade entre os moradores das periferias, atraindo pessoas em estado de vulnerabilidades. Essas redes atuam em favor da valorização da pessoa e das relações sociais, trazendo efeitos como o aumento da autoestima, o impulso empreendedor e a ajuda mútua, através da

principalmente, da riqueza para o bom religioso. Nessa doutrina, os fiéis devem doar dinheiro às igrejas e exigir as bênçãos divinas. Os males do mundo, entre eles a pobreza, são advindos do demônio, e são resultados do pecado e da falta de fé.

¹⁹ A despeito do estudo de Almeida centrar-se em Paraisópolis, a importância do associativismo religioso pode ser conferida de forma geral nas periferias. Adrian Lavalley (2001), a partir de levantamento quantitativo na Região Metropolitana de São Paulo, demonstra que entre a camada mais pobre da cidade que participa de algum tipo de associação, cerca de 70% participam de associação religiosa – na qual os evangélicos ocupam lugar de destaque.

criação e estabelecimento de lações de confiança e de fidelidade. Tais redes são muito presentes na Igreja observada, como será visto no capítulo 2.

A rotina das atividades da Igreja consiste na realização de cultos quase que diariamente, a depender da semana e do calendário de festividades religiosas. Aos sábados, uma vez ao mês, acontece a cerimônia que representa a santa ceia de Cristo. No domingo, além do culto, há a escola dominical, que funciona na formação de pequenas classes de aula onde a bíblia é estudada. Além dessas atividades sistemáticas, esporadicamente ocorrem vigílias nas quais, por vezes, os fiéis chegam a passar até 24 horas seguidas no espaço físico da igreja, além de outras atividades, como cruzadas evangelísticas, etc. A Igreja possui grupos fixos que se organizam para atividades diversas durante o ano: o grupo de jovens, grupo de mulheres, grupo dos adolescentes e grupo de crianças, além do “grupo da banda”. O número de fiéis presentes nos cultos oscila de acordo com os dias da semana e as atividades da Igreja. Nos finais de semana, costumam haver cerca de 120 membros no culto. Nos dias de semana, em torno de 20. Em cultos especiais, em que há jornadas e eventos dos grupos, os presentes ultrapassam os 180.

Figura 1. Fachada da Sede do Setor 104

Figura 2. Encontro de Mulheres do setor 104

1.2. Características socioeconômicas

Os evangélicos correspondem ao grupo religioso com maior proporção de setores de baixa renda, como pode ser visualizado no gráfico 1, e também se posicionam principalmente nas periferias, como discutido anteriormente (ALMEIDA, 2004). O grupo aqui estudado faz jus a essas duas características: tais pessoas são residentes do bairro do Campo Limpo, na periferia de São Paulo, e também possuem baixa renda, como pontuarei adiante. Pretendo, neste ponto, apresentar brevemente as características sociais e econômicas de tal grupo, para discutir, em seguida, as implicações eleitorais de tais características presentes na literatura sobre comportamento eleitoral.

Gráfico 1 – Perfil de Renda* por Religião

* Renda familiar per capita. Fonte: (Censo 2010, IBGE)

Tendo em mente a composição socioeconômica dos evangélicos pentecostais, e também procurando ir ao encontro das características da base eleitoral lulista, a própria escolha da Igreja observada por esta pesquisa se deu visando o encontro com fiéis de baixa renda. Tal característica, no entanto, precisava ser confirmada no campo. Nas entrevistas conferi que os fiéis com os quais conversava não ultrapassavam os dois salários mínimos de renda familiar per capita, o que considerei dentro do perfil esperado²⁰. Tal característica, no entanto, não pode ser generalizada entre todos os fiéis,

²⁰ A partir dos dados do gráfico 1, podemos conferir que 67% dos evangélicos pentecostais do Brasil possuem até 1 salário mínimo de renda familiar per capita. Dentre os entrevistados por esta pesquisa, apesar de alguns se enquadrarem nesse perfil, predominaram os valores um pouco acima do citado, sem

visto que não possuo esses dados. Apesar disso, é razoável esperar que esse seja um padrão predominante.

As condições econômicas do grupo estudado implicam e se relacionam com as condições do bairro, de moradia, de transporte e de acesso a serviços públicos em geral. Os entrevistados por esta pesquisa residem no distrito do Campo Limpo, que se situa na zona sul do município de São Paulo, fazendo divisa com os distritos de Capão Redondo, Jardim São Luis, Vila Andrade, Vila Sônia, além do município de Taboão da Serra, a seu lado oeste. Segundo informações da subprefeitura, o Campo Limpo está a uma distância de vinte quilômetros do marco zero da cidade. Segundo ainda informações da subprefeitura, o bairro era inicialmente formado por chácaras e áreas verdes, que foram sendo loteadas a partir dos anos 1960 ao longo da principal via do bairro, a Estrada do Campo Limpo. O seu povoamento se deu, em sua maioria, por moradores pobres oriundos do interior do estado de São Paulo e da região nordeste do Brasil, a partir da década de 1960 e caracterizados por formas de habitação precárias. Segundo o censo de 2010, a região conta com 216.098 habitantes. Durante a década de 1970 e 1980, o crescimento dessa região ocorreu de forma intensa, sem que tenha existido um planejamento dos órgãos e serviços públicos. Tais características da formação do bairro, povoamento e habitação condizem com pontos presentes na bibliografia sobre a cidade de São Paulo nas décadas citadas. Destaco nessa literatura os livros de Kowarick (1979)²¹ e Maricato (1987)²².

A partir dos anos 1990, ainda de acordo com informações da subprefeitura e da prefeitura municipal, o Campo Limpo passa por um processo de crescimento imobiliário, com grandes empreendimentos cercados por muros, com segurança e área de lazer interna, o que atraiu moradores de classe média, interessados na localização

ultrapassar, no entanto, mais do que dois salários mínimos. Creio que essa pequena diferença pode ser atribuída às características locais da cidade de São Paulo.

²¹ Kowarick (1979) formula o conceito de espoliação urbana, sintetizando os processos vividos pelos trabalhadores na cidade em um quadro abrangente. Tal conceito embarcaria a somatória de extorsões que promoveriam uma degradação ainda maior dos trabalhadores, decorrentes da precariedade e ausência de serviços de consumo coletivo necessários à sua própria reprodução na condição de trabalhadores. Essa noção de espoliação fornece uma chave de entendimento tanto para a compreensão do processo de estruturação da cidade, como para a questão dos graus de inclusão no acesso aos serviços públicos urbanos.

²² No que diz respeito à ocupação dos espaços urbanos periféricos, nos anos 1980 surgiram uma série de trabalhos focando a produção de loteamentos, a autoconstrução, e as formas de habitar dos setores populares da cidade. O livro “Produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial”, organizado por Ermínia Maricato, traz estudos de referência nesse segmento, e aponta a solução habitacional baseada nos moldes do loteamento periférico, da casa própria e da autoconstrução como o padrão periférico de crescimento urbano (MARICATO, E. (org) 1987).

próxima a centros como a região da avenida Luiz Carlos Berrini e da avenida Santo Amaro. Esse processo de isolamento, criação de tecnologias e estratégias de proteção, e segregação é semelhante ao que Tereza Caldeira descreve em “Cidade de Muros” (2001)²³. Na década de 2000, o bairro ganhou melhorias, como um CEU (Centro Educacional Unificado), o terminal Campo Limpo, que concentra as linhas de ônibus em toda a região, uma Universidade – Uniban -, a ampliação do comércio, além de investimentos em canalizações e piscinões, que conseguiram diminuir os índices de enchentes e alagamentos comuns na região.

É importante citar que, apesar do bairro apresentar áreas e setores de vulnerabilidade, não se trata de um bairro da “última periferia”. O Campo Limpo pode ser descrito como um bairro de periferia consolidada da cidade, ou seja, um setor intermediário entre os distritos centrais e as periferias mais longínquas, ainda em processo de crescimento populacional.

²³ Em tal obra, a autora retrata a emergência de um novo padrão de segregação na cidade de São Paulo, que estaria em curso desde os anos 1980, quando a questão da violência e criminalidade passou a ganhar centralidade no cotidiano e no debate acerca da cidade. Nesse novo padrão de segregação ganha destaque a figura dos “enclaves fortificados”, compostos por condomínios privatizados e monitorados por sistemas de segurança, exercendo o efeito da separação em relação ao restante da cidade e dos espaços públicos tradicionais – esses deixados aos mais pobres.

Figura 3: O distrito do Campo Limpo em São Paulo

O comércio da região é bem desenvolvido, ocupando boa parte da Estrada do Campo Limpo e da Avenida Carlos Lacerda. Entre os tipos de habitações há tanto as casas com fachadas e acabamento, se aproximando da estética de casas de classe média de bairros menos periféricos, quanto aglomerações de casas em situação de precariedade, com deficiências de estrutura e sem acabamento. Mas mesmo dentro das moradias próximas a córregos e em estado de maior vulnerabilidade que visitei se encontram bens de consumo como televisões, computadores e geladeiras. Como será visto no capítulo 3, a percepção dos moradores é de que o bairro melhorou nos últimos anos, com maior oferecimento de serviços e de comércio na região.

É possível dizer que o Campo Limpo é um bairro com certa tradição de mobilização social. Ele abriga uma série de ONGs, movimentos sociais e saraus, além de um CEU, que recebe uma boa quantidade de pessoas nos finais de semana. É de notar também a grande quantidade de Igrejas evangélicas, tanto nas vias principais, como a Estrada do Campo Limpo ou a Avenida Carlos Lacerda, quanto nas vias menores e nas “quebradas”.

Dentre as pessoas que conheci e conversei na Igreja, a maior parte delas mora nas redondezas do templo, em moradias pobres, e próximas à parte “central” do bairro, nos arredores da Estrada do Campo Limpo e da Avenida Carlos Lacerda, onde se concentra a maioria do comércio e dos serviços da região, além do Terminal Campo Limpo, onde se concentram as principais linhas de transporte que ligam o bairro ao restante da cidade. Boa parte desses fiéis vai e volta dos cultos e atividades a pé.

Figura 4. Vista de área próxima à Igreja, no Campo Limpo

Figura 5. Vista de área próximo à Igreja, no Campo Limpo.(2)

Tendo apresentado brevemente as principais características religiosas e socioeconômicas do grupo estudado, cabe-nos discutir os aspectos eleitorais a elas associadas na literatura sobre comportamento eleitoral. Como procurarei destacar, o quadro apresenta pontos conflitantes: enquanto a religiosidade professada é associada com um padrão eleitoral conservador e antipetista, as características socioeconômicas situam o grupo na base eleitoral do lulismo.

1.3. Evangélicos e a Assembleia de Deus na política: crescimento e preponderância conservadora

O número de evangélicos no país vem aumentando progressivamente ao longo do tempo, evidenciando uma mudança significativa na configuração religiosa nacional. Se em 1980 o Brasil era um país basicamente católico (88,9%), em 2010, ainda que a

população que se autodeclara católica continue preponderante sobre as demais, essa decaiu de forma considerável, indo de 88,9% para 64,6%, ou seja, atingindo pouco menos de dois terços da população. Em contrapartida, há um aumento significativo de evangélicos, que alcançam 23% da população, segundo o censo de 2010. Dentre os evangélicos o crescimento se dá principalmente nos segmentos pentecostais. Esses dados podem ser conferidos na Tabela 1.

Tabela 1. Composição Religiosa do Brasil

Religião	1980 (%)	2010 (%)
Católica	88.9	64.6
Evangélica (total)	6.6	23.0
Evangélica histórica	3.4	4.9
Evangélica pentecostal	3.2	13.3
Evangélica não determinada	-	4.8
Espírita	0.7	2.0
Afro-brasileiras	0.6	0.3
Outras	1.2	2.7
Sem religião	1.6	8.0
Total	100	100
Pop. Total do Brasil	119.011.052	190.755.799

Fontes: IBGE(1982); IBGE (2010).

O crescimento do número de evangélicos trouxe implicações importantes para a sociedade, alcançando também o âmbito político. Nos últimos anos, muito tem circulado na imprensa, na academia e no debate público sobre a influência que a religião vem exercendo nas eleições. Na literatura sobre o tema, encontrei grande ênfase no caráter conservador dos evangélicos, em geral, e dos pentecostais, em específico, em diferentes contextos políticos e históricos.

Durante o período autoritário brasileiro entre 1964 e 1985, Alves (1979) ressalta que, se a Igreja Católica representou – através principalmente das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) – um forte polo de resistência ao regime, o oposto se deu nas

chamadas Igrejas protestantes²⁴. Freston (1999), na mesma linha, ressalta que a única Igreja protestante a contestar oficialmente a repressão no Brasil foi a Igreja Luterana.

No que se refere à representação política, Freston (1999) destaca que os evangélicos do tipo históricos (tais quais os luteranos, calvinistas, entre outros), ainda que de forma discreta, se elegem para o Congresso Nacional desde os anos 1930. No entanto, a presença dos evangélicos pentecostais nas disputas eleitorais tem seu início somente no processo constituinte que culminaria na carta de 1988.

Nesse período, em 1986, o jornalista e assessor parlamentar Josué Sylvestre, membro da Igreja Assembleia de Deus, escreveu um livro intitulado “Irmão vota em Irmão”. Tal livro, escrito em tom de manifesto, defende a importância dos evangélicos discutirem e participarem da Constituinte. Tal obra foi amplamente divulgada nas igrejas da Assembleia de Deus (AD) da época, e pode ser considerada um marco para a constituição de um eleitorado evangélico (TEIXEIRA, 2012). O livro acaba com a seguinte frase, na qual se evidencia a construção da categoria “evangélico” em oposição aos setores progressistas de sua época:

A Igreja Romana, os Comunistas, os heréticos adeptos do Rev. Moon, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, todos estão ativíssimos em função da Constituinte. E nós, evangélicos, vamos ficar de braços cruzados? (Sylvestre, 1986: 106)

Segundo Pierucci (1989) e Paul Freston (1993), a constituinte contou com 33 parlamentares evangélicos, sendo 18 deles pertencentes ao campo pentecostal. Analisando a atuação de tal bancada, Pierucci (1989), mesmo reconhecendo a existência de uma “esquerda evangélica”, ressalta o caráter conservador da maior parte desse grupo. Para ele, esses parlamentares comporiam o que denomina de uma “nova direita”, que além da defesa de bandeiras socioeconômicas tradicionais do campo conservador – como a defesa da propriedade, a resistência em relação à reforma agrária e à ampliação da intervenção estatal na economia – incorporariam um discurso em que se autoproclamam como os “guardiões da moralidade familiar e social”.

²⁴ Alves utiliza o termo “protestante”, englobando aí todo o campo evangélico, desde as igrejas históricas – as Igrejas protestantes tradicionais que surgiram na Reforma protestante, como a Calvinista, Luterana – até os diferentes tipos de pentecostais.

Avançando cronologicamente, destaco o estudo de Flávio Pierucci e Ricardo Mariano (1992), que analisa o envolvimento dos evangélicos pentecostais na eleição presidencial de 1989, que elegeu Fernando Collor (PRN). Os autores ressaltam que as lideranças pentecostais tiveram, no primeiro turno, uma atuação mais contida, recomendando apenas para que os fiéis orassem antes de tomar a decisão eleitoral, e que não votassem em candidatos “extremistas” – entendendo-se aí “extremistas” como “candidatos de esquerda”. No segundo turno, entretanto, os autores relatam uma atuação forte, militante e incisiva por parte dessas lideranças. Com a eleição sendo composta pela polarização esquerda *versus* direita, ordem *versus* rompimento, os pentecostais teriam optado pela direita e pela ordem, apoiando o candidato Fernando Collor (PRN). O envolvimento teria sido intenso a ponto de uma das principais lideranças pentecostais – justamente o pastor José Wellington Bezerra da Costa, presidente do ministério Belém e da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil – declarar: “quem elegeu o Collor foram os evangélicos”²⁵.

No que diz respeito ao pleito eleitoral de 1994, Pierucci e Prandi (1995), através da análise de *surveys* de grande amplitude, buscam ponderar a importância da filiação religiosa para o resultado do pleito. Entre os achados, destacam a identificação de que os evangélicos compuseram o grupo religioso que mais rejeitou a candidatura de Lula (PT), o que indica a permanência do padrão conservador da eleição de 1989.

Avançando nos estudos da última década, destaco o trabalho de Simone R. Bohn (2004), que engloba análises tanto a respeito do perfil socioeconômico e informacional dos evangélicos, quanto a respeito dos determinantes do seu comportamento político. A análise dos dados feita por Bohn sobre essas questões mostra que, de fato, os evangélicos se apresentam com posturas mais tradicionalistas, revelando-se como defensores mais árdios da moral social e da aplicação dos valores desse código na regulação coletiva: formaram o grupo que mais se posicionou a favor da proibição do aborto em quaisquer circunstâncias, bem como o grupo que mais classificou a homossexualidade como doença e motivo de vergonha. No entanto, ressalta Bohn, a postura tradicional e “guardiã da moral” não se refletiu diretamente em

²⁵ É importante citar que, para os autores, existia também uma esquerda evangélica. Tal grupo seria constituído por Igrejas evangélicas históricas. No campo do pentecostalismo, que é o que aqui nos interessa, as lideranças pró-Lula eram indivíduos e pastores isolados. Entre esses, citamos Benedita Silva, uma das figuras petistas e ligadas ao meio pentecostal.

conservadorismo em outras esferas²⁶, tais quais a econômica. Tal diferenciação entre “conservadorismo moral” e “conservadorismo econômico-político” é uma indicação importante, e será discutida nos capítulos posteriores.

Além da análise do perfil ideológico, outro aspecto analisado por Bohn é o voto nas eleições presidenciais de 2002. Nesse âmbito, os dados da votação do grupo evangélico no primeiro turno revelam que esse foi o único grupo que não votou em maioria no candidato Lula, do PT. Ao invés disso, destacou-se a votação em Garotinho (PSB) – justamente o único candidato evangélico no pleito eleitoral daquele ano. Tal votação foi expressiva, representando mais de 50% do total de votos do segmento. Ao se considerar o segundo turno, em que Garotinho (PSB) não esteve presente, os dados apresentados indicaram que a tendência do voto evangélico segue o padrão das demais agremiações religiosas, com a maior parte dos votos indo para o candidato Lula, em detrimento do candidato Serra. Ao que parece, tal eleição foi a primeira em que importantes setores religiosos apoiaram a candidatura petista. Tal apoio veio, inclusive, do candidato evangélico derrotado no primeiro turno, Garotinho (PSB)²⁷.

Sobre o pleito eleitoral de 2010, o sociólogo Flávio Pierucci assinala: “Não lembro, e certamente ninguém há de lembrar, de uma campanha eleitoral em que a intromissão da religião tenha sido tão grande e ido tão longe (...)” (PIERUCCI, 2011, p. 5). Tal autor destaca a mobilização de temas e apoios religiosos pela candidatura de José Serra (PSDB). Entretanto, considera que tal empreitada tenha sido malsucedida. Em sua análise, afirma que o uso de pautas religiosas teria criado o que chama de “efeito fariseu”. Tal efeito ocorreria quando a utilização eleitoral de temas, critérios e apelos religiosos obtém do eleitor conservador resposta contrária à esperada. Seria um tipo específico de “efeito bumerangue” da apelação aos sentimentos religiosos da população, que ocorreria justamente quando:

²⁶ A saber, os dados analisados situam os evangélicos de forma semelhante aos católicos no grau de oposição às greves e protestos contra o governo. Além disso, nos tópicos relativos ao eixo Estado-Mercado na economia mostram que os evangélicos não possuem um padrão de posicionamento.

²⁷ Não há, na bibliografia consultada, o apontamento de uma “razão” para o apoio de setores evangélicos, antes tidos como avessos ao PT, à candidatura petista de Lula em 2002. Contudo, podemos supor que o argumento do possível cerceamento à liberdade religiosa – amplamente utilizado na campanha de 1989 – tivesse perdido sua força com o decorrer dos anos e a experiência de diversos governos petistas em locais do país. No entanto, há que se reafirmar que esse é um dos argumentos possíveis, e não uma constatação encontrada na bibliografia. Outro ponto a se destacar é que as diferentes Igrejas Evangélicas, com o crescimento e o consequente ganho de poder, passam a ter disputas mais acirradas entre si, precisando criar diferenciações que envolvem também a esfera política.

os apelos à religião se excedem, vão longe demais do convencionalmente admissível, mas principalmente — eis aí o efeito fariseu por antonomásia — quando o mote da persuasão desliza para a ‘personalidade religiosa’ do candidato (PIERUCCI, 2011, p. 10).

Para o autor, tal fenômeno teria como exemplo máximo o caso de um panfleto distribuído pela campanha do candidato José Serra (PSDB) que vinha acompanhado pela sentença “Jesus é a verdade e a justiça”, e trazia abaixo da frase a assinatura do candidato em questão. Tal fato, somado com outros episódios e com a caracterização “demoníaca” da candidata adversária, Dilma Rousseff (PT), teria sido identificado como uma postura artificial, gerando o efeito contrário o esperado e afastando os pentecostais da candidatura de José Serra (PSDB).

Ainda sobre a eleição de 2010, um estudo realizado por pesquisadores do IBOPE chega a conclusões contrárias a de Pierucci (2011). Os pesquisadores sustentam que a questão do aborto consistiu em uma pauta decisiva, que determinou as oscilações ocorridas durante o processo eleitoral, sendo inclusive a questão fundamental que teria determinado a ocorrência do segundo turno. Tendo como base uma análise a diversas séries de correlações estatísticas, o estudo mostra que segmentos evangélicos, em maior grau, e católicos, em menor, seriam os responsáveis pelas oscilações e pelo percurso que a campanha tomou, culminando no posicionamento oficial dos candidatos, que se comprometeram a não modificar a legislação em torno do aborto no Brasil. (CERVELLINI; GIANI; PAVANELLI, 2011)

Na eleição de 2012 na cidade de São Paulo, a qual esta pesquisa observou, diferentes Igrejas do meio Pentecostal tiveram posicionamentos políticos distintos. Isso significa que, a rigor, não é possível falar de um “voto evangélico” apontando uma direção única. No entanto, como procurarei apresentar, ainda que denominações pentecostais tenham apoiado candidatos distintos, é possível observar certas preponderâncias e padrões de atuação, como por exemplo, o discurso anti-petista.

Dentre os apoios religiosos que marcaram a eleição paulistana, talvez o mais destacado pelos veículos de comunicação tenha sido o da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) à candidatura de Celso Russomano (PRB) à prefeitura. Russomano, apesar de católico, foi lançado pelo PRB, partido ligado à IURD. No período da campanha eleitoral, pastores afirmaram publicamente o apoio a Russomano, templos da

IURD foram feitos de comitês eleitorais, sendo utilizados como ponto de encontro de militantes, local para depósito de materiais de campanha e reuniões políticas²⁸.

Ainda no caso de Russomano, a IURD não foi a única Igreja Pentecostal a apoiar sua candidatura. Um setor da Assembleia de Deus também se mobilizou para eleger o candidato do PRB. Trata-se do ministério Santo Amaro. Nos templos dessas agremiação foram distribuídos materiais de campanha, com motivos religiosos e citações bíblicas justificando o voto em Russomano. Segundo reportagens, os pastores tiveram, inclusive, metas estabelecidas de votos a serem conquistados, e deveriam incentivar os fiéis, além de votar, a buscarem outros votos para o candidato do PRB²⁹. Além desse setor da Assembleia de Deus, a Igreja Renascer em Cristo também apoiou Russomano³⁰.

Apesar do elo entre Igrejas e a candidatura de Russomano ter sido o mais explorado pelos veículos de comunicação, esse não foi o único caso de apoio pentecostal de relevância aos candidatos a prefeito em São Paulo nas eleições de 2012. O Ministério Brás, da Assembleia de Deus, segundo reportagem da revista Exame, apoiou o candidato Gabriel Chalita (PMDB)³¹.

Também com certo destaque, o pastor Silas Malafaia, da Igreja Assembleia de Deus, Ministério Vitória em Cristo, a despeito de ser cidadão carioca e de sua Igreja situar no Rio de Janeiro, lançou uma série de vídeos sobre a eleição paulistana, apoiando o candidato José Serra (PSDB) e atacando Fernando Haddad (PT). O argumento levantado era de que Fernando Haddad era um apoiador das relações homoafetivas e de materiais escolares – chamados por ele de “kit gay” – que “fariam propaganda” de tal orientação sexual. Dessa forma, Haddad foi taxado de ter uma conduta contra a família e os valores cristãos. Como consequência, a campanha de Fernando Haddad (PT) procurou dirigentes evangélicos para assinar um documento de

²⁸ Ver, por exemplo, reportagem da Folha de São Paulo “Russomano Usa Estrutura da Universal na Campanha”, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1150580-russomano-usa-estrutura-da-universal-na-campanha.shtml> acessado em 15/05/2013

²⁹ Ver reportagem do jornal O Estado de São Paulo, “Ministério da assembleia de Deus impõe meta de votos para eleger Russomano”, disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/politica,ministerio-da-assembleia-de-deus-impoe-meta-de-votos-para-eleger-russomano,927026,0.htm> acessado em 15/05/2013.

³⁰ Segundo Reportagem do portal UOL, de 06/09/2012 <http://eleicoes.uol.com.br/2012/09/06/igreja-renascer-fecha-apoio-a-celso-russomano.htm>

³¹ Ver Reportagem publicada em 08/09/2012, “Pastores pedem voto a Russomano em culto”. Disponível em <http://exame.abril.com.br/brasil/politica/noticias/pastores-pedem-voto-para-russomano-em-culto> acessada em 15/05/2013.

apoio à sua candidatura. Dentre os dirigentes evangélicos signatários de tal documento, a maior parte corresponde a Igrejas evangélicas históricas³².

Ainda sobre os apoios relevantes de grupos pentecostais aos candidatos, como já mencionado, destaco justamente o objeto de investigação dessa pesquisa - o Ministério Belém da Assembleia de Deus – que apoiou a candidatura de José Serra (PSDB). A ligação desse setor da Assembleia de Deus com Serra se dá, aliás, há certo tempo. Nas eleições para a presidência da república de 2010 e para a prefeitura de São Paulo em 2004³³, Serra também foi o candidato apoiado pelo ministério. Mais tempo ainda se dá a rejeição do Ministério Belém aos candidatos petistas. Ainda em 1989, Pierucci (1991) destaca a rejeição do pastor presidente do ministério e da CGADB, José Wellington da Costa, à candidatura de Luis Inácio Lula da Silva à Presidência da República.

A atuação do ministério Belém foi, como em outras Igrejas, também muito marcante no plano das eleições legislativas. A candidata apoiada, além de evangélica, possui relações viscerais com a cúpula do ministério e da CGADB: é filha do pastor presidente de ambas as instituições – o mais alto posto da hierarquia do ministério e da CGADB - e diretora da setorial de crianças. Seu contato com a instituição, seus pastores e fiéis não se resume, portanto, a aparições em períodos eleitorais, mas se dá de forma cotidiana.

O apoio das diferentes denominações religiosas aos principais candidatos à prefeitura de São Paulo pode ser visualizado graficamente nas figuras a seguir, que tratam, respectivamente, do primeiro e do segundo turno do pleito eleitoral paulistano:

³² Ver documento em reportagem da folha de São Paulo, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1173187-lideres-evangelicos-divulgam-manifesto-em-apoio-a-haddad.shtml> acessado em 15/05/2013.

³³ Ver: <http://noticias.gospelmais.com.br/assembleia-deus-acordo-apoiar-jose-serra-eleicoes-33327.html>

Figura 6: Apoio Religioso no primeiro turno da eleição paulistana

Figura 7: Apoio Religioso no Segundo Turno da Eleição Paulistana

Como procurei argumentar, a literatura até aqui apresentada, bem como a apresentação do quadro das eleições de 2012, ainda que não apresente os evangélicos como um bloco único em termos ideológicos e eleitorais ao longo dos anos, ressalta a prevalência de aspectos conservadores e de apoio a setores mais à direita no espectro político. No caso do grupo estudado nessa pesquisa – o ministério Belém da Assembleia de Deus – Pierucci (1991) destaco o fato do anti-petismo iniciar-se em 1989, indo até as eleições nacionais de 2010 e municipais de 2012, em São Paulo.

1.4. A outra via: Aspectos socioeconômicos relacionados ao voto

Ainda que a questão religiosa seja importante para a decisão do voto, principalmente entre o segmento evangélico, é preciso ter em mente que as condições econômicas tendem a exercer um papel fundamental e estruturador nas eleições. No Brasil, ao contrário das clivagens analisadas por Lipset (1967) na Europa, a população mais pobre possuía uma ligação com os setores mais conservadores da política nacional.

A trajetória do conservadorismo na política recente brasileira é traçada por Mainwaring, Meneguello e Power, no livro *Partidos Conservadores no Brasil Contemporâneo* (2000). Para esses autores, o conservadorismo é visto como característica preponderante na história política nacional, com exceção de alguns períodos, como por exemplo, entre 1961 e 1964. Sobre o período pós 1985, que é o momento focalizado pelo livro em questão, os autores ressaltam que o sucesso eleitoral dos partidos e políticos conservadores seria a chave para entender a política brasileira. Em termos de clivagens sociais, os dados apresentados indicam que os simpatizantes conservadores diferem substancialmente do resto do eleitorado de acordo com o tamanho do município, a região, além da faixa etária – se apresentando, respectivamente, com mais frequência nos municípios pequenos, nas regiões menos desenvolvidas e na população mais idosa. Apresentam, também, um menor nível de renda – o que para nós é o ponto central.

A partir de 2002, no entanto, esse quadro passou por uma importante mudança. Nessa eleição, o candidato do PT, já havia conquistado os votos de uma grande parte das camadas mais pobres. Na eleição de 2006, no entanto, esse quadro se radicaliza. Os

dados eleitorais mostram que, apesar do resultado eleitoral ser muito próximo ao da eleição de 2002³⁴, a composição do voto havia mudado consideravelmente entre esses pleitos.

Diversos autores debruçaram sobre essa mudança na composição do voto em Lula (PT) e sobre as razões que explicariam sua reeleição. Thimoty Powell e Wendy Hunter (2007), assim como Cesar Zucco (2006), afirmam que além do efeito de proporcionar ascensão social, os programas de transferência de renda – em especial o Bolsa Família – são responsáveis pelo amplo apoio eleitoral das classes D e E à candidatura petista. O apoio das camadas mais vulneráveis da sociedade aos candidatos conservadores havia, dessa forma, se invertido.

Tendo esse argumento em vista, e procurando fazer uma análise detalhada sobre as correlações entre renda e voto em Lula em 2002 e 2006, Denilde Holzhacker e Elizabeth Balbachevsky demonstram que, no ano de 2002, a diferença do voto em Lula entre as classes baixa, média-baixa, média-média e média-alta³⁵ não foi grande suficiente para se destacar um padrão. Na análise da eleição de 2006, entretanto, esse padrão pode ser encontrado: quanto mais elevada a classe social, mais a intenção de voto em Lula diminui, enquanto quanto mais baixa a classe social, mais o voto em Lula é observado³⁶. Tomando como base esses estudos, e levando em consideração as mudanças ocorridas na estrutura socioeconômica brasileira, que tratarei adiante, seria possível sustentar a tese de que os eleitores das camadas mais baixas da população, impactados pelas políticas do governo federal, estariam exercendo um voto econômico a partir de 2006, optando pelo voto em Lula. Em paralelo, os eleitores das camadas superiores teriam optado pelo voto no candidato do PSDB, Geraldo Alckmin. Há que se constar que, para esses autores, os elementos da escolha eleitoral teriam sido econômicos, e não psicológicos ou de qualquer outra natureza. Em outras palavras, o

³⁴ Em ambas a diferença de Lula (PT) para os candidatos do PSDB foram de cerca de 20 milhões de votos

³⁵ A metodologia utilizada por Balbachevsky e Holzhacker leva em conta a renda, a escolaridade, a posse de computador e TV à cabo. As classes são divididas em classe baixa, média-baixa, média-média e média-alta, em que podemos, grosso modo, correlacionar a classe baixa com as camadas E e D, a média baixa com a C e assim por diante. É de se sinalizar que podem existir pequenas diferenças entre essa metodologia e outra que só leve em conta a renda, mas que tais diferenças não devem retirar a força do argumento.

³⁶ Na classe média alta, o voto em Lula passou de 46,9 em 2002 para 38,1 em 2006. Na classe média baixa, os valores foram de 58,9 para 62,8. Já na classe baixa, a opção por Lula passou de 52,9% em 2002 para 77% em 2006.

deslocamento do voto teria se dado porque os eleitores, individualmente, estariam escolhendo o candidato que melhor teria atendido aos seus interesses.

Dentro desse debate, o cientista político André Singer analisa a readequação do eleitorado brasileiro resgatando elementos da sociologia, dando destaque para elementos de cunho ideológicos e introduzindo a categoria de classe social (SINGER, 2009 e 2012). Nesse sentido, o voto, mais do que uma escolha em vista das benesses econômicas, seria a ponta do iceberg de visões de mundo e da política mais amplas.

Singer (2012) avalia que, entre 2002 e 2006 aconteceu um importante realinhamento eleitoral, onde as camadas mais pobres passaram a apoiar Lula e, posteriormente, o PT. Retomando texto de Scott Mainwaring, Rachel Meneguello e Timothy Power (2000), discorre que as bases sociais dos partidos conservadores eram formadas por pessoas oriundas das camadas mais pobres, menos escolarizadas e concentradas em zonas rurais ou pequenos municípios. Tal padrão poderia ser observado nos votos tradicionais da direita no país. No período democrático, essa população teria apoiado Collor em 1989, e Fernando Henrique Cardoso, o candidato à direita de Lula, em 1994 e 1998. Após o pleito eleitoral de 1998, tal camada passa a “mudar de lado”. Se em 2002 ainda esse setor não estava marcadamente com Lula, em 2006 o realinhamento estaria claro.

Para Singer (2012), o elemento que daria esse realinhamento seria a mistura de ingredientes de esquerda e direita incorporados na política Lulista. Tal política seria caracterizada pela manutenção da ordem e da ortodoxia econômica, junto a um processo de redução da pobreza e combate às desigualdades³⁷. Tal configuração seria o cerne do Lulismo, que resultaria na identificação das camadas mais pobres – que Singer classifica como subproletariado – com a figura de Lula e, posteriormente, com o seu partido, o PT. A partir dessa análise, a eleição da presidenta Dilma Rousseff (PT), em 2010, pode ser vista dentro dessa mesma lógica, marcando o momento em que o Lulismo, como fenômeno político, aparece sob outra figura que não o ex-presidente Lula.

Em se tratando do caso da cidade de São Paulo – local em que esta pesquisa se delimitou – os cientistas políticos Fernando Limongi e Lara Mesquita (2008)

³⁷ Nessa explicação, Singer retoma seu estudo sobre ideologia e comportamento eleitoral nas eleições de 1989 e 1994. (Singer, 2000)

demonstram que a identificação dos eleitores de baixa renda com o PT, em oposição aos partidos de direita e centro-direita, já existia no início dos anos 1990, e foi ganhando mais força com o tempo. De outro lado, eleitores de classe média e alta tenderiam a votar no PSDB. O retrato trazido por esses autores é de um crescimento gradual do PT entre essa camada, até certo ponto passar a representar o cenário político nacional, em que os pleitos são disputados entre o PT e PSDB. Os autores apontam como “fiel da balança” os eleitores de centro, que ora tendem à direita e ora à esquerda. No caso do local onde esta pesquisa é realizada – o bairro do Campo Limpo – é de se observar que nas últimas eleições municipais, no plano majoritário, houve uma preferência dos eleitores pela candidatura petista, o que corrobora o quadro exposto por Limongi e Mesquita (2008).

Dialogando com os trabalhos de Singer, Diogo Frizzo, em trabalho ainda a ser concluído, aponta que o realinhamento que aconteceu no plano nacional entre 2002 e 2006, em que os mais pobres embarcam a candidatura petista, se deu previamente em São Paulo, nas eleições de 2000. Segundo sua hipótese, a cidade de São Paulo foi uma precursora do fenômeno lulista no plano nacional³⁸.

Como resultado desse quadro, admitindo-se a hipótese de Singer de que há uma identificação das camadas mais vulneráveis ao PT, ou mesmo entendendo que tais camadas exercem um voto econômico nos candidatos petistas, os setores evangélicos de baixa renda estariam sob o que Lipset chama de “pressões cruzadas”, que acontece quando um grupo social sofre pressões divergentes, uma que o inclina por um candidato ou partido, outra que o inclina para um candidato ou partido distinto (LIPSET, S. 1967:214).

Nos próximos capítulos desenvolvo os resultados desse quadro na eleição de 2012 na comunidade religiosa observada, observando tanto o plano proporcional quanto o majoritário.

³⁸ Diogo Frizzo apresentou seu trabalho em comunicação pessoal e também no Seminário Discente dos alunos de pós-graduação em ciência política da Universidade de São Paulo, em março de 2012.

Capítulo II – A força da Igreja no voto proporcional: a comunidade unida

Neste capítulo inicio a apresentação dos dados colhidos pela observação etnográfica na sede do setor 104 da Assembleia de Deus (AD) -- ministério Belém. Nele, trato exclusivamente da eleição para o Legislativo, enquanto que o capítulo seguinte privilegia o plano do Executivo. É necessário dizer que essa divisão de capítulos também segue uma ordem cronológica: o plano proporcional foi privilegiado pela campanha da Igreja no primeiro turno das eleições, enquanto que o plano majoritário ganhou mais atenção no segundo turno. Também é importante constar que, tanto neste quanto no capítulo seguinte, as questões eleitorais são tratadas em meio e partir de discussões mais amplas que envolvem a vida dos fiéis, as relações no ambiente da igreja, os contextos socioeconômicos do bairro e do país e a visão da política eleitoral formulada pelos pesquisados.

O capítulo começa por discutir a relação da Igreja com os seus membros, pois considero que a forma como a política é levada pela instituição e encarada pelos fiéis se relaciona com a maneira pela qual a Igreja perpassa a vida dessas pessoas, moldando as relações tanto na dinâmica do interior da instituição quanto na forma dos fiéis lidarem com o mundo externo. Busco relacionar e apontar essas características da sociabilidade religiosa com as formas da instituição se inserir na campanha eleitoral para, em seguida, discutir a recepção da campanha pelos fiéis, bem como seus próprios discursos.

2.1. A relação da Igreja com seus membros: proximidade e confiança

A igreja preenche minha vida inteira, não só meu dia a dia. Eu creio assim: por estar firmada, servindo a Deus, ele preenche tudo na minha vida; os vazios, as decepções... Talvez até essa amargura.

(Ana³⁹, 47 anos, vendedora em loja no Campo Limpo)

³⁹ O nome dos fiéis foi trocado para preservar suas identidades.

Já tratei neste texto a respeito da importância das redes de solidariedade e sociabilidade entre os evangélicos, porém vale a pena retomar e aprofundar o tema, pois no interior dessas relações, e moldadas por elas, as questões eleitorais são apresentadas e discutidas. Segundo Lavallo (2001), o associativismo religioso é o principal tipo de associativismo das camadas menos favorecidas, compondo 70% das participações associativas entre os mais pobres. Almeida e D'Andrea (2004) e Almeida (2004), em etnografia realizada na comunidade de Paraisópolis, em São Paulo, destacam a importância das redes entre os evangélicos. Os autores observam que tais redes “Trabalham em favor da pessoa e das relações pessoais, gerando aumento de autoestima e espírito empreendedor no indivíduo, mas também fomentam a ajuda mútua por laços de confiança e fidelidade” (ALMEIDA E D'ANDREA, 2004. p. 103).

Segundo os autores, essas redes agregariam pessoas em situação de vulnerabilidade, como é o caso, por exemplo, de migrantes nordestinos. Elas criam circuitos de trocas que envolvem desde dinheiro até recomendações de trabalho. O funcionamento dessas relações se dá na base da reciprocidade entre os fiéis, que se pautam pela lógica de ajudar “primeiro os irmãos de fé”. Essas redes tem como consequência a aproximação entre os fiéis e o forte sentimento de comunidade. Uma consequência negativa, no entanto, é o fato de que tais redes são também excludentes, na medida em que restringem os laços sociais dos fiéis com integrantes de fora do universo religioso. Como consequência, os autores ressaltam que esses fiéis encontram cônjuges de preferência na mesma igreja ou, no máximo, entre outras denominações evangélicas, além de não se envolverem com outras instâncias associativas, tais quais associações de moradores, partidos políticos ou mesmos grupos de lazer. Como será abordado nos tópicos seguintes, todas essas características se relacionam com o caráter das discussões e ações políticas realizadas no momento eleitoral observado.

Para tratar do sentimento de pertencimento e de comunidade existente entre os membros frequentadores da AD observada por esta pesquisa, minha própria experiência de campo neste trabalho traz exemplos significativos. Logo na primeira visita que fiz ao templo, deparei com uma série de fatos que me chamaram muito a atenção. Estava na fase inicial do trabalho, ainda sem certeza de em qual igreja iria realizar a observação, e a intenção com aquela visita era somente acompanhar o culto, observar a sua dinâmica e tentar traçar algumas impressões iniciais sobre o público que frequentava e a região no entorno do templo. O objetivo era simples: verificar se aquela igreja reunia as

características que procurava estudar. Pelo plano inicial, teria cumprido essa tarefa da forma mais discreta possível, para, em caso positivo, tentar uma aproximação em outra oportunidade.

Mas logo ao entrar no templo, fui recebido por um obreiro⁴⁰ na porta da igreja me desejando boa noite, perguntando meu nome, se era a primeira vez que estava frequentando o local e se era membro de alguma outra igreja. Mal acabo de respondê-lo, quando outro obreiro chega até nós e me conduz até o lugar apropriado para assistir ao culto, enquanto se apresentava e me dava boas vindas em nome da Igreja. Alguns minutos depois, logo após a banda terminar de executar uma série de hinos evangélicos que iniciavam o culto, o pastor inicia sua fala dando boas vindas aos visitantes, citando meu nome e pedindo para que me levantasse para que a os fiéis pudessem me reconhecer. Em seguida, toda a igreja, em uníssono, diz “seja bem vindo em nome de Jesus”.

Após esse episódio, achando que havia passado por uma situação protocolar, novamente sou surpreendido. No final do culto, vários fiéis se aproximam e se apresentam. Alguns deles dizem esperar que eu tivesse gostado do culto, que voltasse outras vezes, e não poucos iniciaram conversas sobre suas vidas. Não demorou muito para eu perceber que tais práticas, para além de técnicas proselitistas, visavam minha integração ao grupo religioso ali presente, e manifestavam características fundamentais da sociabilidade religiosa – o sentimento de comunidade e de pertencimento.

Esse aspecto é notável entre os membros da igreja e pôde ser percebido em uma série de situações. Dos 12 entrevistados, apenas duas pessoas haviam nascido em São Paulo. Do restante, um senhor era nascido em Minas Gerais, um jovem no Pará, enquanto os outros eram migrantes de diferentes Estados do Nordeste. Para todos desses entrevistados, sejam eles já evangélicos nos locais de origem ou convertidos após a migração, a Igreja cumpriu um importante papel para a adaptação em São Paulo.

Juliana, natural de Mutuípe, Bahia, e com 28 anos na data da entrevista, chegou a São Paulo com vinte e dois anos. Sua vinda para a cidade foi motivada tanto pelo desejo de ascensão e busca de novas oportunidades, quanto por uma questão religiosa – Juliana, que já era evangélica havia seis anos, relata que a tomada de decisão da

⁴⁰ Obreiro é um posto eclesiástico ocupado apenas por homens casados, que auxiliam em tarefas da Igreja.

mudança veio também por ter tido uma “revelação”, que a fez acreditar ter uma missão a cumprir em São Paulo, para a “obra de Deus”. No seu relato, no entanto, mesmo pontuando que hoje está feliz e considera São Paulo a “sua cidade”, a chegada e os primeiros momentos na capital paulista são vistos como momentos de dificuldades de adaptação. Ao chegar, ao invés da família extensa que convivia em Mutuípe, só tinha dois irmãos, que já frequentavam a igreja que a recebeu, no setor 104 da Assembleia de Deus. Nesse quadro, relata que a igreja desempenhou um papel fundamental na superação dessas dificuldades iniciais:

(...)No princípio foi um pouco difícil de me adaptar. Eu cheguei aqui com vinte e dois anos. Portanto, eu já tinha uma outra história, um outro cotidiano, uma outra vida fora de São Paulo. Então eu cheguei aqui e mudou totalmente a minha rotina. Eu até tive um certo problema de adaptação, mas daí por diante, depois eu peguei o ritmo da cidade. *E a Igreja ajudou nessa sua adaptação?* Sim, muito. Porque com a Igreja eu saía muito com o pessoal. Eles passavam uma certa segurança, porque São Paulo não é difícil de se adaptar – foi isso que a Igreja passou de uma certa forma. Então a gente saía muito, conheci bastante lugar e isso foi me trazendo segurança. Então São Paulo se tornou a minha cidade. (...)

(Juliana, 28 anos, atendente em uma lanchonete próximo à cidade universitária.).

Bruno, natural de Abaetetuba (PA), 20 anos, também ressalta a importância da igreja, no setor 104 da AD, para sua adaptação na capital paulista. Bruno chegou na cidade em 2010, com 18 anos, já tendo terminado os estudos no colégio. Bruno já era evangélico e frequentava uma Assembleia de Deus em sua cidade natal. Fora da escola e afastado dos amigos de sua terra natal, aponta que se não fosse a Igreja ele não teria amigos.

A Igreja ajudou na adaptação? Ajudou, porque meus amigos são todos de lá [da igreja]. Acho que se não fosse a igreja hoje eu nem teria amigos.

(Bruno, 20 anos, estudante de música).

Já é possível observar nesse ponto da fala de Bruno o duplo caráter da sociabilidade religiosa: a Igreja, ao mesmo tempo em que agrega e inclui pessoas em situações transitórias de vida, acaba se tornando também o único espaço de troca e sociabilidade do fiel. Tal caráter restritivo do associativismo evangélico poderá ser observado também em diversas falas adiante, e será tratado mais especificamente no tópico seguinte.

É de se notar também que nesses relatos a Igreja aparece mais como um local de convivência e socialização do que como um conjunto de valores ou práticas ligadas a uma doutrina. Como pretendo ressaltar, a instituição religiosa exerce papéis fundamentais no mundo material e nas circunstâncias palpáveis dos seus fiéis, de forma a estruturar boa parte de suas vidas. Além do processo de adaptação, a Igreja, seja pela via dos pastores e líderes, como dos próprios frequentadores, atua na vida dos fiéis de diversas formas. Um dos meios institucionais de atuação se dá pela ação de grupos organizados com os fiéis, conforme as diferentes fases da vida: grupo de crianças (até 12 anos), de adolescentes (de 12 a 15), de jovens (de quinze até o casamento), homens (a partir do casamento) e mulheres (a partir do casamento), além do grupo da banda. Cada um desses grupos tem suas reuniões religiosas, podem acumular tarefas relativas a atividades da igreja, além de tratar de questões próprias desses momentos de vida, tendo sempre como base os preceitos religiosos. Existe, por exemplo, uma supervisão da Igreja em alguns casos de jovens que se encontram com problemas, geralmente a pedido da família. Em uma das intervenções que presenciei ao final de um culto uma jovem foi repreendida pela filha do pastor responsável do setor por estar faltando na escola e preocupando a família.

Por diversas vezes, também, presenciei nos cultos o recolhimento de alimentos e ofertas⁴¹ para ajudar membros desempregados ou com dificuldades financeiras. Tal atitude tem grande aprovação entre os fiéis, que inclusive reafirmam seu apego a essa denominação, comparando-a com outras que não possuem tal prática. O efeito, além do apego e aprovação gerados, é o reforço da percepção de acolhimento e segurança dos fiéis.

⁴¹ Como ofertas, entender doações voluntárias em dinheiro. É diferente do dízimo, que é tido como uma responsabilidade do fiel.

Eunice, que tem 35 anos e trabalha como doméstica em uma casa de classe média alta paulistana, em seu relato descreve a Igreja quase como responsável por garantir um patamar mínimo de condições materiais para os fiéis:

“Se você é cristão, tá desempregado ela te ajuda na cesta básica, ajuda te levando pra fazer uma faxina [...], até você arrumar um lugar pra trabalhar, ela ajuda”

(Eunice, 35 . Empregada Doméstica)

Outros membros como Bruno e Gerson relatam já terem sido ajudados pessoalmente pela Igreja. O caso de Gerson é revelador da importância material da ajuda. Natural de Fortaleza, Gerson, que tem 36 anos, está em São Paulo há sete anos. No início, relata que encontrou dificuldade para conseguir emprego. Porém, no setor 104 do ministério Belém da AD, encontrou apoio material para estabelecer-se. Após conversar com o pastor responsável, morou em cômodos existentes nas dependências do próprio templo religioso por seis meses. Além disso, até conseguir emprego obteve ajuda para sua alimentação. Com o apoio da Igreja e uma bolsa do programa governamental Universidade para Todos (Prouni), Gerson se formou na Universidade Paulista (UNIP), em tecnologia da informação. Apesar do diploma, relata que as condições salariais e a oferta de emprego na sua área não são satisfatórias. Por tal motivo, hoje trabalha como fotógrafo.

Estava no centro de convivência [equipamento público de lazer no Campo Limpo], que é aqui próximo, e vi a Igreja, que estava até em construção, passando por umas reformas. Fui lá, conversei com o pastor e fomos lá congregar. O pastor convidou pra morar na casa da Igreja, onde moramos [Gerson e um primo] por 6 meses. A gente estava sem trabalhar e o pastor deu uma força pra gente, até eu e meu primo conseguirmos um trabalho fixo. Tanto ele deu a parte de moradia, quanto ajudou com a parte de alimentação

(Gerson, 36 anos, fotógrafo e formado em Gestão de projetos de TI)

Já no caso de membros da banda, como Bruno, a Igreja é, além do lugar da prática religiosa, um local de trabalho e estudo, visto que lá os músicos aprendem,

ensinam e ensaiam conjuntamente os hinos evangélicos e os próprios instrumentos. Não por menos, a Igreja auxilia os músicos na manutenção e na compra de acessórios dos mesmos. No caso de Bruno, hoje estudante de música em um conservatório – A Escola de Música do Estado de São Paulo Tom Jobim (UMESP Tom Jobim) – o contato com os instrumentos musicais se deu na Igreja que frequentava em sua cidade natal, onde tocou clarinete e, em seguida, violão. Hoje continua recebendo o apoio da Igreja do setor 104, no Campo Limpo, em que o próprio saxofone – hoje seu instrumento principal – foi um presente pessoal de um dos pastores. Nas palavras de Bruno:

(...)Em dificuldades a igreja já me ajudou. Hoje a Igreja me ajuda, pra manter os instrumentos, então são benefícios próprios meus, porque é meu estudo. A igreja ajuda nisso também, pra comprar as palhetas pro saxofone, que precisa, (...) a manutenção do instrumento também me ajudaram. Então eles vem me ajudando sim. (...)Hoje eu sou músico por causa da Igreja. Eu comecei na Igreja e ela sempre me ajudou muito na parte da música. Se não fosse a igreja que eu to tocando hoje eu nem seria músico.

(Bruno, 20 anos, estudante)

Além dessas questões materiais e palpáveis, muitas são as intervenções de cunho religioso e simbólico da instituição com relação aos fieis. Por exemplo, quando um membro da igreja está com problemas de saúde e informa isso aos pastores ou a algum obreiro, ele é chamado à frente do púlpito para que todos os presentes rezem em voz alta pela sua melhora. O mesmo se dá quando o enfermo é algum parente de um fiel, ou quando o problema envolve algum outro tópico de natureza não financeira, como o matrimônio e questões familiares – basta levar a questão para o pastor para que ela seja divulgada e alvo de orações dos presentes no culto. Tais práticas, da mesma forma que os auxílios materiais, reforçam as relações de afeto e apego entre os fiéis entre si e com a própria instituição.

2.1.1 Os aspectos restritivos da sociabilidade religiosa: o “mundo” versus a Igreja

Como salientado anteriormente, não são só atos de acolhimento e aspectos positivos marcam a sociabilidade religiosa. Há de outro lado uma série de cobranças e comportamentos esperados dos fiéis, que implicam em posturas restritivas às pessoas de fora do universo religioso. O fato de pertencer à Igreja implica que a pessoa deve ir aos cultos, seguir normas, crenças e ter determinadas condutas. No caso dessa Assembleia de Deus, essas exigências não são pequenas, e envolvem desde a assídua presença nos cultos e atividades, até uma postura diferenciada do “mundo”. Essa diferenciação entre “mundo” e “Igreja” explicita a divisão e restrição dos membros religiosos do restante da sociedade, e marca por todo o tempo a fala dos fiéis. A seguir há alguns exemplos retirados das entrevistas realizadas:

Meus pais já eram evangélicos e eu fui criado indo pra Igreja, e peguei aquela fase da adolescência. Na juventude ali você vai empurrado, aí eu saí fora. Fui pro mundo curtir, zoar um pouco, namorar demais, beber, fumar... só que a gente nasce no berço e a gente acaba se formando dentro da palavra de Deus. Então você sabe que tá numa direção daquilo que você não aprendeu, na direção errada. E conhecendo as verdades da palavra de Deus você sabe que tá num caminho que não vai dar muita coisa não. E daí em 1998 eu já estava bem afundado nessa vida. Aí o que acontece: você acaba sofrendo. E o mundo tá aí no que a bíblia ensina. A pessoa não tem Deus e ela mata, estupra, se droga, fica curtindo as baladas e achando que isso é a vida. E isso aí traz um buraco na vida da gente. Um vazio tão grande que você curte, curte mas não tá bem. Aí eu voltei pra igreja, no evangelho, e daí até hoje firme e forte aqui.

(Carlos, 33 anos, operador de empilhadeira)

E a gente quer ir pro céu, então a gente tem que seguir o caminho pra chegar lá. A gente tem um diferencial do mundo.

(Bruno, 20 anos, estudante)

Nós estamos no mundo, mas nós não somos desse mundo. As drogas, a prostituição, tudo que o mundo oferece eu não aceito. Eu não aceito o que o mundo passa.

(Gerson, 36 anos, formado em Gestão de projetos de TI)

Essa oposição “Igreja *versus* Mundo” é expressa, inclusive, no próprio corpo dos membros da igreja, através de determinadas vestimentas e práticas do cuidar de si. Com relação a este ponto, quando perguntei para duas fiéis sobre as vestimentas utilizadas por elas, obtive como resposta que apesar de muitas mulheres do universo evangélico pintarem o cabelo, usarem brincos e maquiagem e não usarem somente saias, essas seriam mal vistas pelos pastores, principalmente se fossem já adultas e casadas. Quando indagadas sobre suas opiniões a respeito, responderam que essa preocupação com as vestimentas e a apresentação pessoal dentro dos costumes da Igreja seria o correto, porque “as pessoas do evangelho deveriam ser diferentes das pessoas do mundo”⁴².

Como ressaltado, tais características acabam por restringir a sociabilidade dos fiéis, tornando-os um grupo com laços fortes entre si, mas poucas relações com outros meios sociais e esferas de sociabilidade. Nesse sentido, das pessoas que entrevistei e tive oportunidade de ter conversas mais longas, nenhuma delas fazia parte de quaisquer outras associações que não fossem ligadas à religião. Além disso, na grande maioria delas, a maior parte dos contatos pessoais vinham da Igreja. Fora do universo religioso, os contatos eram praticamente restritos à esfera do trabalho e da família – o que muitas vezes incluía outros evangélicos. As falas de Juliana e Bruno caracterizam bem tal quadro:

(...)A Igreja é o meu dia-a-dia. É trabalho, casa e Igreja, praticamente isso. *E você vem todo dia?* Não, mas tem semanas que sim. Venho mais na quinta, quarta, sábado e domingo. Sábado e domingo é sagrado. No sábado eu venho à noite. No domingo eu vou na escola [dominical], depois ensaio e à noite o culto. *E a maior parte dos seus amigos, das pessoas que você convive, vem da Igreja?* Sim, da Igreja. Mesmo que não seja dessa, mas são de Igreja também. A maioria dos amigos, a não ser do trabalho. Fora da Igreja só os do trabalho mesmo.(...)

(Juliana, 28 anos, atendente em lanchonete)

⁴² A flexibilização dos costumes, entre os quais as vestimentas típicas e a restrição de brincos e maquiagens, é uma marca dos neopentecostais, segundo Mariano (1999). No templo frequentado para este trabalho, a questão dos costumes ainda aparece no discurso dos pastores e alguns fiéis. No entanto, observei que entre os jovens tais práticas são flexibilizadas.

Na Igreja eu tenho muitos amigos, o pessoal da banda, dos grupos. Mas fora da Igreja eu não tenho muitos amigos, não. A maior parte dos meus amigos vem da Igreja, porque a escola eu já acabei e eu não tinha muitos amigos lá. Não aqui em SP. Faz pouco tempo que me mudei. Com os meus amigos do Pará eu mantenho contato via redes sociais, e a maioria deles também eram da Igreja.

(Bruno, 20 anos, estudante)

É claro que tal restrição também pode implicar em aspectos positivos para os fiéis. A divisão entre práticas e círculos da Igreja e do “mundo” constitui um aporte que separa os fiéis do “mundo do crime”. Almeida e D’Andrea (2004) já ressaltam que as redes religiosas se dão em oposição aos circuitos da criminalidade e do narcotráfico, presentes de forma marcante nos mesmos espaços geográficos que as Igrejas e fiéis evangélicos. Tal ponto não significa que não haja conexões simbólicas ou mesmo pactos estabelecidos entre Igrejas e setores da criminalidade, já apontados por outros trabalhos⁴³. Significa apenas que as Igrejas, com suas redes de relações e práticas, funcionam como aportes que separam e “protegem” os fiéis dos circuitos ligados à ilegalidade⁴⁴. Feltran (2011, 2008) destaca, nesse sentido, que as Igrejas pentecostais são as instituições que agenciam as conversões, ou “rituais de passagem”, entre o “mundo do crime” e a vida na legalidade, fornecendo “passaportes de saída” àqueles que desejam sair da ilegalidade sem serem considerados “clandestinos” do outro lado. Nesse sentido, não era incomum nos cultos observados por esta pesquisa a apresentação e introdução de ex-criminosos recém-convertidos.

⁴³ Ver, por exemplo VITAL CUNHA, Christina. 2008. “Traficantes evangélicos: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas”. Plural, v.15, p.23-46; BIONDI, Karina. 2008. “A ética evangélica e o espírito do crime”. Trabalho apresentado no 26º Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, Bahia.

⁴⁴ Um episódio vivido por uma fiel da Igreja, envolvendo a questão da violência urbana, me trouxe uma importante reflexão sobre a relação dos evangélicos nas periferias paulistanas. Essa fiel relatou que estava voltando de um culto em outro templo do setor 104 do Campo Limpo, durante a noite, caminhando sozinha pela rua, quando se aproximou um jovem que, segundo ela, iria assaltá-la. Assim que percebeu, ela disse “não tenho medo de você porque estou voltando da casa do senhor” (a mim ela disse que estava com muito medo, mas o anjo do senhor havia lhe dado coragem para agir daquela maneira). O jovem, então, reconheceu que ela era “crente mesmo” e a deixou passar. Pouco depois, disse ela, quando já estava de longe, olhou pra trás e o viu assaltando outra pessoa, que não era “crente”. Tal relato ilustra a relação de respeito e até mesmo admiração que os evangélicos têm nas periferias, mesmo com pessoas do mundo do crime. No caso relatado, a posição de “crente” e a atitude corajosa de fé demonstrada fizeram com que a fiel não fosse assaltada. Talvez essa relação de respeito, junto com a fé dos fiéis, explique o fato de que, durante os episódios de violência no final de 2012, que serão tratados no capítulo 3, as Igrejas tenham continuado cheias, mesmo com os cultos durante a noite, em meio aos “toques de recolher” implantados nas periferias.

O fato de as relações entre os fiéis serem marcadas por uma postura de diferenciação do “mundo” não significa, de forma alguma, que a Igreja não se volte para fora de si, incluindo aí a política institucional. Como procurarei abordar, os pastores e fiéis consideram a ocupação das esferas institucionais algo importante e necessário para a disputa de valores e a própria expansão da sua fé. Logo nos primeiros cultos em que frequentei, ao me apresentar como pesquisador e iniciar o diálogo com os integrantes da igreja, pude perceber que os pastores apresentavam discursos e opiniões a respeito da atuação política da instituição de maneira informada e semelhante entre si. Era um tema usual e que estavam prontos para discorrerem. No decorrer do período em que realizei a pesquisa de campo, pude conferir que realmente o debate em torno da política institucional ocupava um lugar de destaque entre os pastores e demais membros da direção do templo, e que tal prática também alcançava os fiéis. Nesse sentido, vídeos sobre questões políticas realizados pelo pastor Silas Malafaia⁴⁵, por exemplo, ilustravam conversas entre as pessoas da igreja. De forma semelhante, em entrevistas os fiéis demonstravam conhecimento sobre o PLC 122⁴⁶, sobre o projeto do “kit gay”⁴⁷, e sobre a atuação dos evangélicos no congresso sobre tais temas.

Todas essas características da sociabilidade religiosa se relacionam com a forma dos fiéis observarem a política institucional e tomarem a decisão do voto. A candidata a vereadora apoiada pelo ministério Belém remeteu seu discurso eleitoral para as características de pertencimento à comunidade evangélica e ao ministério. De um lado tal discurso se voltava aos “valores cristãos” compartilhados pelo grupo. De outro, se voltava para a proximidade entre a própria candidata e os fiéis, o que geraria benefícios para os mesmos no caso de vitória eleitoral. Esses pontos serão discutidos no tópico a seguir.

⁴⁵ O pastor Silas Malafaia é líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Apesar de ser de uma vertente distinta do ministério Belém, pude conferir que exerce uma influência grande nos fiéis por mim consultados.

⁴⁶ O PLC 122 é um projeto de lei de autoria da senadora Marta Suplicy (PT) que pretende a criminalização da homofobia no país. Tal projeto é alvo de duras críticas por parte dos evangélicos no congresso nacional.

⁴⁷ “Kit gay” foi o apelido concedido por setores evangélicos e conservadores do congresso nacional ao kit escola contra a homofobia, elaborado pelo ministério da educação no ano de 2011. Fruto de críticas, tal material acabou não sendo distribuído nas escolas. Ver <http://www1.folha.uol.com.br/poder/920652-dilma-suspende-kit-gay-apos-protesto-da-bancada-evangelica.shtml> acessado em 1/11/2013.

2.2. A Relação da Igreja com a Política e a Campanha de Marta Costa

Como ressaltado anteriormente, observei que assuntos relativos à política institucional eram comumente discutidos pelos pastores e fiéis, o que indica um forte envolvimento da igreja em questão com a esfera política. Em entrevista com um dos pastores da Igreja e conversas com uma das integrantes da direção do setor, no entanto, ambos relataram que a relação da Igreja com a política não se deu sem a presença de crises. Foi o caso quando parlamentares evangélicos se envolveram no escândalo de corrupção em que ocorrera desvio de verbas públicas que seriam destinadas à compra de ambulâncias – o chamado “escândalo dos sanguessugas”, ou ainda “máfia das ambulâncias” em 2006⁴⁸. Entre os setenta e dois parlamentares envolvidos no esquema, constavam 22 evangélicos, sendo 10 desses oriundos da Assembleia de Deus⁴⁹. Com relação a tal fato, os pastores e membros da direção da igreja consultados afirmaram que, na época do ocorrido, eles próprios, junto com os fiéis, se decepcionaram com o desempenho desses parlamentares e questionaram a validade da atuação da Igreja no âmbito das instituições políticas representativas.

No entanto, essa crise não teria resultado em afastamento da disputa de cargos no Estado, mas sim reforçado e aprimorado esse envolvimento. A ideia ressaltada foi de que o episódio serviu de lição para que pudessem perceber que o “poder corrompe as pessoas” e que os apoios políticos deveriam ser dados a pessoas com mais confiança e proximidade com a Igreja. A proximidade com a instituição, então, seria o critério fundamental para que um candidato, ao receber apoio da direção do ministério, recebesse também o engajamento dos pastores e líderes das localidades. Nesse contexto, um dos pastores citou diversos nomes de políticos ligados ao ministério Belém e que seriam de confiança do corpo e da direção da Igreja. Entre esses nomes, se destaca a vereadora Marta Costa (PSD), candidata à reeleição nas eleições daquele ano.

⁴⁸ Sobre o tema, ver reportagem da Folha de São Paulo, publicada em 08/08/2009, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u606793.shtml> acessado em 15/05/2013.

⁴⁹ Ver MARIANO, Ricardo; HOFF, Marcio; DANTAS, Toty Ypiranga de Sousa. “Evangélicos sanguessugas, presidenciáveis e candidatos gaúchos: a disputa pelo voto dos grupos religiosos”. Debates do NER, n. 10, 2007.

A nossa igreja no Estado de SP tem a vereadora Marta Costa que nos representa, tem também o deputado Adilson Rossi, tem o deputado federal, o Paulo Freire.

(Elinaldo, pastor da Igreja)

Marta Costa (PSD) recebeu apoio contundente da instituição nas diversas eleições em que disputou o cargo de vereadora na cidade de São Paulo, incluindo em 2012. Como filha do presidente do ministério Belém e da CGADB, além de diretora do setorial das crianças do mesmo ministério, sua ligação com a instituição era clara para todos os pastores do ministério Belém, incluindo os do setor 104, em que essa observação se deu. Nas eleições anteriores, em 2004 e em 2008, a candidata foi eleita e reeleita com, respectivamente, 35.989 e 39.159 votos, enquanto em 2012 obteve 32.914 votos, 476 deles no Campo Limpo.

Como mostram as imagens a seguir, os votos de Marta Costa estiveram espalhados por toda a cidade, e se concentraram em maior número nos bairros periféricos, de todas as zonas. Tal disposição geográfica dos votos é coerente com a disposição dos templos da Assembleia de Deus, que são espalhados por toda a cidade, e mais concentrados nas periferias, segundo os dados do Centro de Estudos da Metrópole mostrados por Almeida (2004). Essa correspondência entre a disposição e concentração de votos e templos do ministério Belém, em conjunto com o número de votos obtidos, o discurso conferido pela candidata, e as entrevistas com os membros da igreja pesquisada, que serão abordados adiante, indica-nos que os fiéis do ministério Belém são disciplinados em relação à indicação eleitoral da Igreja. Indicam também que esse apoio se dá no interior da comunidade religiosa, não alcançando outros setores – o que é condizente com as características restritivas da sociabilidade religiosa.

Figura 8: Mapa dos Votos de Marta Costa (PTB) – Eleição 2004

Fonte: Base de Dados do Centro de Estudos da Metrópole

Figura 9 Mapa dos Votos de Marta Costa (DEM) – Eleição de 2008

Fonte: Base de Dados do Centro de Estudos da Metrópole

No período eleitoral, em meio aos fortes laços dos fiéis entre si e de cada fiel com a instituição, a Igreja procurou transformar o apoio à candidata em votos por meio de diferentes frentes e lançando mão de diferentes discursos – todos eles, no entanto, ressaltando a candidata como parte da comunidade evangélica e assembleiana. É preciso constatar que, em termos de regras institucionais envolvendo as eleições proporcionais, tal estratégia é viável e pode ser efetiva: As eleições proporcionais não necessitam

preencher majorias, e possibilitam que os candidatos se voltem a seus “nichos eleitorais” e direcionem suas campanhas exclusivamente a eles.

Primeiramente, através das redes de contatos e das relações pessoais entre pastores, evangelistas, diáconos e outros membros da direção da Igreja com os fiéis, se iniciaram conversas sobre a eleição, convencendo os fiéis da importância do apoio da Igreja à candidata. Alguns deles, como foi o caso de Rita e Lúcia, duas entrevistadas por esta pesquisa, foram recrutadas para trabalhar na campanha, ficando encarregadas de distribuir panfletos e materiais – como broches, adesivos e marcadores de livros⁵⁰ – nos final dos cultos, além de conversar com outros fiéis⁵¹. Rita e Lúcia são duas fiéis comunicativas, com muitas relações com outros membros da igreja, e também já conheciam Marta Costa (PSD) e eram entusiastas da sua candidatura.

O conteúdo dos materiais de campanha, como pode ser visto nas imagens a seguir, era voltado exclusivamente ao público evangélico. Os textos presentes saudavam o leitor com os dizeres de “Querido irmão e querida irmã” ou “Prezado Irmã (o), a paz do senhor”. Além disso, ressaltavam a necessidade de manifestar a preocupação com a família e a comunidade cristã, através do voto na candidata da Igreja e em “um prefeito amigo”. Constam também neles os projetos da candidata – nem todos ligados à comunidade evangélica – e também diversas fotos da mesma em eventos religiosos e com personalidades da Igreja.

Praticamente em todos os materiais, constam os dizeres bíblicos “Em Deus Prosperamos e Edificamos”, e diversas imagens, nomes e declarações de pastores que a apoiam. O apelo é, portanto, fortemente direcionado às características religiosas e ao pertencimento à comunidade assembleiana. De um lado, os dizeres bíblicos atestam que a prosperidade se dá pela via da religião, seguindo a Deus – e, portanto, votando em candidatos comprometidos religiosamente. Por outro, diversos pastores e autoridades da Igreja reforçam o caráter religioso da candidata e a apresentam como uma das pertencentes à comunidade da Assembleia de Deus, entre eles, sinalizado na figura 12, está o pastor responsável pelo setor do Campo Limpo.

⁵⁰ Essa distribuição se deu, frise-se, do lado de fora do templo, sem infringir a lei eleitoral brasileira, que proíbe manifestações dentro de templos religiosos.

⁵¹ As panfletagens geravam um ambiente de conversa sobre política entre os fiéis – por vezes com a presença de membros da direção da Igreja - que foi muito útil para essa pesquisa.

Figura 10 – Material de Campanha de Marta Costa (PSD)

Figura 11 – Material de Campanha Marta Costa (PSD) 2

Pr. José Wellington Bezerra da Costa nasceu em São Luís do Curu, em 14 de outubro de 1934, e é Ministro Evangélico Brasileiro.

“Nela eu acredito”

Prezado Irmã(o), A Paz do Senhor

Estamos nos aproximando de momento muito importante para nosso município, e para todos nós que moramos nesta cidade e principalmente para a comunidade evangélica de São Paulo.

A eleição é o momento ideal para manifestarmos nossa preocupação para com nosso futuro, de nossos filhos, nossa família e toda comunidade cristã. Para honra do nosso Deus, nós evangélicos, somos hoje uma força que pode se fazer ouvir e respeitar, impedindo leis imundas, injustas e levantando nosso brado em favor da igreja e dos excluídos sociais.

Em 2012, novamente teremos que ir as urnas, para escolher prefeitos e vereadores, precisaremos de representantes junto ao poder municipal e um prefeito amigo, o Crivo Político já tem sua candidata a vereadora, apoiada por unanimidade pelos pastores, o nome de MARTA COSTA.

Meus queridos irmãos e irmãs, a Vereadora Marta Costa tem trabalhado sem cessar pelos bons destinos de nosso povo, buscando estar presente junto à comunidade, sem limitar seu trabalho cristão, atendendo a todos de maneira incansável nas diversas áreas que abrangem o trabalho de um vereador da cidade de São Paulo. Apresentou inúmeros projetos em prol de toda comunidade evangélica e continuará, de forma incontestável, apoiando o trabalho dos evangélicos e em especial de todos os irmãos da Assembleia de Deus. Desta forma, peço novamente, a todos vocês, seu APOIO E VOTO para que continuemos nos bons caminhos e rumos traçados para nossa cidade.

Na Vereadora MARTA COSTA 55.400, eu voto!

Pastor José Wellington Bezerra da Costa

Marta Costa é Paulistana, casada com Luiz C. Junior, é filha da Srª. Wanda Freire da Costa e do pastor José Wellington Bezerra da Costa, Presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil e do Ministério do Belém.

Em Deus prosperamos e edificamos.

Querido Irmão, querida irmã

A Paz do Senhor,

Quero, em primeiro lugar, agradecer a sua confiança e seu voto em 2004 e 2008, o que possibilitou que trabalhássemos pelos nossos irmãos, cidadãos e todo o município de São Paulo.

Permaneço acreditando na participação da população junto aos poderes públicos, desta forma, coloco-me à sua disposição, para um trabalho incansável que tem como suporte a Palavra do Senhor.

O vereador é o político mais próximo da população, apresentamos vários projetos voltados para nossa comunidade e para a melhoria de vida dos moradores de São Paulo.

Minha querida irmã e irmão, reeleita continuarei sua representante, trabalhando em prol de nossa igreja e do povo evangélico.

Desta forma, peço novamente, a todos vocês, sua ORAÇÃO, APOIO e principalmente seu VOTO MARTA COSTA 55.400.

Conto com teu voto - Que Deus o abençoe.

Marta Costa – Vereadora

Figura 12 - Material de Campanha de Marta Costa (PSD) 4

Pastores Setoriais QUE APOIAM MARTA

1 BELEM JOSE WELLINGTON BEZERRA DA COSTA Pastor Presidente	19 GUARULHOS JOSE WELLINGTON COSTA JUNIOR Vice-Presidente	37 ITAPEVI MANUEL PORTELA FILHO	102 BRAS ANTONIO MARTINS MORAES DOS SANTOS
2 SAO MIGUEL PAULISTA ADEU GERALDO DOS SANTOS	20 ARLUJA ADIR NETO TEODORO	38 ATIBAIA LELIS WASHINGTON MARINHOS	104 CAMPO LIMPO MANOEL FERREIRA DE AZEVEDO
3 LAPA JOSE PRADO VEIGA 2º Secretário	21 MAIRIPORA RAMUNDO PEREIRA CEZAR	39 PARADA XV NOVEMBRO PAULO GILBERTO BAUNGARTZ	105 JABOQUARA DAIR RINALDO FORSECA
4 SANTANA EVANDRO DE SOUZA LOPES	22 ITAQUAQUECETUBA DEUSOTHE FERREIRA DOS SANTOS	40 EMBU DAS ARTES AMARO ANTONIO DA SILVA	106 PRACA DA SE JOSE CARLOS DOS SANTOS
5 OSASCO JOSE AMARO DA SILVA 1º Tesoureiro	23 VILA RE JOSE SEVERINO GOMES	41 MOGI DAS CRUZES SAULO JOSE MARAFON	107 SAO CAETANO DO SUL EULDES BARBOSA CAVALCANTI
6 INDIANOPOLIS ASTROGILDO ADOLFO AMERICO	24 PARQUE SANTA MADALENA LEONARDO BENEDITO GARCIA	42 PCA JOSE GUEDES NETO	108 TATUAPE GESSE GOMES DE SOUZA
7 GUAMANAES JAIRIO BARTOLOMEU DA ROCHA	25 CAIEIRAS LUIZ FRANCISCO DOS SANTOS	43 FRANCO DA ROCHA AGNALDO SILVA SANTOS	109 INTERLAGOS AMANDIO BISPO CRUZ
8 CIDADE ADEMAR JOSE DOMINGOS VIEIRA	26 CARAPICUIBA JOSE IVANILDO DA SILVA	44 FRANCISCO MORATO SERGIO DA SILVA	110 VILA BERTOGA JAIR HALEPLIAN PIRES
9 ITAQUERA JOSE FERREIRA DA SILVA 1º Secretário	27 FERRAZ VASCONCELOS EULIDES DA SILVA OLIVEIRA	45 TABOAO DA SERRA EDSON JOSE DOS SANTOS	111 VILA CARRÃO PAULO RODRIGUES DE MORAIS
10 BARUERI PAULO SILAS REIS	28 DIADEMA EDSON SILVA DE MELO	46 EMBU-GUAÇU ALEXANDRE FLORENCIO DA SILVA	112 VILA DIVA ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA BRITO
11 SAO MATEUS SEVERINO PEDRO DA SILVA	29 SAO BERNARDO DO CAMPO SAMUEL FREIRE DA COSTA	47 EMBU SANTA EMILIA ISRAEL ELIAS DE MELLO	113 VILA FATIMA JAYME LUCAS SACRAMENTO FILHO
12 COTIA PAULO MAGALHÃES RODRIGUES	30 CAMPO LIMPO PAULISTA VARGAS DANIEL LOPES DA SILVA	48 ITAPECEIRA DA SERRA MIGUEL ANTONIO DOS SANTOS	114 VILA FORMOSA JOSUE DA SILVA
13 SUZANO PAULO SILVA	31 ERMELINO MATARAZZO DORIVAL MENDES DOS SANTOS	49 JARDIM DOS PIMENTAS GERALDO SILVA	115 VILA GUARANI ADILSON ROSSI
14 JARDIM ANGELA JOSE MIGUEL DA SILVA	32 JARDIM VILA FORMOSA FRANCISCO TIBURCIO DE MELO	50 PARELHEIROS NEHEMAS GOMES LINS	116 VILA GUERECINHO ELSONI WANA
15 VILA NHOQUE JOSE LUZ DE FRANCA	33 JARDIM ITAPEMA ALBERTO BRITO DE ALMEIDA	51 PARADA DE TAIPAS RUBENS PINHA	117 VILA TALARICO NARCISO FUSER
16 ARTHUR ALVIN SERGIO RAMACCIOTTE DOS SANTOS	34 PINHEIROS PAULO DOS SANTOS 2º Tesoureiro	52 PARQUE COCAIA EZEQUIAS HENRIQUE DA SILVA	118 NELSON CRUZ LISLIE MARINHO LELIS
17 PARQUE SÃO LUCAS JOSE FELIPE DA SILVA	35 CAJAMAR ANTONIO MARCONIO NOGUEIRA VIEIRA	53 ITAIM PAULISTA ELIAS CAMILO DOS SANTOS	119 COSTA VALENTE MASAKI NOGUEIRA TORETO
18 VILA ESPANHOLA DANIEL MEDEIROS DA ROCHA	36 VILA RIO BRANCO JOSE SOARES DE MELO FILHO	54 VARGEM GRANDE PAULISTA RAEL SILVA OLIVEIRA	120 PG. RES. PORTO VELHO EZEQUIEL ARAUJO DA SILVA
		55 JARINU ANDRE CUSTODIO DA SILVA 18711	121 ACLIMAÇÃO MARCO ANTONIO LOPES
		56 PERUS WUANDERSON REZENDE SPIRILANDELLI	199 CAPELANIA AGOSTINHO GOMES DA SILVA
		57 COCAIA DO ALTO CLAUDINEI FERNANDES DA CRUZ	ALCINHO RAMOS 3º Secretário
		103 CAMBUCI VEELSON DOS SANTOS ALMEIDA	

Marta Costa PSD

55.400

Prefeito **SERRA 45** Vice **Alexandre Schneider**

Unidade: Serra - RJ - 1305-110-111-112

Além dos materiais de campanha oficiais, encontrei textos que apresentavam motivos para se votar em Marta Costa em um jornal do Ministério Belém⁵², que é distribuído gratuitamente nos cultos e é composto, geralmente, de informações da instituição e de eventos relacionados aos evangélicos, além de lições bíblicas para os fiéis. Em determinada reportagem que relatava uma reunião do pastor presidente do ministério com jovens, aparecem os dizeres:

Ao lado político, o pastor presidente mencionou da perseguição religiosa em nosso país, principalmente em São Paulo. Para tanto, apresentou a irmã Marta Costa como candidata da igreja e deu exemplos de como ela tem trabalhado em favor da igreja e a forma que tem agido perante a sociedade. Através de sua atuação na câmara municipal, muitas multas que de forma irregular é destinada a igreja, tem sido avaliada e extinta. ‘O número de projetos da igreja é grande e sem o apoio político não tem condições de serem executados’, completou (sic) (Jornal Nosso Setor, ano XI, n.104)

Em tal texto, o sentimento de pertencimento à comunidade religiosa foi acionado com novos elementos, lançando mão da ideia – que encontra ressonância nas experiências de vida de alguns dos fiéis entrevistados – de que os evangélicos são perseguidos e necessitam se defender perante a sociedade e ao Estado. Os dizeres, além disso, trazem os interesses da Igreja – também entendidos por fiéis como seus – para a disputa: a extinção de multas e o apoio para projetos da instituição.

No âmbito dos discursos veiculados nos momentos de sociabilidade, nos cultos e nos espaços de encontro entre os fiéis, essas demandas imediatas da Instituição aparecem de forma mais explícita. Como exemplos de atividades em que a Igreja busca apoio, é possível citar: eventos de evangelização em espaços públicos, shows, pregações públicas, alvarás para templos antigos e autorizações para construção de novos. Um exemplo paradigmático foi o evento Cruzada Evangelística do Campo Limpo, organizado pelo setor 104 do ministério Belém e realizado no mês de agosto de 2012. Nele, a Igreja passa do início da tarde até às cerca de 22:00 realizando um culto, em palco montado em uma rua do Campo Limpo, fechada exclusivamente para essa atividade. Durante o culto, em que se intercalavam pregações com músicas conduzidas pela banda da igreja, grupos de fiéis passavam em casas e prédios da vizinhança

⁵² o jornal “Nosso Setor” ano XI – N° 104 – Julho de 2012

convidando os moradores a integrar a atividade, e o mesmo se dá com pessoas que estejam circulando nas redondezas. Ao final, as pessoas são convidadas a “aceitar Jesus” - o que seria o primeiro passo para se tornar um fiel da denominação. O esforço é dispendido, portanto, na busca por pessoas que possam se tornar novos fiéis.

Tal atividade é considerada de suma importância pela Igreja, e para que o evento fosse realizado foi preciso de autorização e infraestrutura – como o palco, banheiros químicos, segurança e o fechamento da rua – fornecidos pela prefeitura. Segundo as informações passadas pela Igreja aos fiéis, foi só por meio da vereadora e candidata a reeleição Marta Costa (PSD) que o evento conseguiu apoio e logística para acontecer.

Da mesma forma que a Igreja veicula o discurso de que Marta Costa (PSD) realizaria o intermédio entre a instituição e a prefeitura, promovendo os interesses da Igreja – e da comunidade – no plano político, também veicula que os próprios fiéis teriam proximidade com a vereadora – o que se relaciona com a característica de ajuda mútua das redes evangélicas.

A poucas semanas da eleição, durante um culto de domingo, um testemunho proferido no púlpito por uma fiel ilustra impecavelmente tal prática: a fiel, primeiramente, diz seu nome e apresenta sua família aos outros membros presentes. Em seguida, começa a contar sua história. Diz que trabalhava em uma feira de alimentos, e que há muito tempo estaria passando por dificuldades, já que ocupava um espaço pequeno e mal localizado estrategicamente na feira, por não possuir documentação necessária para poder montar um espaço maior. Por esse motivo, as vendas estavam baixas e sua família estaria enfrentando dificuldades financeiras. Dando continuidade ao testemunho, afirmou que como boa cristã, não poderia se deixar abalar e nem se acomodar com a condição que estaria passando. Buscando uma saída, a fiel afirmou que procurou a vereadora Marta Costa e, “ao mesmo tempo, não perdeu a fé”, tendo frequentado a igreja constantemente e tendo orado muito para que as condições mudassem. Como resultado, Marta Costa (PSD) conseguiu regularizar a documentação da fiel, e lhe disponibilizou um lugar na feira melhor posicionado e maior do que o anterior. Devido a tal fato, a fiel disse que estava fazendo o testemunho como um agradecimento a Deus e a Marta Costa, por terem, nesse aspecto, mudado as condições de sua família. Logo após seu testemunho, o pastor pediu uma salva de palmas da Igreja para a fiel, e aproveitou para lembrar a todos que a vereadora Marta Costa (PSD) é a

porta voz dos cristãos na Câmara Municipal, e que a mesma estaria concorrendo à reeleição.

Tal caso, relatado em forma de testemunho, poderia ser analisado como uma relação clientelista típica, em que há troca de serviços ou benesses do Estado por apoio político, entre um ator político e setores pobres da população⁵³. No entanto, ainda que esse elemento esteja presente, ele se dá em meio a um contexto que envolve questões religiosas, morais e de identidade da comunidade religiosa. Dessa forma, essa relação de troca de benesses por apoio político deve ser vista como mais um elemento, em meio a diversos outros trazidos à tona no momento eleitoral.

Além das conversas com os fiéis, da entrega de materiais na porta do templo e do testemunho citando a candidata, a Igreja promoveu um evento para que a própria Marta Costa (PSD) visitasse o templo e tivesse contato com os seus membros. A poucas semanas da eleição, no dia primeiro de setembro de 2012, ocorreu um culto destinado às crianças de todas as igrejas congregadas ao setor 104 do ministério Belém. Durante a atividade, em coral, as crianças cantaram hinos evangélicos, fizeram apresentações performáticas⁵⁴ e interagiram com a vereadora candidata. Ao final do culto, Marta Costa fez uma oração e presenteou as crianças com um pequeno saquinho de brinquedos. No encerramento da atividade, um dos pastores perguntou para as crianças: “Gostaram do presente? Se sim digam amém”. Após a resposta afirmativa de todos, o pastor continua: “A nossa coordenadora de crianças é a candidata a vereadora da Igreja, digam amém agora os adultos”. Com o final da atividade, vários fiéis foram interagir com a candidata, tirando fotos e conversando, enquanto do lado de fora do templo se distribuíam panfletos e materiais de campanha.

⁵³ Sobre o conceito de clientelismo, ver CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997

⁵⁴ Para o evento, as crianças tiveram que ensaiar por algum tempo, o que significa que a atividade estava já planejada há certo tempo.

Figura 13 – Evento de Crianças do setor 104 da Assembleia de Deus

Tanto a visita de Marta Costa (PSD) quanto os materiais de campanha e os discursos emitidos pela Igreja durante o período eleitoral remetem a um sentimento de pertencimento à comunidade religiosa da Assembleia de Deus. Não se pode esquecer, no entanto, que a AD possui também uma atuação cotidiana, de defesa de uma moral rígida, ligada à interpretação que a instituição faz do cristianismo. Essa moral que defendem para seus fiéis no plano individual também compõe, de certa forma, o programa político que os parlamentares evangélicos defendem nas suas legislaturas, indo além da simples criação de contatos entre o Estado e as Igrejas. Esse elemento não entrou de forma contundente no material de campanha para vereadora de Marta Costa, a meu ver, pelo fato da pauta em defesa dos valores cristãos já estar presente no entendimento dos fiéis e fazer parte dos seus diálogos e interações – o que ficará mais evidente no decorrer do capítulo. Um maior aprofundamento do programa político da Igreja também será visto no decorrer deste capítulo e no seguinte.

2.3. A recepção da campanha pelos fiéis

No âmbito dos fiéis, o discurso fornecido pela Instituição foi amplamente apropriado e reproduzido. Para o evangélico, residente da periferia, com círculo social composto majoritariamente por pessoas da família e da Igreja, a presença de uma candidata do seio da Instituição em que mais confia e com a qual compartilha os principais valores tomou forma relevante em termos políticos-eleitorais. No olhar típico dos membros da Igreja, o plano mais próximo, referente ao vínculo entre representante e representado, é mais do que satisfatoriamente contemplado na candidatura apoiada pela Instituição religiosa. É como se a própria Igreja frequentada diversas vezes por semana fizesse a mediação entre o representante político e o fiel, assumindo, dessa forma, o importante papel de interceder por ele junto ao Estado. A figura do partido político não possui importância, e se não foi acionada no discurso da candidata, tampouco apareceu no dos fiéis. Alguns excertos de entrevistas a seguir mostram justificativas e menções de apoio à candidata:

A Marta Costa é muito boa. A Marta arrumou o alvará pra uma Irmã; O que você precisar dela pode falar com ela. Ela vai defender a Igreja.

(Eunice, 35 anos, empregada doméstica)

Nos 100 anos da Assembleia de Deus ano passado, os pastores da receberam honras públicas. É importante uma representante lá, a gente é visto de uma maneira diferente. Você vê um evento como a cruzada evangelista: Com um representante a gente consegue realizar. Então nós apoiamos ela.

(Alberto, 35 anos, Segurança)

Estava apoiando a Marta Costa, filha do nosso pastor presidente. Uma pessoa honesta que não vai decepcionar. Ela ajuda muito. Ela faz um bom trabalho pela Igreja. Panfletamos pra ela, e falei com as pessoas.

(Rita, 54 anos, pensionista)

Antes eu achava que crente não devia se envolver com a política porque acabava se corrompendo. Não é que eu mudei a minha maneira de pensar, mas dependendo do servo de Deus vai até ajudar, não pode deixar se corromper. No caso da Marta Costa ela tem ajudado muito as Igrejas. Teve um evento ano passado – a Cruzada Evangelística – que ela conseguiu que a SPtrans fechasse a rua, conseguiu o palanque com a prefeitura, conseguiu o som, iluminação da rua eles aumentaram, polícia também. Se não fosse ela lá dentro a gente não ia ter conseguido isso e foi uma coisa que deu fruto para nós. Deu frutos para nós, porque não adianta simplesmente realizar uma cruzada evangelística só pra dizer que fez, nós conseguimos ganhar almas através disso.

(Lúcia, 47 anos, vendedora)

Ainda que não se remetam especificamente à candidata Marta Costa, na fala dos fiéis observei a forte noção de que os políticos evangélicos desempenham um importante papel moralizante, zelando para que a política nacional “melhore” e também para que a moral religiosa compartilhada pelo grupo seja levada em conta pelo Estado. É importante observar que, como muitos brasileiros, os membros da Igreja possuem grande insatisfação com o quadro político atual e os políticos nacionais. Mesmo quando as pessoas conseguem enxergar melhoras no bairro e no país, ou mesmo associações entre determinadas políticas públicas e alguns personagens ou partidos, todos demonstram e verbalizam descontentamento com a política institucional, o que pode aparecer tanto na forma de revolta, quanto na de resignação. Nesses discursos, também é comum a referência a casos de corrupção.

A fala de Clarisse, fiel da igreja, ilustra bem essa situação de afastamento com a política eleitoral. Clarisse tem 38 anos e é uma das 2 pessoas entrevistadas que nasceu em São Paulo. É separada, possui duas filhas e, na data da entrevista, trabalhava como vendedora em uma ótica. Tornou-se evangélica quando era criança, por influência da sua mãe. Já foi regente dos grupos de “mocidade” e adolescentes na igreja em que frequentava, e também fez um curso interno em tal igreja – da Assembleia de Deus, ministério Brás – para ser professora de escola dominical. Passou a frequentar o ministério Belém quando se mudou para São Miguel Paulista, pois nesse local não havia

nenhuma igreja ligada ao ministério do Brás. Hoje, morando próximo ao terminal Campo Limpo, frequenta o setor 104.

(...) Não gosto [de política], e procuro me envolver o mínimo possível. Eu penso dessa forma, a pessoa que entra lá ela pode até ter uma cabeça boa, querer fazer alguma coisa, mas a corrupção lá dentro é tão grande, mas tão grande que aquela pessoa, ou ela vai tomar partido deles ou ela vai sair de lá, porque eles acabam não deixando ela ficar lá. Pra mim é um ninho de cobras, ou você se envolve ou você sai fora. Melhora um pouquinho, entre aspas, mas todo mundo que entra lá, entra pra roubar.

(Clarisse, 38 anos, vendedora)

Em meio a esse sentimento de descrença expresso na fala de Clarisse aqui reproduzida, e também no discurso de diversos outros fiéis, a Igreja aparece como uma instituição confiável, capaz de interferir no mundo de uma maneira justa, quase incorruptível. A interferência da Igreja na política, através do lançamento de candidaturas de membros em destaque, então, é vista como uma atitude positiva, de efeito moralizante. Por vezes, esses candidatos assumem até uma posição divinizada. As falas a seguir, de Clarissa e outros fieis ilustram tal situação:

(...)Um servo de Deus a gente acaba confiando mais. A gente espera que pelo menos seja o que a gente espera, que é ser uma pessoa sincera, uma pessoa honesta, fazer a diferença. Não adianta chegar lá e roubar, né. É o que a gente espera(...) *Como você vai saber que ele é realmente o que você espera?* Um servo de Deus, se ele for realmente um servo de Deus, Deus não deixa as pessoas falar no nome dele em vão, não deixa pecado encoberto, deus não deixa um servo dele enganar, Deus mostra o que é certo e errado.

(Clarisse 38 anos, vendedora)

O fato de um político ser da igreja é melhor? Com certeza! Podíamos até torcer pra um presidente ser evangélico. Mas o que muda no fato do político ser evangélico? O caráter, a maneira dele ser, de ser honesto, não roubar, ser uma pessoa vista diferente

(Rita, 54 anos, pensionista)

O pessoal da Igreja é de um tipo e o pessoal de fora vê o mundo totalmente diferente. Em termos de ajudar mesmo (...) Acho bom [termos candidatos evangélicos]. Em termos da pessoa querer amenizar bebidas, venda de drogas, de querer melhorar ao próximo e chegar perto de Deus. Se o candidato for da Igreja ele tem essa visão maior do que de gente de fora.

(Reginaldo, 24 anos, desempregado)

Mas não é só como baluarte da ética que os candidatos evangélicos aparecem aos olhos dos fiéis. Para eles, também existe uma representação dos seus interesses, com relação à moral cristã. É uma defesa, portanto, também com conteúdo político, ainda que mais ligada a questões morais do que a questões da esfera socioeconômica. A fala selecionada de Juliana expressa isso:

“Hoje a Igreja tem uma relação com a política. Não que a Igreja dependa da política, de políticos. Mas na Igreja tem políticos, tem pessoas que são da política, que fazem parte, que são os candidatos. Então, de uma certa forma, eu vejo essas pessoas como nossos defensores diante de algumas leis, de algumas situações. Eles estão lá para nos apoiar. Eu concordo. *E o que você pensa desses defensores? Defendem do que?* Assim... Algumas leis que não correspondem com a verdade bíblica. Desde uma coisa que parece ser insignificante à uma coisa séria, que ofenda realmente os nossos dogmas.”

(Juliana, 28 anos, atendente em lanchonete)

Dentre os temas apontados como fundamentais para os fiéis, o principal deles é a respeito dos direitos da população LGBTT. Para os entrevistados, bem como para as pessoas com quem conversei durante os cultos, a prática homossexual constitui parte do universo do profano, uma infração à criação divina e às práticas que Deus espera do ser humano em geral – e não só de quem segue a fé cristã. Os excertos a seguir, selecionados de entrevistas com os fiéis, são só alguns exemplos de declarações a esse respeito:

“Aí o mais grave é quando ofende as leis bíblicas, aquilo que a gente vê dentro da ética cristã. Por exemplo, o homossexualismo – eu acho que

ofende totalmente aquilo que veio da fundação do mundo, de quando Deus criou. *Você diz Adão e Eva?* Sim, desde quando Ele criou e determinou sobre a Terra, quem ficar sobre a Terra, como ia continuar. Eu vejo que foi uma determinação que Ele deu, universal, e não tem o que se acrescentar dentro daquilo.”

(Juliana, 28 anos, atendente em lanchonete)

Tem políticos oriundos de igrejas evangélicas, o que vocês acham disso? Pra você é bom ter pessoas da Igreja na política? É porque tem muitos projetos que a bancada evangélica conseguiu que não vá adiante. Agora mesmo essas cartilhas aí contra, como se fala mesmo? Homofobia

(Alberto, 35 anos, Segurança)

Hoje posso afirmar que sou preconceituosa. Pra mim é errado e vai ser sempre errado. A bíblia fala que a gente não pode blasfemar contra Deus. Se Deus fez o homem e a mulher, Deus não fez dois Adãos e duas Evas. Então tem que ser Adão e Eva. *E o que você acha de políticas voltadas para a população homossexual?* Sou contra. Totalmente contra. Acho que isso só vem instigar mais as mentes. Porque daí que eles vão querer ser mesmo, aí que o jovem vai querer ser mesmo, porque se o governo apoia, se todo mundo apoia, aí que todo mundo vai ficar caindo no bacanal mesmo.

(Clarisse 38 anos, vendedora)

Acho errado união legalizada. É errada. A Bíblia condena, então quem sou eu pra dizer que sou a favor? Não vou agredir, falar mal deles.. acho que são pessoas que precisam da nossa ajuda

(Rita, 54 anos, pensionista)

Esse tipo de discurso emitido pelos fiéis se apresenta em perfeita sintonia com as próprias instituições religiosas evangélicas, e com os principais líderes evangélicos do país, tais quais os pastores Silas Malafaia, Marco Feliciano, entre outros. A postura contrária aos grupos LGBTT e às políticas de equalização de direitos, tais quais a união civil e o casamento igualitário, a possibilidade de adoção de crianças para casais do

mesmo sexo, e mesmo o combate à homofobia, vem se mostrando como uma marca da ação dos evangélicos na esfera pública e política brasileira⁵⁵.

Ainda que esses fatos e noções não remetam diretamente à vereadora e candidata Marta Costa (PSD), o discurso emitido pelos fiéis possibilita a compreensão das pautas políticas levadas a cabo por esse grupo, bem como a forma com que essas políticas se relacionam com a vivência e a moral religiosa desses religiosos. Nesse sentido, a candidatura de Marta Costa (PSD), além de representar anseios imediatos dessas pessoas no que diz respeito à interlocução imediata da Igreja e do fiel com a prefeitura, responde a anseios dessa fração da população com relação à conjuntura política, e representa um projeto político mais amplo.

No plano das eleições legislativas, esses elementos se combinaram sem gerar conflitos no interior do sistema ideológico dessas pessoas. Como resultado, observei a comunidade religiosa unida no apoio a Marta Costa (PSD). Já no que toca o plano da eleição para o executivo municipal, a situação foi outra, como abordarei no próximo capítulo. Uma explicação para tal fato se dá a partir das próprias características dos distintos tipos de representação, sendo que as diferentes competências dos poderes sustentam diferentes expectativas dos fiéis para com os candidatos dos dois planos. De forma geral, os candidatos para o poder legislativo buscam construir um tipo de ligação mais próxima entre eleitor e candidato, o que implica também nos discursos voltados às circunstâncias mais imediatas dos eleitores, ou ainda a representação de setores minoritários ou grupos de interesse bem definidos – como o caso dos evangélicos. De forma oposta, o plano majoritário desloca os discursos do plano local mais imediato e também do aspecto de representação de setores minoritários, se aproximando mais de discursos a respeito da sociedade em geral.

Em meio a esse jogo, os próprios partidos políticos também aparecem de diferentes formas, mais presentes ou diluídos atrás das imagens pessoais dos candidatos. Considerando os incentivos do sistema eleitoral brasileiro, no que diz respeito ao grau de personificação do processo eleitoral – ou seja, na importância dos atributos individuais em detrimento dos atributos do partido político – temos que, no plano majoritário, a figura do candidato e a do partido se confundem, enquanto que, no âmbito

⁵⁵ O combate às pautas de ampliação de direitos da comunidade LGBTT se dá tanto na esfera da sociedade - com a pregação nos cultos, a exposição de cartazes contra a união homoafetiva, entrevistas e posicionamentos na mídia - quanto na esfera do Estado - com a atuação das frentes parlamentares cristãs.

proporcional, a instituição da lista aberta estimula a predominância da reputação individual em detrimento da reputação partidária (NICOLAU, J. 2002; SAMUELS, D. 1997). Foi exatamente esse o padrão encontrado entre os fiéis observados nessa pesquisa: no plano das eleições legislativas, o que importou foi a ligação da candidata com a Igreja, sem intermédio ou mesmo reflexões acerca da sua filiação partidária. Já no que diz respeito ao plano executivo, as questões partidárias estiveram muito mais presentes.

No próximo capítulo discutirei especificamente as eleições no plano executivo, para prefeito da capital paulista. É nele, principalmente, que se expressa o caso de “pressões cruzadas”, já apresentado anteriormente, em que a filiação religiosa e as questões oriundas do plano socioeconômico criam incentivos que se chocam.

Capítulo III – A pressão do lulismo na eleição majoritária: a comunidade dividida

No capítulo anterior tratei das eleições de 2012 em São Paulo dando ênfase ao plano legislativo, em que o ministério Belém da Assembleia de Deus apoiou a candidatura de Marta Costa (PSD). Neste capítulo trato do plano majoritário, no mesmo pleito e na mesma igreja, em que o candidato apoiado pela instituição foi José Serra (PSDB). Como ressaltado anteriormente, a ligação do ministério Belém com Serra (PSDB) já se dava há certo tempo – nas eleições de 2010, ele foi o candidato apoiado pela denominação para as eleições presidenciais, enquanto em 2004 foi apoiado para as eleições municipais paulistas.

Diferentemente do caso de Marta Costa (PSD) – que é “assembleiana”, possui cargo de dirigente da setorial de crianças do ministério Belém, e é filha do presidente do mesmo ministério e da CGADB, o pastor José Wellington Bezerra da Costa – José Serra (PSDB) não possui ligação religiosa com a AD ou mesmo com o universo evangélico, declarando-se católico. Por tal fato, como será abordado adiante, no lugar do discurso que ressalta as condições de pertencimento ao universo dos fiéis, a igreja se posicionou ressaltando Serra como um “político amigo” da AD, em oposição ao candidato petista. No primeiro turno, com as atenções da instituição voltadas para a candidata da Igreja no plano proporcional, os pastores do setor 104, em meio aos cultos e eventos por mim observados, somente remeteram aos candidatos a prefeito no domingo anterior à eleição. Na ocasião, ressaltaram o apoio do ministério ao candidato do PSDB, mas dizendo que os fiéis “não teriam que votar nele”, sendo aquela somente uma indicação. No segundo turno, já com Marta Costa (PSD) reeleita e com o candidato Fernando Haddad (PT) disputando o pleito, a atuação da igreja aumentou. Ainda assim, os discursos proferidos foram mais contundentes na rejeição ao candidato petista do que em relação às características do candidato do PSDB.

No plano majoritário, ao contrário do proporcional, também encontrei reações e discordâncias públicas dos fiéis com relação aos posicionamentos da instituição religiosa. Como pano de fundo dessas discordâncias, como será abordado adiante, estava percepção de melhora nas condições de vida, atribuídas a governos petistas no âmbito federal (Dilma e Lula) e, em alguns casos, municipal (Marta Suplicy).

A percepção de melhora nas condições de vida atribuídas aos governos petistas deixa o grupo em um quadro próximo ao que Lipset (1967) chama de “pressões cruzadas”, que ocorre quando um grupo social sofre pressões divergentes, uma que o inclina por um candidato ou partido, outra(s) que o inclina para um candidato ou partido distinto (LIPSET, S. 1967: 214). De um lado, esses eleitores estavam sob a pressão da Igreja, que fez duras críticas ao candidato petista e defendeu, ainda que timidamente, o voto no candidato do PSDB, José Serra. De outro lado, essas pessoas encaravam a pressão das condições econômicas e do apoio dos líderes petistas – principalmente Lula – para votar no candidato Fernando Haddad. Irei iniciar este capítulo apresentando as percepções dessas pessoas sobre suas condições de vida.

3.1. As condições de vida dos fiéis e a identidade “lulista”

No capítulo anterior, para tratar da força eleitoral da Igreja entre o grupo pesquisado, considerei necessário discutir as redes e laços afetivos que unem os fiéis dessa Igreja. De forma semelhante, no capítulo presente considero fundamental abordar as percepções dos fiéis com respeito às suas condições de vida, o que passa pelas mudanças observadas no plano social na última década no país, e também as questões locais, referentes ao bairro em que residem.

Os dados econômicos durante a primeira década dos anos 2000, sob o governo de Lula (PT), indicam a ascensão social de grandes contingentes da população, que teriam migrado das camadas de renda D e E para o que economistas e publicitários chamam de “classe C”⁵⁶. Neri (2011) ressalta que, em números absolutos, 39,6 milhões

⁵⁶ A divisão entre “classes A, B, C, D e E” foi realizada por Neri tomando por base os valores mensais da renda domiciliar e os valores de renda per capita dos membros da família. Dessa forma, a “classe E”, em 2008, corresponde às pessoas cuja renda domiciliar ia até 768 reais e cuja renda per capita atingia o máximo de 135 reais; a “classe D” corresponde à renda domiciliar variava de 768 reais a 1.064 reais e a renda per capita de 135 a 214 reais; na “classe C” estariam as pessoas cuja variação da renda domiciliar ia de 1.064 reais a 4.591 reais e da renda per capita de 214 a 923 reais; finalmente, nas “classes A e B” em conjunto, estariam as pessoas que possuíam renda domiciliar total a partir de 4.591 reais e renda per capita a partir de 923 reais (Neri, 2008). Para atualizar estes valores pode-se fazer uma correlação entre os limites inferiores e superiores atribuídos a cada uma das cinco faixas de renda descritas acima e o salário mínimo correspondente ao ano de 2008, ano tomado como referência para a pesquisa do economista, cujo valor naquele ano somava 415 reais. Dessa forma, aproximadamente, no que se refere apenas à renda domiciliar mensal, o limite superior da classe E, 768 reais, equivale a 1,8 salário mínimo, o limite

de pessoas passaram a integrar a “classe C” (NERI, M. 2011). Com esse processo, a partir de 2007 o país passou a integrar o grupo de países de alto IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Segundo os dados apresentados por Neri, o aumento de pessoas nessa camada de renda faz com que a maior parte da população brasileira (55,05% em 2011) situe-se na “classe média”. O argumento do autor para considerar a “classe C” como “média” é de que tal camada representa a renda média da sociedade, sendo, portanto, a classe “média no sentido estatístico” (NERI, 2011, p. 19). Ainda que tal utilização do termo “classe” para essa camada seja criticada por muitos autores⁵⁷, o trabalho de Neri torna-se referência pelos importantes dados e apontamentos sobre as mudanças recentes na estrutura social brasileira. Seria, segundo a literatura sobre comportamento eleitoral discutida no primeiro capítulo deste trabalho, esse fenômeno que estaria por trás do apoio dessa camada aos candidatos do PT.

Além dos índices de renda na população nacional, para tratar das condições de vida dos fiéis é necessário ponderar as condições estruturais do bairro em que residem. Nesse sentido, retomando pontos apresentados no capítulo 1, temos que o Campo Limpo pode ser descrito como um bairro de “periferia consolidada”. Isso significa que, diferentemente ou em maior grau das zonas fronteiriças da cidade, a taxa de crescimento populacional não é elevada, e a área comporta equipamentos públicos e até alguma presença de classe média tradicional. Ao mesmo tempo em que há uma grande quantidade de moradias em situações de precariedade, há condomínios fechados de classe média, que formam pequenas “ilhas” de riqueza em meio a uma maioria de áreas pobres.

O Campo Limpo é um bairro com certa tradição de mobilização social. Ele abriga uma série de ONGs, movimentos sociais – como o movimento de moradia – e saraus⁵⁸, além de um CEU, que recebe uma boa quantidade de pessoas nos finais de semana. É de notar também a grande quantidade de Igrejas evangélicas, tanto nas vias principais, como a Estrada do Campo Limpo ou a Avenida Carlos Lacerda, quanto nas vias menores e nas “quebradas”.

superior da D, 1.064 reais, a 2,5 SM, o limite superior da "classe C", 4.591 reais, a 11 SM, sendo que as famílias das classes A e B recebem, mensalmente, mais de 11 SM.

⁵⁷ Há um amplo debate envolvendo a caracterização das camadas emergentes no Brasil, bem como a atual estrutura de classes brasileiras. A esse respeito, ver Souza (2011 e 2012), Souza e Lamounier (2010); Pochmann (2012); Braga (2012); Singer (2012); entre outros.

⁵⁸ Saraus são eventos culturais, em que as pessoas se reúnem para se expressar artisticamente, seja na forma de dança, poesia ou música. Um exemplo de sarau no distrito do Campo Limpo, em São Paulo, é o Sarau do Binho.

Dentre as pessoas que conheci e conversei na Igreja, a maior parte delas mora nas redondezas do templo, que fica próximo à parte “central” do bairro, nos arredores da Estrada do Campo Limpo e da Avenida Carlos Lacerda, onde se concentra a maioria do comércio e dos serviços da região, além do Terminal Campo Limpo, onde se concentram as principais linhas de transporte que ligam o bairro ao restante da cidade. Boa parte desses fiéis vai e volta dos cultos e atividades a pé. Nessa região mais central do bairro, o comércio é abundante, e é possível ver que se alternam residências e estabelecimentos comerciais mais pobres com aqueles em que as fachadas não são muito diferentes das encontradas em bairros de classe média. Não é preciso caminhar muito para observar cenários mais característicos de ambientes fortemente marcados por privações econômicas e sociais. Andando poucos metros em perpendiculares da Avenida Carlos Lacerda, por exemplo, o que aparece é um afluente do córrego Pirajussara, a céu aberto, que costuma provocar enchentes em época de chuvas e atingir as residências mais próximas. No entorno do córrego, se observa a ausência de asfalto e casas feitas de alvenaria, mas sem qualquer acabamento. Foi em uma dessas casas que realizei três entrevistas – com a moradora e duas vizinhas, todas da Igreja aqui pesquisada. Do lado oposto do córrego, a situação é semelhante. O que muda é o município – Taboão da Serra, onde também residem alguns fiéis da Igreja do setor 104.

Nos últimos anos, o bairro passou por algumas mudanças: foi inaugurado um CEU (em 2004), o Terminal Campo Limpo (em 2009), faixas exclusivas de ônibus (a partir de 2000) e uma Universidade privada (Uniban). A região entre o Campo Limpo e Capão Redondo ganhou uma estação de metrô (2002) e um shopping center (2007). Segundo relatos dos fiéis, a região também obteve uma grande expansão de estabelecimentos comerciais.

Essas mudanças que o bairro passou, bem como as mudanças do país, aparecem constantemente nos relatos dos fiéis e em muitas das conversas que envolvem temas relacionados à política institucional brasileira. Um primeiro ponto a se destacar no que diz respeito às narrativas sobre as experiências vivenciadas no bairro, é de que, ao contrário do esperado, o universo de mobilizações sociais dos anos 1970 e 1980 não se encontra presente nos relatos, nem mesmo entre as pessoas mais velhas residentes na região. Tal afastamento resulta no fato de que esses fiéis não tenham tido vivência com o “petismo” presente nesse momento nesses espaços e movimentos. Uma explicação possível para o pouco contato com esse aspecto da dinâmica local está na própria

sociabilidade religiosa: como já tratado no capítulo anterior, essas pessoas têm poucos contatos fora da Igreja, ou do universo dos “crentes” de outras denominações. Fora o trabalho/estudo, a vida social desses fiéis é basicamente composta pelas dinâmicas familiares e a rotina da Igreja.

A despeito dessa pretensa falta de envolvimento com demais associações e movimentos externos à Igreja, nas entrevistas e conversas os fiéis expressam com clareza suas percepções e opiniões sobre as condições dos serviços públicos, as condições de emprego, segurança e trabalho, tanto no plano do bairro em que vivem quanto no do país, em geral. No que toca às percepções sobre o bairro, ainda que as opiniões não sejam exatamente as mesmas, prevalece um sentimento de que, nos últimos anos, o local passou por mudanças importantes. As questões mais levantadas, nesse sentido, são a de segurança e a de disponibilidades de serviços. A questão do “mundo do crime” merece uma atenção especial, já que, durante certo período que esta pesquisa abordou, entre os meses de agosto a novembro, São Paulo passou por uma onda de ataques atribuídos ao PCC. Não cabe neste trabalho o aprofundamento na discussão sobre o tema, mas torna-se importante tocar, ainda que brevemente, nos impactos desses fatos para os fiéis, bem como a percepção dos mesmos sobre os ocorridos. O tópico seguinte tratará de tais questões.

3.1.1. A questão da segurança e os ataques do PCC em São Paulo em 2012

Ao se pesquisar contextos de periferias nas grandes cidades é muito difícil que as questões da violência e da criminalidade não sejam tratadas. Nos ambientes observados nesta pesquisa, o tema estava presente nas conversas – geralmente situando o mundo do crime em oposição à Igreja. Nas primeiras entrevistas realizadas, os relatos obtidos sustentavam, entretanto, uma situação de certa estabilidade, inclusive com percepções de melhora em comparação a períodos anteriores. As falas de Juliana e Bruno ilustram bem tal situação:

Aqui, quando eu cheguei, tinha mais problema. Era mais violento. Agora está mais tranquilo, tem mais policiamento, tem mais rondas. Então eu acho que melhorou. Você pode até observar os comércios aqui do bairro tem mais policiamento, sempre tem alguém na segurança, fazendo ronda... Isso passa segurança pra gente.

(Juliana, 28 anos, atendente em lanchonete)

Aqui em SP a gente não teve problema, mas eu já vi gente sendo assaltada. Esses dias aí roubaram o carro da mulher do pastor. Mas é isso, a gente tem sempre que tomar cuidado porque em qualquer lugar sempre vai ter.

(Bruno, 20 anos, estudante)

Tais palavras foram emitidas antes dos eventos dos últimos meses de 2012. Nesse período, aconteceu uma série de chacinas e homicídios nas periferias de São Paulo, e em muitos locais – incluindo o Campo Limpo – foram decretados “toques de recolher” durante a noite. Tal situação não impediu os fiéis de frequentarem os cultos da Igreja, mas ainda assim modificou muito suas vidas e suas percepções sobre a situação da cidade. Os próprios cultos passaram a terminar mais cedo, e as pessoas relatavam a presença intimidadora de viaturas e helicópteros policiais a todo o momento. Durante alguns dias as aulas foram interrompidas e o comércio ficou fechado. A situação teve seu ápice entre os meses de outubro e dezembro, e foi caracterizada como uma “calamidade”⁵⁹ e comparada com os ataques do PCC que atingiram São Paulo em 2006⁶⁰. Em uma dessas noites, uma informante da Igreja relatou

Tem muita policia ainda, e helicópteros. As escolas dispensaram os alunos, para evitar risco de conflitos entre bandido e polícia. Os policiais estão nas comunidades para achar os integrantes do PCC, e como estou ouvindo os helicópteros, ainda não acharam todos, rs

(Noêmia, membro da direção da igreja, por mensagem em rede social)

Em meio a essa temporada de exceção, os relatos envolveram casos de assassinatos em locais próximos da moradia dos fiéis. A situação de violência era, dessa

⁵⁹ <http://oglobo.globo.com/pais/situacao-na-periferia-de-sp-de-calamidade-dizem-movimentos-sociais-6601984>

⁶⁰ Sobre os ataques do PCC em 2006, ver Feltran (2011).

forma, vivenciada de forma muito próxima, revelando que o estado anterior, em que havia certa ordem e estabilidade, na realidade era frágil.

3.1.2. Infraestrutura e serviços públicos: baixa qualidade, algumas melhoras

Nos relatos dos fiéis acerca das condições da cidade, como problemas, além da violência, encontram-se praticamente todos os serviços públicos. No quesito de transporte, por exemplo, as pessoas relatam passar tempo demais nos trajetos de suas casas ao trabalho, além de pagar caro pelo serviço e de usufruir de um serviço de baixa qualidade. No que diz respeito à saúde e à educação, os serviços também são avaliados de forma muito negativa. Nas falas selecionadas a seguir, Clarisse e Juliana avaliam esses aspectos nas suas vidas.

A questão da saúde [precisaria melhorar], a área da saúde, que é precária, e as conduções mesmo né, que é ônibus lotado, ônibus lotado.. e o preço aumenta, aumenta, aumenta mas você não tem melhora(...) numa cidade populosa como a nossa eles deveriam investir mais em transporte, investir na área escolar. Você vê a escola que minha filha estuda, as vezes ela fica em casa uma semana por falta de professores. E a escola é 'tão boa' que os próprios professores falam 'tira seu filho daqui que a escola não presta'.

(Clarisse, 38 anos, vendedora em uma ótica)

No dia-a-dia de São Paulo... O maior problema que eu encaro e me estressa é o trânsito. O trânsito de São Paulo me tira do sério(...)o que eu passo todos os dias, então me estressa muito.(...) Perco praticamente uma hora, duas horas por dia(...) A saúde me incomoda, mas eu não tenho muito acesso sobre como funciona. Eu tenho plano de saúde (...) Também tem a questão do saneamento básico, eu acho que tem muito alagamento, tempestade

(Juliana, 28 anos, atendente em lanchonete)

O quadro apresentado pelos entrevistados não causa nenhuma surpresa. A baixa qualidade dos serviços públicos é uma característica há muito conhecida. No que diz respeito ao transporte público, a situação exposta é característica das metrópoles

brasileiras, enquanto que nos casos da saúde e educação, as mesmas citações poderiam ter sido ditas em praticamente qualquer município. A situação exposta retrata a conhecida dificuldade do Estado brasileiro de oferecer serviços públicos universais em qualidade razoável, o que faz com que os cidadãos procurem os serviços das redes privadas de educação e de saúde – como é o caso de Juliana, que possui convênio de saúde.

Apesar desses problemas, em aspectos gerais, a maioria das pessoas relatam mudanças importantes – para melhor. Como a imensa maioria dos entrevistados tem origem em cidades pequenas de outras regiões, muitos dos relatos de melhora aparecem na perspectiva da migração. Para essas pessoas, a própria migração significa um processo pessoal de ascensão – ainda que possa ser uma ascensão limitada. A seguida, apresento dois desses relatos, um de Bruno e outro de Alberto, que como já ressaltado no capítulo anterior, nasceram respectivamente em Abaetetuba (PA) e Sobradinho (BA):

[aqui existem] oportunidades mais amplas do que onde eu morava. Mais possibilidade de você adquirir as coisas, emprego. Lá não tem essa: possibilidades. Onde eu morava, lá não tinha emprego. [...] Aqui eu consegui um lar. Uma esposa. Tipo, por causa de mim mesmo. Se eu realmente tivesse me dedicado aos estudos – por que eu parei os estudos - Mas a vida pra mim melhorou, com certeza.

(Alberto, 35 anos, Segurança)

Aqui tem mais oportunidades de emprego, de tudo. Lá no Pará eu cheguei a começar faculdade de música, e eu tinha que ir da minha cidade até a capital, que era só lá que tinha. E eram 300 quilômetros de distancia, 3 horas pra chegar. E eu tinha que fazer isso duas vezes por semana, e hoje eu não tenho que fazer isso, pra mim 1 hora eu chego lá(...)em SP, que é muito diferente de onde eu vim, dificilmente a gente vê uma rua que não seja pavimentada. De onde eu vim parece que teve um bombardeio na cidade

(Bruno, 20 anos, estudante)

É importante considerar que, para esses fieis que migraram de outras regiões, a Igreja cumpriu um papel fundamental de adaptação, envolvendo desde ajuda emocional até ajuda financeira e profissional – como no caso de Bruno, já analisado no capítulo

anterior. Essa ascensão pessoal relatada, dessa forma, deve ser vista como um processo que envolve o associativismo religioso.

Mas não é só pela migração que os entrevistados ressaltam as mudanças nas suas condições de vida. Nos seus relatos, aparecem também muitos pontos que dizem respeito a mudanças ocorridas no país, no bairro e na cidade, envolvendo diversas áreas, desde o transporte público até as opções da região. Ganham destaque na fala dos entrevistados o bilhete único e os CEUs – programas que remetem à última gestão do PT na cidade, com Marta Suplicy. Eunice, que antes ficava muitas horas para chegar à casa onde trabalhava como doméstica, ressalta:

(...)o bilhete único que foi a Marta que fez, CEU. (...)Ela fez coisa boa, o Ceu, pras crianças estudar, brincar. Lá também tem um monte de coisa., ela que criou. O Bilhete único. Antes as pessoas acordavam de madrugada, pagavam duas passagens, agora só paga uma (...)

(Eunice, 35 anos, empregada doméstica)

Outro quesito em que Eunice e outros entrevistados apontam melhora é em relação ao comércio e ao oferecimento de serviços:

É bom aqui, é tudo perto, você vai aqui na avenida em baixo e tem tudo. Tem o ponto aqui em baixo, tem açougue, padaria

(Eunice, 35 anos, Empregada doméstica)

Além das questões do plano local, os entrevistados relatam algumas mudanças importantes no que diz respeito à situação da população e do país em geral. O discurso que se destaca é o de que o Brasil melhorou. Consideram que as oportunidades estão mais iguais, e que hoje podem ter uma perspectiva bem mais promissora para o futuro do que há anos atrás. Os planos de vida dos dois jovens entrevistados, um de 20 anos e outro de 24 (respectivamente, Bruno e Reginaldo), incluem frequentar cursos e faculdades que os possibilitem de crescer nas suas carreiras – e tais coisas que aparecem como viáveis e possíveis. A possibilidade de se cursar uma faculdade aparece também nas falas de pessoas um pouco mais velhas e já com alguns anos de carreira

constituídos, como Juliana, de 28 anos, e Alberto, de 35, que trabalham hoje, respectivamente, como balconista e segurança de uma loja⁶¹.

Entre as pessoas com filhos, é marcante a comparação das possibilidades entre as gerações. Sem exceção, tais pessoas foram categóricas ao afirmar que a geração de seus filhos tem uma vida mais confortável e possibilidades muito maiores do que as que eles tiveram. Nas palavras de Eunice:

(...) [os filhos têm] O que a gente não teve. Hoje eles têm mais facilidade. Hoje é mais fácil pra comprar, pra aprender. A vida deles vai ser bem melhor.

(Eunice, 35 anos, empregada doméstica)

Talvez o ponto mais importante a ser destacado seja justamente esse: a ideia de que as mudanças sociais recentes proporcionaram um novo rol de oportunidades, que se não beneficiam aos próprios entrevistados, ao menos atingem a geração de seus filhos. Nesse sentido, ainda que pessoas como Alberto pensem em voltar a estudar, a ascensão social verdadeira é enfatizada no plano geracional. Essas pessoas vêem uma pequena melhora nas suas condições, no entanto, tal melhora na situação imediata possibilita vislumbrar que a próxima geração possa traçar, realmente, uma ascensão social⁶².

Nesses relatos e avaliações sobre o mundo, como não poderia deixar de ser, as pessoas também emitem uma série de opiniões a respeito de partidos e políticos. Nesses discursos, atribuem diversos “responsáveis” para as mudanças e processos que observam. Um primeiro ponto a se destacar é que, sem titubear, eles ressaltam a importância dos governos Lula e Dilma para o quadro de melhora das condições de vida e das oportunidades. A ampla maioria demonstra conhecimento e se manifesta a favor de políticas como o Bolsa Família, o Prouni, entre outras. Tais programas aparecem nos discursos como algo próximo a essas pessoas, tendo feito parte ou de suas trajetórias, ou

⁶¹ Também é preciso constar que, com relação aos planos futuros, a Igreja exerce um importante papel. Independente da situação financeira dos fiéis ou das condições econômicas atuais, os cultos e as pregações pregam o sucesso na vida dos mesmos.

⁶² Possivelmente aí a Igreja também desempenhe um papel importante, ainda que isso não apreça no discurso dos fiéis. A fé num futuro melhor se constitui um dos pontos centrais das pregações feitas pelos pastores.

de trajetórias de conhecidos. No caso de Bruno, sua família já foi atendida pelo programa Bolsa-Família, o que ele considera de grande importância durante um período de sua vida. Há também outros entrevistados que não chegaram a usufruir de nenhum desses programas, mas esperam – especialmente com o Prouni – fazê-lo no futuro. É o caso de Alberto, que trabalha como segurança privado e tem planos de fazer um curso na área de tecnologia ou informática. Em algumas das falas proferidas, além do apoio a tais programas e iniciativas governamentais, aparece também certa identificação com a imagem do ex-presidente Lula e até mesmo de seu Partido, o PT. É importante constar que essa identificação não se deu com a imagem do PT ligado a movimentos sociais e a um discurso radical que o partido possuía nos anos 1980 e, já mais mitigado, nos anos 1990. De forma distinta, se deu mais com a imagem de “partido dos pobres” e com alguns programas sociais. As falas a seguir, de Bruno, Reginaldo (um jovem de 24 anos, que trabalhava sem registro como costureiro, mas no momento da entrevista estava desempregado) e Ana (natural de Conceição do Coité, na Bahia, com 47 anos, dois filhos e vendedora em uma loja) ilustram bem essa identificação. No tópico a seguir, em que exploro as declarações sobre a eleição, tal ligação também ficará evidente.

Nós já fomos beneficiados pelo Bolsa-Família e ajudou bastante, pra comprar as coisas pros filhos, o material escolar (...) isso foi quando o presidente Lula estava no governo. Eu acho que foi por causa dele. (...) Me ajudou bastante e continua ajudando bastante gente. É um fato desse que me levaria votar no presidente Lula, porque esses custos beneficiaram e beneficiam muitos brasileiros. Eu gostei do governo Lula por causa dessas mudanças.

(Bruno, 20 anos, estudante)

(...) Gosto do fato de ele ter vindo da pobreza. Ele melhorou o lado do trabalho, aumentou os empregos. Tenho [identificação] pelo PT, pela história do Lula, pelo que ele fez e tentou fazer, entendeu? Então, eu me interessei a votar nas pessoas desse partido.

(Reginaldo, 24 anos, trabalhou como costureiro, mas no momento da entrevista estava desocupado)

Fernando Henrique foi um bom presidente, mas o Lula controlou a inflação e no nordeste, pros nordestinos, ele ajudou muito essas áreas. Então ele governou para os mais carentes. Eu acredito que o Norte e o nordeste do Brasil tem muita carência. E o Lula ele tem trabalhado bem nessas partes. Talvez por ser nordestino,, mas ele sente a carência, sabe da carência e ele tem trabalhado muito nesses lugares. Eu achei ele um bom presidente.

(Lúcia, 47 anos, vendedora em loja)

Outro grupo de fiéis também veem mudanças por conta da ação governamental sob o governo Lula, mas não criam essa identificação com o ex presidente ou o seu partido. Juliana, por exemplo, mesmo afirmando gostar da atual presidente, Dilma Rousseff (PT), não vê com bons olhos o PT e o ex-presidente. Para ela o PT “não defende a causa do trabalho, em si”:

Na Bahia o que aconteceu foi federal: o bolsa família. *E o que você acha do Bolsa Família?* Assim, ajudou... Eu mesma nunca fui assistida por esse programa, nunca fui atendida por ele. Mas algumas pessoas conseguiram sobreviver com o pouco que é, mas pelo menos foi alguma coisa pra eles. Então as pessoas ficavam felizes de ter alguma coisa pra si... Era pouco, não era o suficiente, mas era alguma coisa pra eles. Já mudava um pouco a vida daquelas pessoas. Então com isso eu ficava satisfeita de ver, que alguém foi atendido. *E na sua cidade [Mutuipe] muitas pessoas foram atendidas?* Tinha bastante gente até. *E mudou a cidade de algum jeito?* Olha, minha cidade mudou muito. Quando eu volto lá eu vejo que ela evoluiu, o povo evoluiu. Em todos os sentidos, principalmente financeiro. *E o que você acha que fez mudar?* O Bolsa Família um pouco e programas que eles tem implantado. Eles tão recebendo atendimento do Sebrae e isso tem ajudado muito os jovens a se desenvolverem. Implantam fábrica, sabe. Programas que ingressam o jovem na faculdade, descobrem talentos, na verdade. E isso é muito bom. Já tenho amigos que estão caminhando por conta desses programas.(...) Mas pra mim o PT é como todos os outros partidos. Porque o partido trabalhista (sic) não defende essa causa, o trabalho em si(...) não defende (...) E é por esse motivo que eu não gosto do PT. (...) É o partido que eu menos gosto.

(Juliana, 28 anos, atendente em lanchonete)

Tal fato é importante, porque mostra que o reconhecimento de que mudanças foram realizadas não resulta automaticamente em apoio político – tampouco eleitoral, como será abordado no tópico a seguir. Se o caso de Juliana seria quantitativamente irrelevante, ou um “ponto fora da curva”, não seria possível afirmar. O ponto central a ser analisado é que outros fatores que não o simples usufruto da política pública também entram no mérito do julgamento e da avaliação dos governantes. No caso de Juliana, como abordarei adiante, os posicionamentos frente a questões morais e o posicionamento da Igreja se mostraram mais importantes do que a avaliação da situação econômica. O caso de Alberto guarda algumas semelhanças com o de Juliana. Sua fala indica que, apesar da boa avaliação do governo Lula e do PT, os casos de corrupção criam ressalvas morais com relação ao ex-presidente:

(...)Como eu disse do Lula e da Dilma, deu uma boa melhorada. Acho que deram um grande passo. Você vê preto fazendo faculdade, pessoas da classe C, D. Eu acho que melhorou bastante isso daí(...) As coisas tem se tornado mais fáceis. Dá pra prestar vestibular e entrar na faculdade, e tem outros meios de fazer curso. Prouni. *E você tem perspectiva de fazer?* Com certeza, na área de informática. Eu sou muito vidrado nessas coisas, mesmo celular, em tecnologia. (...) [mas] esses acontecimentos de corrupção que a gente vê no dia a dia, a gente fica indignado com algumas coisas, né? O Lula, pelos noticiários, pela veja e pelos meios de comunicação, [vemos] que esse mensalão aí tem o maior roubo de toda nossa história, da política brasileira.

(Alberto, 35 anos, Segurança)

No que diz respeito aos programas governamentais, só uma pessoa dentre os entrevistados se mostrou contra as medidas de transferência de renda realizadas nos últimos anos. É o caso de Clarisse, de 38 anos, que trabalha como vendedora em uma ótica no próprio Campo Limpo. No seu discurso, Clarisse questiona a credibilidade dos programas, e apela para o argumento conservador de que, com eles, “se estimula o ócio”:

Esse Bolsa Família, eu já vi reportagem de pessoas que não precisam e conseguem, e pessoas que precisam e não conseguem. Quanta gente que tem fogão, máquina de lavar e recebe, tem o auxílio gás? E outras

sem que não recebem? Acho que acaba ajudando um pouco, mas estimula aquela população que não quer trabalhar, que quer dar golpezinho. Então eu sou contra. Eu acho que deveria ter um estudo mais aprofundado, pra não ter golpezinho.

(Clarisse, 38 anos, vendedora)

Clarisse foi caso que mais se aproximou do que se costuma chamar de “conservadorismo popular”. Seu discurso lembra os conservadores mostrados por Pierucci nas suas pesquisas no final dos anos 1980 e começo de 1990, que apresentavam discursos que criminalizavam os movimentos sociais, e viam os negros, mulheres e nordestinos como inferiores (Pierucci, 1989, 1991, 1993). Para Clarisse, nenhum tipo de movimento social ou de ação coletiva em nível político é visto com bons olhos. Na sua opinião, a ascensão social só se daria, nesse sentido, pelo trabalho e esforço individual de cada um. Além disso, como abordarei adiante, possui uma visão altamente conservadora nas pautas morais, chegando ao ponto de se auto classificar como “preconceituosa”:

A educação que eu tive é que cada um tem que conquistar o seu lugar ao sol, então você não pode pegar e invadir o terreno que é de uma pessoa, e falar que é seu. Ou fazer aquela pessoa ser obrigada. Eu acho errado, acho que todos governantes deveriam se juntar e dar um jeito (...) acho que ninguém pode ser feliz as custas da infelicidade das outras pessoas, então invadir uma coisa que não é sua, não é certo, não adianta falar eu concordo.. não concordo. *Alguma greve você apoiaria?* Nenhuma. Acho que tido ter que ser sentado e acordado (...) *O que você acha que deveria ser feito para superar a desigualdade, a pobreza?* Acho que não tem muito jeito, é só trabalhar mesmo e buscar seu lugar ao sol. E parar de olhar pra um lado e pra outro, pra quem tem mais e menos. O que você puder ajudar ajuda e o que não puder deixa na mão de Deus, porque vai ter sempre alguém assim, Mas se todo mundo trabalhasse, se todo mundo der o melhor na sua casa não teria menor abandonado, não teria criança com drogas

(Clarisse, 38 anos, vendedora)

O que observei dessas percepções das mudanças e suas implicação políticas é que, apesar de significativo, o apoio às políticas lulistas e ao próprio ex presidente Lula

e seu partido, o PT, se dá em diferentes graus. Ao mesmo tempo, o apoio a políticas lulistas não implica automaticamente na adesão ao Lulismo. Dessa forma, se o suporte da Igreja, no plano das eleições executivas, não se deu – como tratarei adiante – de forma muito enfática, a identificação com o Lulismo, por sua vez, não se manifestou de maneira unânime e fortalecida.

Essas percepções sobre o mundo social são importantes, pois compreendem os elementos trazidos à tona no momento eleitoral na eleição para prefeito. Se a candidata Marta Costa (PSD) obtinha o apoio quase que automático dos fiéis da Igreja, com os candidatos paulistanos ao executivo os termos passavam por avaliações de outras instâncias. Ao mesmo tempo em que as pautas morais e a recomendação da Igreja exerceram uma influência, os elementos da esfera econômica e social entraram fortemente no debate.

3.2 A campanha para prefeito:

3.2.1.O Discurso institucional

Se para a candidatura de Marta Costa (PSD) observei um apoio significativo, expresso nas várias atividades realizadas pela Igreja e no esforço de comunicação entre a instituição e os fiéis, o mesmo não pode ser dito com o candidato apoiado pela Instituição para a prefeitura, José Serra (PSDB). Apesar de aliado antigo do ministério Belém, o discurso proferido na comunicação entre a Igreja e os fiéis, ao menos no setor 104, é o de que ele era o indicado pelo ministério, mas não possuía a mesma ligação e o mesmo compromisso que a candidata Marta Costa, que era “de dentro” da Instituição. Nas palavras de Noêmia, que participa da direção da Igreja:

Apoiamos o Serra, entretanto, ele não é o candidato oficial da Igreja, como é a Marta por exemplo. A Marta nasceu em nossa igreja, tem o sobrenome do pai para honrar. O povo com ministérios do Belém vota nela, porque conhece o trabalho dela. Em relação a prefeito a pessoa vota em quem achar melhor, é indicado o Serra até por conta de partido, mas ele não vai ter a responsabilidade conosco que a Marta tem. . .

(Noêmia)

É preciso ter em mente que as próprias diferenças entre as eleições proporcionais e majoritárias incentivam diferentes posturas por parte da Igreja. Em termos de regras institucionais, os candidatos das eleições proporcionais – por definição – não necessitam de maiorias e podem se voltar aos seus nichos eleitorais, sejam eles concentrados por região ou por pautas específicas que atraiam ativistas ou, no caso religioso, um grupo específico de fiéis. Foi o caso da candidata Marta Costa (PSD), que centrou exclusivamente sua campanha aos fiéis de sua Igreja. Eleições majoritárias, como a eleição para prefeito, exigem que os candidatos se voltem para toda a população, buscando a conquista de uma maioria. Como os evangélicos do ministério Belém não compõem a maioria do eleitorado na cidade, pelo lado da instituição, não seria possível lançar candidatos próprios competitivos. Já do lado dos candidatos, não seria possível optar por um tipo de discurso restrito a esse nicho religioso. Como consequência, o empenho e a ligação da Igreja com a eleição proporcional se torna muito mais justificável e efetivo.

Nesse sentido, durante a maior parte do primeiro turno, a menção ao candidato do PSDB à prefeitura se dava somente no material de campanha de Marta Costa (PSD). Era a ela que as atenções e esforços da instituição estavam voltados. No material citado, conforme a lei eleitoral exige, constavam as informações sobre a coligação partidária e o candidato a prefeito da mesma. Considerando os cultos e eventos por mim frequentados, somente no último culto antes do primeiro turno das eleições que a recomendação de voto em José Serra foi feita em caráter público, e ainda assim, com muito menos ênfase do que a recomendação feita para a candidata a vereadora apoiada pela Igreja. Na ocasião, o pastor falou sobre a importância da participação nas eleições e disse que a candidata da Igreja era a vereadora Marta Costa, enfatizando o fato de ser coordenadora de crianças do ministério e filha do pastor presidente da CGADB e do próprio ministério Belém. A fala também ressaltou a importância da presença de um membro da Igreja na política, que poderia fazer boas leis e defender os valores da instituição, além de olhar pelo social. A partir desse ponto, seu pronunciamento perde o tom enfático e toca o voto para prefeito. O pastor disse aos fiéis que a Igreja apoiava o candidato José Serra (PSDB), mas que não diria que as pessoas “têm que votar nele”, mas sim que o importante seria que os membros orassem e se informassem para depositar um bom voto.

No primeiro culto após o primeiro turno das eleições, o pastor agradeceu os votos dos fiéis e informou a todos que a vereadora Marta Costa (PSD) havia sido eleita com mais de 30 mil votos. A partir daí, com o principal objetivo alcançado, o assunto eleições e a mobilização da direção do setor 104 tomou outra forma. As panfletagens cessaram, e com elas boa parte dos momentos de discussão política dos fiéis entre si e desses com os pastores e demais lideranças da igreja. Não é possível dizer, entretanto, que o ministério Belém parou de se movimentar eleitoralmente, pois em algumas ocasiões, como no evento “Expo Cristã”⁶³, José Serra circulou com membros do ministério e até mesmo com a vereadora eleita, Marta Costa (PSD), pedindo o voto dos fiéis presentes. No entanto, ainda que episódios como o citado pudessem ser observados, eles envolviam muito mais a direção do ministério do que os pastores de igrejas na periferia da cidade, como é o caso do setor 104.

No caso dos líderes evangélicos desse setor, a organização mais sistemática foi diminuída. Ao invés de uma campanha articulada, com responsáveis por panfletagens, testemunhos e conversas com fiéis, a atuação se centrava na crítica ao PT, feita de forma individual pelas pessoas da direção da igreja em momentos de confraternização, como no final dos cultos. Como o candidato José Serra (PSDB), apoiado pela instituição, estava com a imagem desgastada e com altos índices de rejeição⁶⁴, inclusive entre os fiéis – como irei argumentar no próximo tópico – a sua promoção passava pela contraposição ao adversário. A viabilidade de se defender José Serra se dava no âmbito de colocá-lo como o melhor entre as opções possíveis, ainda que esse “melhor” estivesse longe de ser a opção ideal. Nesse sentido, o PT passa a receber críticas, as quais destacavam os casos de corrupção envolvendo membros do partido e ressaltavam a afinidade do PT com a plataforma da comunidade LGBT. Como um bom exemplo, ressalto um diálogo presenciado, no qual cheguei a ouvir a frase “O PT é o partido do mensalão e do kit gay”.

3.2.2.A campanha pela Internet

⁶³ A “Expo Cristã” é uma feira evangélica que atrai milhares de fiéis. Nela, além da venda de produtos evangélicos, ocorrem shows *gospels* e pregações de diferentes denominações.

⁶⁴ Serra (PSDB) chegou a ter 52% de rejeição, segundo pesquisa do Datafolha. Sobre a Rejeição de Serra nas eleições de 2012, ver reportagem da Folha de São Paulo, intitulada “Análise: com 52% de rejeição, Serra terá dificuldades para virar o jogo”: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1171573-analise-com-52-de-rejeicao-serra-tera-dificuldades-para- virar-o-jogo.shtml> acessada em 18/10/2013

No decorrer do segundo turno outro tipo de mobilização, também difusa e menos organizada que a anterior, tomou forma. Refiro-me, a esse ponto, acerca da discussão política realizada por pessoas da direção da Igreja por meio da internet. Ainda que tais atos se confundam com as interações pessoais desses membros no meio virtual, creio ser importante o tópico ser tratado. Tal modo de campanha não tinha tomado essa forma anteriormente, no primeiro turno, entre as pessoas pesquisadas, seja com relação à campanha de Marta Costa (PSD) ou de José Serra (PSDB). No caso de Marta Costa (PSD), apesar da existência de um site e de uma página em rede social que divulgou algumas imagens sobre a candidata, a interação e a divulgação de materiais eram fortemente estruturados de forma presencial, com o apoio das igrejas. A partir do segundo turno, no entanto, os membros da direção da Instituição e até mesmo alguns dos fiéis passaram a compartilhar textos e imagens sobre a eleição e os candidatos paulistanos.

A militância política através da internet é um fato nos Estados Unidos e na Europa há décadas. Keck e Sicking (1998), por exemplo, mostram que movimentos transnacionais ambientalistas, democráticos, defensores de temas feministas ou de direitos humanos, fazem há mais de uma década uso da Internet para disseminar informações, organizar e mobilizar seus militantes em torno de suas pautas. Da mesma forma, Castells (2002) nos coloca que as campanhas eleitorais de todos os países iniciam trabalhos criando seus sites na internet, onde os políticos organizam conteúdos programáticos e promessas. No Brasil, apesar de, segundo Fernandes (2005), campanhas eleitorais apropriarem a internet desde 1996, somente em 2006 uma parcela mais significativa (25%) do eleitorado tinha contato com a rede em condições de acesso mais próximas das verificadas nos países europeus e nos EUA no início do século (COUTINHO, M; SAFATLE, V. 2009) – entendendo por “condições de acesso” uma velocidade e sofisticação dos sítios mais elevada, devido à utilização da banda larga e o aprimoramento dos sites em português. Nas eleições brasileiras de 2010, a internet foi um meio importante, sendo utilizado justamente pela campanha religiosa em torno da questão do aborto (MACHADO, M. D. C., 2012). Essa utilização da rede pela militância religiosa, tanto em 2010 quanto em 2012, contraria os estudos citados anteriormente (COUTINHO, M & SAFATLE, V. 2009; FERNANDES, R. 2005; CASTELLS, M. 2002 ; KECK, M. E & SIKKING, K. 1998) , os quais apontam que a

internet seria um veículo utilizado principalmente por jovens e setores mais escolarizados da população.

Entre os pastores e demais figuras do ministério Belém, incluindo os do setor 104, o uso das redes sociais – em especial, o Facebook – foi destinado a difundir críticas ao PT, de Fernando Haddad. Para isso, as informações compartilhadas visavam taxar o PT como um partido corrupto, com uma moral duvidosa e ligado a religiões pecadoras. Como o conteúdo divulgado na internet praticamente não tem controle, muitas das informações compartilhadas não possuem a fonte de informação e não podem ter a veracidade confirmada. Entre o conteúdo mais disponibilizado, destaca-se as alusões ao caso da Ação Penal 470 (relativa ao “escândalo do mensalão”) e a acusação de que o PT representaria os interesses da umbanda – religião amplamente criticada pelas Igrejas pentecostais. A imagem logo abaixo foi uma das compartilhadas, sob tom crítico. Abaixo dela, outra imagem que associava o candidato petista ao escândalo do “mensalão”:

Figura 14: Imagem compartilhada por membros da direção da AD em rede social na internet

VEZ DA UMBANDA

Único vereador eleito do PHS, Laércio Benko oficializa hoje apoio a Fernando Haddad (PT). Umbandista, ele defende a criação de pontos de oferenda em parques e a liberação de cultos em cemitérios. "O povo do santo tem que se assumir. Hoje menos de 2% se declaram, mas em festa de pomba-gira tá tudo lotado. No fim do ano, todo mundo pula sete ondas."

Figura 15: Imagem compartilhada por membros da direção da AD na internet

Figura 16 – Imagem compartilhada por membros da direção da AD na Internet

O quadro que exibido, portanto, é de uma campanha por parte da Igreja que se centrou principalmente no plano proporcional, em que a candidata apoiada fazia parte da instituição religiosa e remetia sua agenda totalmente a esse grupo. No âmbito da campanha para a prefeitura, o apoio ao candidato José Serra (PSDB) foi muito mitigado, além de ter se concentrado principalmente após o primeiro turno das eleições, já com o resultado positivo da eleição de Marta Costa (PSD) à câmara de vereadores. A atuação da Igreja se deu mais no âmbito da crítica ao PT e seu candidato, Fernando Haddad, do que ao apoio ao candidato José Serra (PSDB). Nessa atuação, além das conversas informais realizadas entre a direção da igreja e os fiéis, se destacou o uso das redes sociais.

A atuação da Igreja com relação à campanha para a prefeitura, ao contrário da campanha para a candidata ao legislativo, sofreu críticas e reações por parte de alguns fiéis. Como base para tais reações estava a rejeição ao candidato José Serra (PSDB) e a identificação desses fiéis com ex-presidente Lula, que se estendia ao seu partido ou, ao menos, para o candidato por ele indicado. Tais pontos serão tratados no tópico a seguir.

3.3. A Recepção do discurso Institucional pelos Fiéis

Um primeiro ponto a ser enfatizado, já assinalado anteriormente, é que ao contrário do que ocorreu no plano legislativo, na eleição para prefeito foram diversas as discordâncias entre as posições de fiéis e a da instituição religiosa. Tal fato, que será tratado com mais detalhes adiante, mostra que os membros da Igreja, mesmo com toda a influência da instituição religiosa em suas vidas, possuem suas próprias reflexões e não se comportam como mero rebanho eleitoral, disposto a seguir as orientações políticas sem crítica.

Frente ao discurso da Igreja, esta pesquisa identificou diferentes posturas entre os fiéis, as quais podem ser divididas em dois principais grupos: o primeiro deles composto por pessoas que apoiaram o candidato José Serra (PSDB), enquanto o segundo grupo apoiou Fernando Haddad (PT). Observei a existência desses padrões pelas conversas sobre política que presenciei nos momentos de interação após os cultos e nos eventos sociais da Igreja. Tais conversas eram frequentes, já que eram iniciadas pelos próprios membros da Igreja que distribuíam materiais de campanha nos finais dos cultos. Foi também com base nessa observação que selecionei algumas pessoas para serem entrevistadas durante a eleição. Outros candidatos foram cogitados por alguns, mas conforme o pleito se aproximava, esses optaram por um dos dois candidatos mencionados. Fora esses dois grupos principais, uma das entrevistadas – Clarisse, citada anteriormente – votou nulo, e também outros não votaram, por não terem transferido o título de eleitor da cidade natal para São Paulo.

3.3.1. Primeiro grupo: o voto moral

O primeiro grupo corresponde a pessoas que reproduziram elementos significativos do discurso feito pelas lideranças religiosas. Para esses fiéis, o apoio do ex presidente Lula ao candidato Haddad (PT) não constituiu um fator relevante eleitoralmente, e as pautas morais defendidas pela Igreja configuraram um elemento importante para a visão política e a decisão do voto, ainda que não tenham constituído a única justificativa da escolha eleitoral. Nos discursos proferidos por esses fieis, a figura de Fernando Haddad (PT) era ligada a defesa de políticas “contra a família” – ou seja, de políticas garantia de direitos a população LGBTT e de combate à homofobia. O fato de Haddad (PT) ter sido o ministro da educação, e sob sua gestão tal ministério ter elaborado materiais didáticos de combate à homofobia – o que foi chamado pelos evangélicos de “kit gay” – é considerado uma demonstração mais que evidente dos seus valores, vistos como anti-cristãos. O apoio da ex-prefeita Marta Suplicy – figura conhecida no apoio das causas LGBTT – era mais um fator que ilustrava as posições do candidato petista e selava o afastamento desses evangélicos. A fala de Gerson, a seguir, ilustra tal situação:

A Marta Suplicy eu nunca apoiaria. Ela fez o Bilhete único, mas é obrigação dela. Ela tava aí e eleição é pra isso, pra promover o bem pra população. mas não elegeeria ela pra nada, nem pra secretária de limpeza. *O que você não gosta sobre ela?* A forma dela pensar. A liberalidade dela. Tudo que libera demais é problema.(...) Se as coisas que ela apoiam fosse liberados, atingiriam outros. A questão do casamento gay. Aquela PL 122, que vai mexer com outras classes, Os evangélicos, os católicos, a própria palavra de Deus. A Bíblia teria que ser apagada. Iria mexer com a questão cultural, e porque não espiritual também. E ela tá com o Haddad (...) O Haddad não sei de onde ele veio, não conhecia antes das eleições. Acho que foi um ministro apagado, e o que ele fez eu não gostei. Teve os escândalos do ENEM, e toda aquela história do kit gay.

(Gerson, 36 anos, fotógrafo)

Paralelamente, esse grupo via José Serra de forma positiva. Em primeiro lugar, o fato de ser aliado antigo da Igreja era tido como uma indicação de que os valores morais do candidato tucano eram condizentes com os valores cristãos. Além disso, essas pessoas avaliavam positivamente a sua trajetória política, considerando-o, ainda que

com ressalvas, como um defensor dos pobres. Dessa forma, ainda que os elementos religioso e moral tenham sido levantados, as questões materiais e socioeconômicas estão presentes nas justificativas. Citavam os medicamentos genéricos, a preocupação com a área da saúde e a ampliação da rede de transporte. O fato de Serra (PSDB) ter dado continuidade nas políticas criadas durante a gestão de Marta Suplicy (PT) na prefeitura paulistana (2000 - 2004), tais como os CEUs, o Bilhete Único e os corredores de ônibus, também era sinalizado como um fator positivo. É claro que esse reconhecimento não excluía a existência de críticas, seja a medidas de sua gestão ou a atitudes pessoais. Entre essas, se destacavam o mau funcionamento da educação e o fato de Serra (PSDB) ter renunciado ao cargo de prefeito para concorrer à eleição para o governo do Estado. A existência dessas ressalvas, no entanto, não era suficiente para que a avaliação geral do candidato tucano fosse negativa. O saldo era satisfatório e, frente à alternativa petista, José Serra (PSDB) era a opção mais do que aceitável:

O José Serra eu sei que ele fez, não só pelo histórico em São Paulo, mas pelo Brasil. uma das coisas: você lembra dos genéricos. Eu lembro que ele criou os genéricos. Antigamente eu lembro que o remédio era caríssimo. Os genéricos todos tem acesso mais fácil. Então com ele melhorou a parte de saúde. Em São Paulo ele melhorou o que a Marta tinha feito.

(Gerson, 36 anos, fotógrafo)

Outro fator relevante é que, a despeito das críticas a Haddad e a Marta Suplicy, esses fiéis não faziam uma crítica sistemática ao PT. O julgamento – não só neste grupo, mas entre os pesquisados no geral – foi mais centrado nos candidatos e nas pessoas que os apoiaram do que nos partidos políticos. Dessa forma, a acusação de que o PT é um “partido de corruptos” – como a direção da Igreja veiculava – não produziu efeito. Tampouco os principais líderes petistas são vistos dessa forma. Para esses fiéis, a “corrupção é generalizada” – para usar frase proferida Alberto – e não monopólio de um ou outro partido político. Esse ponto é o primeiro dos desencontros entre o discurso da campanha feita pela instituição e o discurso dos fiéis.

A avaliação dos governos Lula e Dilma é outro ponto em que aparecem diferenças entre os fiéis desse primeiro grupo e os membros da direção da Igreja. Como mencionado, o discurso do ministério Belém, ainda que não baseado na avaliação

socioeconômica da sociedade e tampouco na dinâmica dos grupos e classes sociais, posiciona as gestões petistas no governo federal como desastrosas. Os critérios utilizados para essa avaliação – ao menos no plano discursivo – envolvem, de um lado, os valores morais cristãos – baseados na concepção heteronormativa de família – e, de outro, a ideia de que o PT seria um partido corrupto. Muitos desses fiéis, no entanto, consideram que os Governos Lula e Dilma vêm constituindo um período de mudança para melhor nas suas condições de vida, e ressaltam que suas oportunidades de ascensão aumentaram. E ao mesmo tempo em que fazem essa avaliação pautada por critérios ligados ao plano socioeconômico, no âmbito dos valores morais religiosos, tanto o ex-presidente quanto a atual presidenta não são reconhecidos como adversários claros – ponto que será melhor abordado no tópico seguinte.

Ao que parece, o juízo dos fiéis sobre os aspectos morais está mais ligado à esfera individual do que a dos partidos políticos ou à dinâmica governo/oposição. Essa hipótese condiz com a própria dinâmica dos representantes pentecostais na política institucional brasileira, divididos em diversos partidos, tanto da base aliada do governo federal quando da oposição. No âmbito das acusações de corrupção, a percepção é de que toda a política institucional – com exceção da realizada pela Igreja – é corrupta.

Esse grupo de fiéis, nesse sentido, apesar de apoiar o candidato de oposição ao governo federal, não se estrutura ideologicamente de forma antilulista. Ainda que valores morais eventualmente os guiem para a oposição aos candidatos do PT, o conteúdo ideológico ligado ao plano socioeconômico da sociedade não é antagônico ao lulismo. Esses fiéis compõem um eleitorado que, mesmo não alinhado, pode vir a ser disputado por candidatos lulistas, e sua adesão ou não a esse campo político parecem depender também de aspectos ligados aos valores religiosos e a avaliação dos candidatos na disputa. Esse ponto será discutido de forma mais aprofundada no tópico 4 deste capítulo.

3.3.2. Segundo grupo: o voto lulista

O segundo grupo de fiéis observados corresponde aos eleitores que, a despeito de reproduzirem os discursos da Igreja no âmbito das eleições proporcionais, apoiando a

candidata Marta Costa (PSD), no âmbito da disputa para o executivo municipal apresentaram discordâncias centrais com a instituição religiosa, privilegiando o plano material às questões relativas aos valores morais. Dois principais pontos compunham o discurso desse grupo: a rejeição ao candidato José Serra (PSDB), e a importância do apoio de Lula (PT) ao candidato petista, Fernando Haddad.

Ao contrário do grupo anterior, onde apesar das críticas feitas prevalece a visão positiva acerca de José Serra (PSDB), este segundo grupo de fiéis considera o candidato tucano uma alternativa ruim. Suas gestões frente ao governo municipal e estadual de São Paulo são avaliadas negativamente. Para essas pessoas, que dependem quase exclusivamente dos serviços das redes de saúde, educação e transporte públicos, o discurso foi de que Serra não compreenderia e não se preocuparia com as condições de vida das camadas mais pobres. Além disso, o abandono sucessivo de cargos para os quais fora eleito foi visto como uma demonstração de pouco caso com as responsabilidades públicas e de priorização dos interesses pessoais de poder. As falas de Eunice e Alberto vão nesse sentido, e ilustram bem a rejeição que o candidato obteve na cidade nesse pleito específico:

Eu não gosto do Serra. Não voto nele porque ele nunca acaba terminando o que fez. Entregava a coisa na metade e ia disputar outra eleição pra ser uma pessoa maior. E faz as coisas pela metade. A preocupação é com ele próprio, não com quem precisa, não com o pobre

(Eunice, 35 anos, empregada doméstica)

Mesmo ele sendo apoiado pelo ministério eu não gosto. Não quebrou a desconfiança.

(Alberto, 35 anos, segurança)

Ao mesmo tempo em que apresentam a rejeição a José Serra, esses fiéis manifestaram apoio ao candidato petista Fernando Haddad. Esse apoio, no entanto, não veio de programas de sua gestão no ministério da educação – tais pessoas afirmaram que não conheciam seus atos no governo federal, e na realidade, sequer tinham conhecimento do candidato antes do período eleitoral. O que fazia com que apoiassem

Haddad era sua experiência ao lado do ex-presidente Lula. Para esse grupo, a atuação ao lado de Lula e a confiança do ex-presidente constituíram a simpatia e a expectativa de que, com Haddad, a prefeitura poderia melhorar as condições de vida da cidade, assim como Lula havia melhorado as condições do país. A boa avaliação do governo Dilma também preenche um papel importante nessa equação. Dilma, em 2010, também não era conhecida do grande público e, ao fazer um governo até então bem avaliado, aumentou a já boa credibilidade dos candidatos apoiados por Lula. Nas palavras de Eunice:

Eu vi muita gente falando que vai votar no Haddad. Mesmo a Igreja sendo contra. O ministério Belém apoiou o Serra. O Haddad acho que vai fazer muita coisa. Até porque ele tem o apoio do Lula. Do mesmo jeito que a Dilma está fazendo, acho que ele vai fazer. Por ele ser novo as pessoas não acreditaram que ele ia passar [pro segundo turno] mas ele tá aí e vai surpreender

(Eunice, 35 anos, empregada doméstica)

Nesse cenário, enquanto alguns desses fiéis se limitaram as conversas e “fofocas” entre si sobre o não seguimento da orientação da instituição, outros chegaram a questionar e debater o assunto com pessoas mais próximas da direção da Igreja. Nesses debates, ainda que certo desconforto tenha sido gerado, o diálogo não envolveu cobranças ou a relação vertical entre membro e direção. Seja por perceber que José Serra (PSDB) encontrava uma rejeição de parte dos fiéis, seja pela própria posição pessoal das pessoas da direção da Igreja, o fato é que o apoio ao tucano era manifestado de forma menos absoluta e mais tímida, facilitando a exposição pública de discordância e a afirmação de autonomia por parte dos fiéis, no próprio espaço religioso. Além disso, como José Serra (PSDB) não era um candidato do interior da comunidade religiosa e que a ela especificamente direcionava seu discurso, a crítica a ele não atingia frontalmente os valores e a comunidade religiosa.

É preciso constar que, apesar da divisão dos fiéis em dois principais grupos, houve casos observados que destoaram dessa configuração. Em primeiro lugar, alguns dos fiéis entrevistados relataram que não iriam votar. Tal fato se dava seja por não conterem o título de eleitor cadastrado no município de São Paulo, seja por não se

interessarem pelo pleito eleitoral. Além desse fato, não observei fiéis que tenham votado em outros candidatos a vereador, tampouco em outro candidato a prefeito fora os mencionados. Entretanto, uma fiel – Eunice – mencionou ter cogitado votar em Celso Russomano (PRB), enquanto outro cogitou Gabriel Chalita (PMDB). Ambos desistiram dessas opções e votaram em Fernando Haddad, justificando terem conhecido melhor o candidato e percebido que ele tinha o apoio de Lula. Outro fator importante a ser mencionado é que nenhum dos fiéis entrevistados declarou ter mudado seu voto para prefeito entre o primeiro e o segundo turno. Da mesma forma, não observei nenhum relato dessa natureza entre os diálogos que presenciei nos espaços da Igreja. Sobre o candidato derrotado no primeiro turno, Celso Russomano (PRB), segue a fala de Eunice:

Ele [Russomano] resolvia bastante a vida das pessoas. Quando dava um problema ele ia lá e resolvia. A pessoa reclamava e ele ia na casa da pessoa. Então ele é uma pessoa preocupada. Mas decidi não apoiar ele, não (...) depois que conheci o Haddad, que tá com o Lula

(Eunice, 35 anos, empregada doméstica)

3.4. Hipóteses e reflexões: Um anti-Lulismo pentecostal?

Toda a análise em torno da eleição de 2012 possibilita importantes reflexões sobre o Lulismo, tanto no âmbito da observação das suas características no plano micro social que esta pesquisa aborda, quanto, no aspecto geral, suas intersecções e distanciamentos ideológicos com a comunidade religiosa pentecostal. O lulismo, como fenômeno político analisado por Singer (2012), possui diversas facetas. Na definição de Singer, seria:

“[O] encontro de uma liderança, a de Lula, com uma fração de classe, o subproletariado, por meio do programa cujos pontos principais foram delineados entre 2003 e 2005: combater a pobreza, sobretudo onde ela é mais excruciante tanto social quanto regionalmente, por meio da ativação do mercado interno, melhorando o padrão

de consumo da metade mais pobre da sociedade, [...] sem confrontar os interesses do capital.” (SINGER, A. op cit. 2012, p. 15)

É produto, portanto, tanto da dinâmica do Partido dos Trabalhadores e sua política frente ao governo federal, quanto do seu suporte social – o subproletariado. Os aspectos internos do PT, acerca das transformações ideológicas ocorridas no decorrer da sua existência⁶⁵, bem como a discussão sobre os efeitos econômicos e sociais das políticas governamentais do período⁶⁶, fogem do alcance e do objetivo dessa pesquisa. A relação do lulismo com os aspectos ideológicos de sua base social, entretanto, constitui um ponto central. No plano ideológico, o Lulismo se amoldou justamente à ideologia do subproletariado, e é justamente essa adequação que o caracteriza, e que lhe permite ostentar o sucesso eleitoral no Brasil recente. Nas palavras de Singer:

“(...) O primeiro mandato de Lula terminou por encontrar outra via de acesso ao subproletariado, amoldando-se a ele, mais do que o modelando, e, ao mesmo tempo, fazendo dele uma base política autônoma.” (Singer, 2012, p.80).

A questão que nos interessa é se, e como, os elementos ideológicos observados nesta pesquisa, junto aos fiéis pentecostais, se relaciona com os aspectos ideológicos do Lulismo e sua base social. Em outros termos, qual o papel ideológico a religião ocupa nas classes baixas?

A ideologia Lulista resulta na combinação de certos elementos de esquerda e de direita, que se manifestou de forma material – ou seja, na condução das políticas públicas – nos governos Lula e Dilma. Nos elementos de direita, encontram-se a repulsa a greves, movimentos sociais e desestabilizações à ordem. Por trás desse aspecto estaria a própria fragilidade das camadas sociais mais pobres: em condições de desemprego ou subemprego, sem direitos trabalhistas e organização sindical, essa camada social não

⁶⁵ Sobre esse tópico, ver SINGER, A. op cit. 2012; SECCO, L. A História do PT. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011; SAMUELS, D. A Evolução do Petismo (2002 – 2008). Opinião Pública, vol 14, n.2, nov. 2008

⁶⁶ Sobre esse tópico, ver SINGER, A. Op Cit, 2012; NERI, M. Op Cit, 2010; POCHMANN, M. Op Cit, 2012.

possui mecanismos sociais de autodefesa e proteção. Já nos aspectos de esquerda, encontra-se a demanda por combate à pobreza e à desigualdade social.

Esses aspectos foram unidos pela política Lulista no decorrer do primeiro mandato presidencial de Lula (PT). Os programas de transferência de renda, junto ao aumento sistemático do salário mínimo e do crédito consignado, dentre outras medidas, beneficiaram milhões de famílias em situação de vulnerabilidade⁶⁷. Ao mesmo tempo, tais medidas foram realizadas sob uma política econômica que manteve a estabilidade dos preços, a livre circulação de capitais, o superávit primário e a responsabilidade fiscal. O conjunto dessas políticas representa, para Singer (2012), a materialização do programa de combate à pobreza dentro da ordem, que reconfigura a política nacional, moldando o fenômeno do Lulismo. Esse, por sua vez, realoca as forças e os discursos político-eleitorais: a partir dele, surge o anti-lulismo, centrado no PSDB e na classe média. Sem os discursos de ordem social e de combate à pobreza, o discurso que resta ao anti-lulismo é o de combate à corrupção.

Nos discursos políticos emitidos, tanto pela Igreja, quanto pelos distintos grupos de fiéis, observei diferentes relações com o plano ideológico Lulista. No que diz respeito ao discurso do ministério Belém, reproduzido pelos pastores e demais autoridades eclesiais, observei que certas características foram moldadas constituindo um tipo reforçado de anti-lulismo. Tal postura não é resultado só do apoio ao candidato do PSDB, José Serra, mas sim da ausência de um discurso acerca da desigualdade social e da pobreza, em conjunto com a exploração massiva da pauta moral e da corrupção. Segundo Singer (2012), o discurso de combate à corrupção seria o cerne do anti-lulismo. O que esta pesquisa indica, no entanto, é a presença de outros elementos, oriundos do plano moral. A Instituição religiosa, bem como parte de sua base de fiéis, demandam a defesa da ordem para além da esfera econômica. Para esse grupo, mais do que a rejeição às greves, à desestabilização da ordem econômica e política, existe a rejeição ao que consideram ser a “deterioração dos valores morais” da sociedade. Nesse âmbito, os temas ligados à sexualidade e a esfera da família são cruciais.

⁶⁷ Há todo um debate político e acadêmico em torno do alcance de tais medidas, das condições ainda precárias e vulneráveis dessa população, bem como do seu efeito real de combate à pobreza. Para esta pesquisa, contudo, o fato essencial é que essas medidas causaram um efeito contundente no plano político e eleitoral.

O grande pecado do Lulismo, para tal grupo, parece ser sua política de direitos humanos. Em 2010, o governo federal lançou a terceira versão do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH3), que estabelece diretrizes, objetivos, princípios e ações nessa área para serem implementadas nos anos seguintes. O PNDH 3 aprofunda medidas já apontadas das duas versões anteriores do programa, ambas lançadas nas gestões de Fernando Henrique Cardoso no Governo Federal (respectivamente, em 1994 e 2002). No entanto, apesar da certa continuidade estabelecida com as versões anteriores, o programa obteve uma série de críticas de setores da sociedade brasileira – entre elas, a de grupos evangélicos pentecostais⁶⁸. As críticas de conotação religiosa atingem principalmente dois eixos: de um lado ao apoio ao alargamento da autorização legal para a prática do aborto. De outro, as questões em torno dos direitos LGBT, que ocupam, no documento do PNDH 3, um sessão exclusiva, denominada “Garantia do respeito à livre orientação sexual e identidade de gênero”. O documento ainda prevê uma série de ações programáticas nesse sentido, designando os respectivos órgãos responsáveis pela sua implementação. São elas:

“a) Desenvolver políticas afirmativas e de promoção de uma cultura de respeito à livre orientação sexual e identidade de gênero, favorecendo a visibilidade e o reconhecimento social. dos Direitos Humanos da Presidência da República [...]

b) Apoiar projeto de lei que disponha sobre a união civil entre pessoas do mesmo sexo. [...]

c) Promover ações voltadas à garantia do direito de adoção por casais homoafetivos. [...]

d) Reconhecer e incluir nos sistemas de informação do serviço público todas as configurações familiares constituídas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), com base na desconstrução da heteronormatividade. [...]

⁶⁸ Ver, por exemplo, o vídeo do Pastor Silas Malafaia sobre o projeto: <http://www.youtube.com/watch?v=AsSpI9StZU4> . O PNDH 3 também obteve reações contrárias de outros grupos e setores da sociedade, que atacavam um suposto viés “esquerdista” e “antidemocrático” do programa. Tais críticas podem ser conferidas em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2201201008.htm>; <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1201201008.htm>

e) Desenvolver meios para garantir o uso do nome social de travestis e transexuais. [...]

f) Acrescentar campo para informações sobre a identidade de gênero dos pacientes nos prontuários do sistema de saúde. [...]

g) Fomentar a criação de redes de proteção dos Direitos Humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), principalmente a partir do apoio à implementação de Centros de Referência em Direitos [...]

h) Realizar relatório periódico de acompanhamento das políticas contra discriminação à população LGBT, que contenha, entre outras, informações sobre inclusão no mercado de trabalho, assistência à saúde integral, número de violações registradas e apuradas, recorrências de violações, dados populacionais, de renda e conjugais. [...]"

Fonte: PNDH 3 (disponível em <http://portal.mj.gov.br/sedh/pndh3/pndh3.pdf>)

Todas essas diretrizes representam, no ponto de vista de muitos segmentos religiosos - entre eles o pentecostalismo do Ministério Belém -, uma afronta à ordem social baseada nos valores morais que defendem. Esse conflito estabelecido será muito distinto da pauta da corrupção, levantada pela classe média, principalmente após os acontecimentos de 2005 que culminaram na ação penal 470. A principal diferença é que a pauta opõe um segmento religioso que tem penetração nos segmentos mais baixos da sociedade, podendo configurar um polo anti-lulista no interior da fração de classe que compõem a base eleitoral do Lulismo. No âmbito da direção ministério Belém, essas questões moldaram, ao menos provisoriamente, uma ideologia anti-lulista capaz de influenciar parte dos seus fiéis, como abordarei adiante.

É preciso ressaltar que esse processo de tensão entre o governo e as instituições religiosas pentecostais não se encontra consolidado. Ao contrário, movimentos no âmbito governamental e societal vêm ocorrendo, prolongando esse “jogo” e trazendo diversas incertezas sobre o seu desfecho. No interior da base de sustentação do governo federal se encontram diversos políticos evangélicos, que apesar de criticarem a política de direitos humanos e pressionarem por sua modificação, não transformaram a pauta em um discurso oposicionista. No âmbito do governo, também há uma preocupação com os setores pentecostais. O PNDH 3 reúne diretrizes e perspectivas, mas as suas

implementações passam pelo diálogo com outros poderes, o que implica na negociação com os evangélicos presentes na Câmara Federal. Diversos foram os casos de recuo do governo em relação a essas pautas. Como exemplos, temos o caso do kit escola sem homofobia, elaborado pelo Ministério da Educação, que foi suspenso após pressões de grupos evangélicos. Temos também o caso do pastor Marco Feliciano, eleito presidente da Comissão Permanente de Direitos Humanos e Minorias da Câmara Federal, que apesar de enfrentar protestos de deputados petistas, segue na base do governo.

Outro ponto a se observar é que tanto o ex-presidente Lula quanto a presidenta Dilma – bem como outros políticos importantes do governo – mantêm a política de evitar conflitos, procurando não dar declarações e emitir posicionamentos em assuntos de ordem moral. Como efeito, alguns líderes evangélicos também evitam fazer críticas diretas às figuras de Lula e Dilma, que apresentam altos índices de popularidade. Um bom exemplo é o caso do pastor José Wellington Bezerra da Costa, presidente do ministério Belém e da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGABD), que, a despeito das críticas sistemáticas ao governo e ao PT realizadas no período eleitoral, vem sinalizando mudanças em seu discurso: em entrevista recente, afirmou que a presidenta Dilma Rousseff tem “superado as expectativas (...) tem sido muito honesta com seu governo e com o povo”⁶⁹.

No que diz respeito aos fiéis observados por esta pesquisa, a relação com o lulismo se dá em outro patamar. A defesa de posições conservadoras no âmbito dos direitos humanos, em especial no que diz respeito aos direitos LGBTT, continua presente, mas sem a mesma centralidade que ocupa para a instituição religiosa. No âmbito das eleições para o executivo municipal, as questões de ordem econômica e social ganham importância para os dois grupos de fiéis observados. Em um dos grupos, no entanto, a agenda moral divide atenções, podendo assumir papel crucial para a escolha do candidato. No caso de Fernando Haddad (PT), esse grupo considerou que o então candidato era ligado a defesas de políticas “contra a família”, voltadas para a população LGBTT. Esses fiéis recordavam o fato de que, sob a gestão de Haddad, o Ministério da Educação havia elaborado um material destinado a combater a homofobia

⁶⁹ Entrevista à folha de São Paulo em 13/04/2013. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1261988-feliciano-quer-tirar-proveito-da-situacao-diz-lider-de-sua-igreja.shtml> acessado em 25/07/2013.

nas escolas – o que foi chamado pelos evangélicos de “kit gay”, por ser considerado um material que fazia “propaganda de opção sexual”. O apoio da ex-prefeita Marta – figura conhecida no apoio das causas LGBTTT – era outro um fator visto de forma negativa por esses fiéis.

Ainda assim, para esse grupo, mesmo considerando figuras petistas como Haddad e Marta como antagonistas no plano dos valores cristãos, o PT, em quanto partido, ou mesmo o Governo Federal, não assumiram o papel de adversário. O julgamento no plano dos valores morais foi manifestado de forma individual nos candidatos. Lula e Dilma, nesse sentido, não apareciam como figuras antagônicas aos valores cristãos e, ao contrário, eram vistos com simpatia e seus governos avaliados, no aspecto geral, de forma positiva.

O quadro que emerge nesse grupo de fiéis, a partir dessa análise, é o de que os valores morais funcionam como uma barreira para o estabelecimento de ligações desses devotos com expressões políticas que representam estritamente o plano socioeconômico. Essas pessoas não podem ser chamadas de Lulistas, pois sua ideologia não pode ser moldada exclusivamente nos elementos do Lulismo. Ao mesmo tempo, tal forma não se configurou em termos anti-lulistas, ainda que tal grupo de fiéis tenha votado na expressão de oposição ao governo federal. O voto em José Serra, nesse caso, veio acompanhado de elementos ideológicos presentes no Lulismo, e não simplesmente no discurso anti-corrupção, ou mesmo no discurso moral. Há que se lembrar que essas pessoas avaliaram de forma positiva os feitos do candidato tucano em sua carreira política, considerando-o alguém próximo dos pobres.

No que diz respeito ao segundo grupo de fiéis – os que votaram em Fernando Haddad –, temos, a partir de nossa análise, uma situação ambígua. No plano das eleições executivas, o posicionamento dos fiéis se deu nos termos do Lulismo, apoiado nas questões do mundo socioeconômico, como a redução da pobreza e a melhora das condições e vida, sem qualquer componente de desestabilização da ordem, como greves, ocupações, etc. O discurso de âmbito moral parece não desempenhar papel de importância. No plano proporcional, no entanto, esses fiéis assumem padrão distinto, considerando de forma central as pautas morais para a justificar o apoio direcionado para a candidata indicada pelo Ministério. Esse quadro nos possibilita levantar a questão: seria o Lulismo uma expressão política-ideológica restrita ao plano majoritário

das disputas eleitorais? A resposta dessa pergunta necessitaria de outras pesquisas. No alcance limitado que este trabalho traz para a questão, o que observei é que o plano proporcional se mostrou mais ligado às questões de representação de grupos específicos – nesse caso, a própria Igreja – e a questões mais imediatas dos cidadãos do que ao plano de discussão geral da sociedade, envolvendo questões de ordem socioeconômica.

Nesse sentido, organizando os argumentos de forma sintética, o que temos acerca da interação do Lulismo com o pentecostalismo é a presença de elementos ligados à moralidade cristã desempenhando um papel fundamental. No âmbito das Instituições religiosas, a disputa em torno da agenda de direitos humanos pode implicar num discurso sistemático contra o PT e o governo federal, configurando um campo anti-lulista com conteúdo religioso. Com os fiéis, a situação é distinta: a agenda moral desempenha um papel de suma importância no âmbito das eleições proporcionais, sendo um dos elementos centrais para a decisão eleitoral. Já no que diz respeito ao plano da eleição para o executivo, enquanto um grupo de fiéis desloca a centralidade dos valores religiosos para o universo socioeconômico, outro grupo continuará a se direcionar por questões morais, mas sem que isso se configure um anti-lulismo. Para esse grupo, os adversários políticos são pessoas específicas que atentem contra seus valores morais, e não o PT ou o governo federal.

4. Considerações Finais

Este trabalho buscou explorar a eleição de 2012 em São Paulo por dentro de um grupo Pentecostal, da denominação Assembleia de Deus, ministério Belém. A análise levou em conta tanto as estratégias e discursos da instituição religiosa, quanto a recepção de tais discursos e a própria visão de mundo dos fiéis dessa denominação. Tais pessoas, além da filiação religiosa, compartilham características como a baixa renda e a vivência em um bairro periférico na capital paulista. Considero que a metodologia empregada se mostrou feliz e bem sucedida nos desafios que este trabalho propôs, permitindo através do contato direto com o grupo social pesquisado, explorar as lógicas trazidas à tona no momento eleitoral, e a relação dos argumentos políticos com a vivência religiosa e com os aspectos materiais da vida dos fiéis.

No primeiro capítulo, apresentei e discuti as principais características do grupo estudado: os aspectos religiosos, socioeconômicos e político-eleitorais. Apresento o grupo como pertencente a uma corrente religiosa que vem crescendo de forma contundente no país e ocupando espaços cada vez mais significativos nas instancias representativas do Estado. Tais representantes políticos, ideologicamente, possuem atuação e posicionamentos conservadores no plano moral, e são marcadamente contrários ao PT.

Além dos aspectos religiosos, tal grupo é marcado pela composição de baixa renda, o que se implica também em condições de vulnerabilidade do bairro em que vivem. Tais características, entretanto, são associadas ao voto em candidatos do PT. Tal quadro fez com que a hipótese teórica das “pressões cruzadas”, proposta por Lipset (1967), fosse utilizada. As “pressões cruzadas”, segundo esse autor, se dariam quando grupo social sofre pressões divergentes, uma que o inclina por um candidato ou partido, outra que o inclina para um candidato ou partido distinto. Na observação empírica conferi que esse quadro se deu com relação ao plano majoritário das eleições de 2012.

Os capítulos 2 e 3 abordaram, respectivamente, o plano proporcional e o majoritário das eleições de 2012, relacionando os discursos e ações políticas com os contextos religiosos e sociais envolvidos. Na eleição proporcional, encontrei grande influência dos aspectos ligados à sociabilidade religiosa. A Igreja mostrou que tem um

papel fundamental na vida de tais pessoas - há o sentimento de pertencimento e de comunidade, que se tornam fundamentais para as visões de mundo. Em termos políticos-eleitorais, isso traz diversas implicações. O primeiro é que as pessoas assumem o programa político da instituição, que envolve tanto o apoio do Estado para as atividades da Igreja, quanto o aspecto da moralidade cristã – tal como esses a entendem – ligada à noção de família tradicional. Na eleição observada, esse conjunto de preceitos se manifestou no apoio forte dos fiéis à candidata da instituição no plano legislativo.

Já no plano executivo, a lógica religiosa se confronta com a socioeconômica. Os fiéis entrevistados, mesmo convivendo com situações de vulnerabilidades e observando os problemas sociais que os envolvem, valorizam mudanças ocorridas na última década. Nesse sentido, consideram que a próxima geração terá mais oportunidades do que a geração presente. Tal interpretação faz com que boa parte dessas pessoas, mesmo as que defendem uma ação do Estado mais voltada às disposições morais da sociedade, apoiem os candidatos petistas para os cargos executivos. Para outros, no entanto, continuou prevalecendo os preceitos morais e as ligações religiosas.

Da mesma forma que os fiéis, a própria Igreja, enquanto Instituição, atuou de forma distinta nos planos executivo e legislativo. O empenho foi muito maior para a candidata à Câmara de Vereadores. Por trás dessa diferença há questões institucionais ligadas às próprias diferenças entre os planos envolvidos. A representação proporcional existente nas eleições legislativas permite que os candidatos se voltem a seus nichos eleitorais, e dialoguem focadamente com os mesmos. Enquanto isso, a eleição majoritária, por exigir a conquista de uma maioria, faz com que os candidatos se voltem ao conjunto da população, sem a apreensão e o uso de pautas exclusivas de um segmento social. A Igreja mostrou que tem ciência dessas diferenças institucionais, e mesmo das suas possibilidades eleitorais em frente aos dois planos envolvidos. Além disso, as ações da Igreja e os discursos emitidos se dão em consonância com a intensidade do apoio entre os fiéis. Tal fato mostra que a Instituição religiosa é conectada aos seus membros e é ciente das suas limitações eleitorais.

Por fim, esse trabalho procurou levantar hipóteses e construir pontes entre os preceitos políticos pentecostais e a ideologia presente no fenômeno do Lulismo, como descrito por Singer (2012). Nesse sentido, levantei a hipótese de que o programa

político pentecostal, apesar de não se manifestar frontalmente contrário ao Lulismo, assume uma posição de potencial conflito. Nesse sentido, pode vir a se expressar como um anti-lulismo, com conteúdo religioso. Tal conteúdo envolve pautas morais, ligadas a noção tradicional de família, que encontra no programa de direitos humanos defendido pelo governo federal um inimigo. Uma fraqueza desse possível conflito é que ele se daria muito mais no âmbito das Instituições religiosas com o Governo, do que no plano dos próprios fiéis em si.

Os aspectos aqui observados indicam caminhos e hipóteses passíveis de serem abordados em novos trabalhos. Seria interessante observar os discursos eleitorais da instituição em níveis representativos mais distantes do plano local dos fiéis, em que as relações desses com os candidatos se dão com maior distanciamento. Além disso, a relação e o posicionamento dos líderes evangélicos com relação às ações e posições do governo federal podem ser objetos de importantes reflexões, tanto no plano dos interesses objetivos envolvidos quanto no plano ideológico da sociedade. Outros estudos também poderiam elucidar as questões discutidas nesse trabalho outras denominações religiosas.

Bibliografia

- ADORNO, Sérgio. História e desventura: o 3º Programa Nacional de Direitos Humanos. Novos estudos. - CEBRAP, São Paulo, n. 86, Mar. 2010
- ALENCAR, G. F. . Assembleias de Deus: origem, implantação e militancia (1911-1946). Sao Paulo: Arte Editorial, 2010
- ALMEIDA, R. & D'ANDREA. Pobreza e Redes Sociais em uma Favela Paulistana. Novos Estudos, nº 68. Março de 2004.
- ALMEIDA, R. Religião na Metrópole Paulista. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 19 nº 56. Outubro de 2004.
- ALVES, R. “Protestantismo e Repressão”. São Paulo, Ática. 1979.
- ARANTES, Pedro Fiori. “Em Busca do Urbano”. Novos Estudos nº83, março de 2009
- ASAD, Talal. (2003) Formations of the Secular: Christianity, Islam, Modernity. Stanford University Press.
- AZAIS, C.; KESSKER, G.; TELLES, Vera S.. Ilegalismos, cidade e política. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- BAIOCCHI, Gianpaolo. CONNOR, Brian T. The Ethnos in the Polis: Political Ethnography as a Mode of Inquiry. Sociology Compass 2/1, 2008: 139–155
- BALBACHEVSKY, E.; HOLZHACKER, D. “Classe, ideologia e política: uma interpretação dos resultados das eleições de 2002 a 2006.” Opinião pública, Campinas, vol. 13, n.2, novembro, 2007, p.283-306.
- BOHN, S.: “Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral”. Opinião Pública, vol.10, número 2, p. 288-338, 2004.
- BRAGA, RUY. A Política do precariado: do populismo à hegemonia Lulista. São Paulo, Boitempo, 2012.

CABANES, R; GEORGES, I.; RIZEK, C.; TELLES, V.S. Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo. São Paulo: Boitempo, 2011.

CALDEIRA, T. Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp; Ed.34. 2000

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual. Dados, Rio de Janeiro , v. 40, n. 2, 1997

CASANOVA, José. (1994). Public Religions in the Modern World. Chicago: Chicago University Press.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. (A era da informação: economia, sociedade e cultura). V.1. São Paulo: Paz e terra, 2002.

CASTRO, Mônica Mata Machado de. Determinantes do Comportamento Eleitoral: A Centralidade da Sofisticação Política. RJ: Tese de Doutorado, 1994.

CERVELLINI, Silvia; GIANI, Malu; PAVANELLI, Patrícia. “Economia, religião e voto no Brasil: A questão do aborto na eleição presidencial de 2010”. Paper apresentado no IV Congresso Latino Americano De Opinião Pública Da Wapor – World Association Of Public Opinion Research. Belo Horizonte, Brasil, 2011

CONVERSE, P. “Belief systems in mass publics” em D. Apter (org.) Ideology and discontent, New York, The Free Press, 1964

COUTINHO, Marcelo; SAFATLE, Vladimir. 2009. A internet e as eleições municipais em 2008: o uso dos sítios eletrônicos de comunidades na eleição paulistana. Rev. Sociol. Polit., Curitiba, v. 17, n. 34. Estudos Cebrap, São Paulo, n. 74, p. 47-65, mar.

DOWNS, A. “A lógica básica do voto” in Downs, A. Uma teoria econômica da democracia. São Paulo, Edusp, 1999

FELTRAN, G. S. Fronteiras de Tensão: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo. Ed. UNESP. CEM Cebrap. 2011.

FELTRAN, Gabriel de Santis. "O legítimo em disputa: As fronteiras do ‘mundo do crime’ nas periferias de São Paulo." Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social 1.1 (2008): 93-148.

FERNANDES, Rubem; SANCHIS, P.; VELHO, C.; PIQUET, L.; MARIZ, C.; MAFRA, C. Novo nascimento: os evangélicos em casa, na política e na igreja. Rio de Janeiro, ed. Mauad, 1998.

FERNANDEZ, R. 2005. Campanhas eleitorais brasileiras na internet. Campinas. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Estadual de Campinas.

FIGUEIREDO, Marcus. A Decisão do Voto: (democracia e racionalidade). São Paulo: Ed. Sumaré/ANPOCS, 1991.

FONSECA, A. Secularização, pluralismo religioso e democracia no Brasil: um estudo sobre a participação dos principais atores evangélicos na política. São Paulo. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2002.

FORJAZ, Lourdes Cecília Spina. A emergência da Ciência Política acadêmica no Brasil: aspectos institucionais. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 12, n. 35, Oct. 1997

FRESTON, P. Protestantes e Política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. 1993.

FRESTON, Paul. "Protestantismo e democracia no Brasil". Lusotopie, pp. 329-340, 1999.

GIAMBIAGI, F. Prefácio a NERI, M. A Nova Classe Média: o lado brilhante da base pirâmide. São Paulo, Editora Saraiva, 2011.

HIRATA, D.; TELLES, V.S. Ilegalismos e jogos de poder de São Paulo. Tempo Social Revista de Sociologia da USP, no. 22, vol. 2, dezembro 2010, pp. 39-59.

HUNTER, W.; POWER, T. J. "Rewarding Lula: executive power, social policy, and the Brazilian election of 2006". Latin American Politics and Society, vol. 49, n 1, 2007

IBGE. Censo Demográfico 2010. IBGE, 2010.

IBGE. Censo Demográfico 1982. IBGE, 1982.

KECK, M. E. e SIKKINK, K. Activists Beyond Borders, Ithaca e Londres, Cornell University Press. 1998.

KEINERT, Fábio Cardoso. SILVA, Dimitri Pinheiro. A gênese da ciência política Brasileira. Tempo soc., São Paulo, v. 22, n. 1, June 2010

KESSLER, G.; TELLES, V. S. Ilegalismos na América Latina. Tempo Social Revista de Sociologia da USP, no. 22, vol. 2, dezembro 2010.

KOWARICK, L & MARQUES, E. São Paulo: Novos Percursos e Atores, Editora 34, 2011

KOWARICK, Lúcio. A espoliação urbana. São Paulo, Paz e Terra, 1983

LAMOUNIER, B. "O voto em São Paulo, 1970- 1978". - Voto de Desconfiança in São Paulo, Vozes/CEBRAP, pp. 15-80.

LAMOUNIER, B. - (ORG.) Voto de Desconfiança São Paulo; Vozes/CEBRAP, 1980.

LIMONGI, F.; MESQUITA, L. "Estratégia partidária e preferência dos eleitores – As eleições municipais em São Paulo entre 1985 e 2004" IN Novos Estudos, n. 81, julho de 2008.

LAMOUNIER, B. "Comportamento eleitoral em São Paulo: passado e presente" In Cardoso, F. H. & Lamounier, B., eds. Os partidos e as eleições no Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

LAVALLE, A. Espaço e vida públicos: reflexões teóricas e sobre o pensamento brasileiro. Tese de doutorado, São Paulo, Departamento de Ciência Política, FFLCH-USP.

LIPSET, S. M. O homem político. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.

MACHADO, Lourdesdas Dores Campos. Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010. In Revista Brasileira de Ciência Política, nº7, Brasília, janeiro – abril de 2012, pp. 25 a 54.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Política e Religião: a Participação dos Evangélicos nas Eleições. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MAINWARING, S.; MENEGUELLO, R.; POWER, T. "A consolidação dos partidos conservadores" In S. Mainwaring, R. Meneguello e T. Power. Partidos conservadores no Brasil Contemporâneo. São Paulo, Paz e Terra, 2000

MAINWARING, S.; MENEGUELLO, R.; POWER, T. Partidos conservadores no Brasil Contemporâneo. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo – Centro de Estudos da Metrópole – 2004 in <http://www.centrodametropole.org.br/>

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo; HOFF, Marcio; DANTAS, Toty Ypiranga de Sousa. Evangélicos sanguessugas, presidenciáveis e candidatos gaúchos: a disputa pelo voto dos grupos religiosos. Debates do NER, n. 10, 2007.

MARICATO, Ermínia. A política habitacional durante o regime militar. Petrópolis: Vozes, 1987.

MARQUES, E. “Redes Sociais, Segregação e Pobreza em São Paulo” Editora UNESP, São Paulo, 2010

MCALLISTER, R. “A Experiência Pentecostal: A base Bíblica e Teológica do Pentecostalismo”. Rio de Janeiro, Nova Vida, 1977.

MONTERO, P. & ALMEIDA, R. O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas. In: RATTNER, H. (org.). Brasil no limiar do século XXI. Alternativas para a construção de uma sociedade sustentável. São Paulo: EDUSP & FAPESP, 2000.

MONTERO, Paula. (2006a) “Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil”. Novos

MOYA, Lourdes Encarnación. Os estudos sobre a cidade: quarenta anos de mudança nos olhares sobre a cidade e o social. In KOWARICK, L & MARQUES, E. São Paulo: Novos Percursos e Atores, Editora 34, 2011.

NERI, M. A Nova Classe Média: o lado brilhante da base pirâmide. São Paulo, Editora Saraiva, 2011.

NERI, M. C. (Coord.). “A nova classe C” - Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2008.

NICOLAU, J. Como Controlar o Representante? Considerações sobre as Eleições para a Câmara dos Deputados no Brasil. In DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 45, nº2, 2002, pp. 219 a 236.

NOVAES, R. A divina política: notas sobre as relações delicadas entre religião e política. Revista da USP. São Paulo, 49, p. 60-81, Março-Maio, 2001.

NOVAES, R. Os Escolhidos de Deus. Trabalhadores, Pentecostais e Cidadania. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1985. Apud BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. Opinião Pública, Campinas, vol X, nº2. Outubro 2004.

Novo Mapa das Religiões. FGV. Disponível em <http://www.fgv.br/cps/religiao/>

ORO, Ari Pedro. “ ‘Podem passar a sacolinha’: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro”. Cadernos de Antropologia, 9, p.7-44. Programa de pós graduação em antropologia social da UFRGS, 1992

Pedro Fiori. “Em Busca do Urbano”. Novos Estudos nº83, março de 2009

PIERUCCI, A F. O “Linguagens autoritárias, voto popular” In Evelina Dagnino (org.) Os anos 90: Política e sociedade no Brasil. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994

PIERUCCI, A. F. O. & MARIANO, R. O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. Novos Estudos Cebrap, 34, p. 92-106, Novembro, 1992.

PIERUCCI, A. F. O. Eleição 2010: desmoralização eleitoral do moralismo religioso. Novos Estudos Cebrap. Nº 89. Março de 2011.

PIERUCCI, A. F. O. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na constituinte. Ciências Sociais Hoje. São Paulo, 11, p. 104-32, 1989.

PIERUCCI, A. F. O.; PRANDI, J. R. Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994. Opinião Pública, 3 (1), p. 20-43, Junho, 1995.

PIERUCCI, Antônio Flávio & LIMA, Marcelo Coutinho de. (1991) A Direita que flutua. Novos Estudos Cebrap, n.º 29: 10-27.

PIERUCCI, Antônio Flávio & LIMA, Marcelo Coutinho de. (1993) São Paulo 92, a vitória da direita. Novos Estudos Cebrap, nº35: 94-99.

PIERUCCI, Antônio Flávio. (1987) As bases da nova direita. Novos Estudos Cebrap n.º 19: 26-45.

PIERUCCI, Antônio Flávio. (1989) A Direita mora do outro lado da cidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 4(10): 44-65

PRANDI, R. Um Sopro do Espírito. São Paulo: Edusp. FAPESP, 1998.

QUADROS, W. “A evolução recente da estrutura social brasileira” Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n 148, nov. 2008.

QUADROS, W. “A evolução recente da estrutura social brasileira” Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n 148, nov. 2008.

SAMUELS, D. A Evolução do Petismo (2002 – 2008). Opinião Pública, vol 14, n.2, nov. 2008

SAMUELS, D. Determinantes do Voto Partidário em Sistemas Eleitorais Centrados no Candidato: Evidências sobre o Brasil. In Dados vol. 40 no. 3 Rio de Janeiro, 1997.

SECCO, L. A História do PT. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011;

SIMÃO, A. “O voto operário em São Paulo”. In Revista Brasileira de Estudos Políticos, n. 1, 1956

SINGER, A. V . “Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994”. São Paulo, Edusp, 2002

SINGER, A. V. “Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994”. São Paulo, Edusp, 2002

SINGER, A. V. “Raízes sociais e ideológicas do lulismo” In Novos Estudos, n.85, novembro de 2009

SOUZA, A . LAMOUNIER, B. “A classe média brasileira : ambições, valores e projetos de sociedade”. Rio de Janeiro : Elsevier ; Brasília, DF, CNI, 2010

SOUZA, Jessé. “A Ralé brasileira, quem é e como vive” Editora UFMG, Belo Horizonte, 2011.

Souza, Jessé. Os Batalhadores Brasileiros. Nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte, Editora UFMG. 2012.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Da controvérsia às práticas: conjugalidade, corpo e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência Social (Antropologia Social), 2012.

TELLES, V. HIRATA, D. Cidades e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. In KOWARICK, L & MARQUES, E (orgs). São Paulo: Novos Percursos e Atores, Editora 34, 2011

TELLES, V. S. A cidade nas fronteiras do legal e ilegal. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

TELLES, V. S. Ilegalismos urbanos e a Cidade. Novos Estudos, Cebrap, no.84, 2009, pgs. 152-163.

TELLES, V. S.; CABANES, R. Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006

TELLES, V.S. Nas dobras do legal e ilegal: ilegalismos e jogos de poder. Revista Dilemas, no. 5-6, 2009, pp. 97-126.

TELLES, V.S.; HIRATA, D. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. Revista Estudos Avançados, USP, vol. 61, no. 21, 2007.

VENTURI, G. “PT 30 anos: Crescimento e Mudanças na Preferência Partidária. Impacto nas Eleições de 2010.” in Revista Perseu No 5, Editora Perseu Abramo, São Paulo, 2010

VITAL CUNHA, Christina. 2008. “Traficantes evangélicos: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas”. Plural, v.15, p.23-46.

W. HUNTER & T. POWER (2007), “Recompensando Lula: poder executivo, política social e as eleições brasileiras de 2006” in M. ALCÁNTARA SÁEZ & C. R. MELO, A democracia brasileira: balanço e perspectivas para o século 21, Belo Horizonte, Editora UFMG.

WEFFORT, F. “Classes populares e política (Contribuição ao estudo do “populismo”)
Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1968;

WEFFORT, F. Raízes sociais do populismo em São Paulo. Revista Civilização Brasileira, Ano 1, nº. 2, maio de 1965, pp. 39-60

ZALUAR, A . “A máquina e a Revolta” , São Paulo, Editora Brasiliense, 2000

ZUCCO, C. “Cash Transfers and Voting Behavior: Electoral Impacts of Brazil's Bolsa Família Program”

Anexo 1 – Ficha dos entrevistados

Lourdes

Nascida em 1956, em Vitória do Santo Antão, no interior do estado de Pernambuco. Tem 56 anos. Filha de pais espíritas, converteu-se à Assembleia de Deus aos 17 anos. Sobre a conversão, afirma que não era feliz na religião dos pais - hoje, crê que praticavam magia negra. Nos primeiros anos de conversão, diz que sofreu muito preconceito pela nova filiação religiosa. Seus pais a expulsaram de casa, e a sociedade do local, segundo ela, a discriminava e chamava os evangélicos de “bodes”. Depois de quatro anos da sua conversão – período em que afirma que passou por grandes provações – diz que sua vida começou a melhorar. Casou em 1977, teve filhos. Hoje, aposentada, complementa a renda de um salário mínimo com trabalhos de costura e venda de doces. Eleitoralmente, votou em Dilma Rousseff em 2010. Gosta muito de Lula e diz que votaria nele de novo. Não gosta da ex-prefeita Marta Suplicy. Costuma apoiar os candidatos da Igreja, principalmente a vereadora Marta Costa, e gosta de José Serra devido a sua ligação com a Igreja.

Juliana

Nasceu em Mutuípe, no estado da Bahia. Trabalha como balconista em uma lanchonete na Cidade Universitária, ganhando 800 reais. É casada com outro membro do setor 104 da Assembleia de Deus Belém. Não tem filhos, mas pretende tê-los em breve. A família da sua mãe era católica, enquanto a de seu pai era do candomblé. Diz que, aos poucos, sua família foi se convertendo em igrejas evangélicas, até que chegou sua vez. De início, se converteu na Igreja Batista, ainda quando morava na Bahia. Se mudou para São Paulo em 2006, e desde 2009 frequenta a Assembleia de Deus, no setor 104 do ministério Belém. Hoje, é uma das pessoas que comanda os ensaios do coral de adolescentes da Igreja. Quando fala de seu dia a dia, o resume entre trabalho – casa – Igreja. Em termos políticos, diz que na época que morava na Bahia, gostava do Antonio Carlos Magalhães e simpatizava com seu partido, o PFL. Hoje, diz que não tem mais

simpatia por nenhum partido, mas afirma rejeição ao PT. Ainda assim, gosta da presidenta Dilma Rousseff. Apesar da rejeição ao PT, considera que o Brasil vem melhorando desde que esse partido entrou no governo federal.

Rita

Nascida em Itapajé, no Ceará, hoje tem 54 anos. É viúva, e recebe pensão do marido de um salário mínimo. Tem dois filhos e alguns netos. Sua casa é fica próximo da divisa entre o Campo Limpo e Taboão da Serra, num local onde aconteciam muitas enchentes. Já vem de família evangélica, e sempre foi da denominação Assembleia de Deus. É uma das frequentadoras assíduas dos cultos, não só da Igreja sede do setor 104, como também de algumas das suas congregações. Veio para São Paulo em 1978, há 34 anos. Já teve uma irmã que foi ligada ao PT e candidata a vereadora, “pelo sindicato”. Diz que fazia campanha para essa irmã e pelo PT, nessa época. Hoje, não tem afinidade com nenhum partido, e costuma apoiar “os candidatos da Igreja”.

Clarisse

Clarisse tem 38 anos, é separada e possui duas filhas. Nasceu em São Paulo. Trabalha como vendedora em uma ótica, e seus rendimentos variam, dependendo do volume de venda do estabelecimento. Afirma que, em alguns meses, recebe mais de 1500,00 reais. Quando criança, sua mãe passou a levá-la em Igrejas evangélicas da Assembleia de Deus, no ministério do Brás. Lá, se batizou, foi regente do grupo de “mocidade” e de adolescentes. Também fez um curso interno da Igreja, para ser professora de escola dominical. Passou a frequentar o ministério Belém quando se mudou para São Miguel Paulista, pois nesse local não havia nenhuma igreja ligada ao ministério do Brás. Hoje, morando próximo ao terminal Campo Limpo, frequenta o setor 104, mas com pouca frequência. Afirma que, durante os anos, foi flexibilizando seus costumes, passando a vestir calças, a pintar o cabelo e as unhas, e usar maquiagem. Ressalta a todo momento que enfrenta um “grave problema” na sua família, pois sua filha “virou” homossexual. Durante todo o tempo, emite opiniões conservadoras no campo da moral, dos costumes, e também no campo político/econômico. Durante a entrevista, realizada na casa de outra fiel, fez algumas piadas com a dona da casa, ironizando o fato dessa ser nordestina e ter

“vindo trazer problemas para São Paulo”. Acha que todo político é corrupto, exceto aqueles que “servem a Deus”.

Carlos

Carlos trabalha em uma empresa como operador de empilhadeira ganhando por volta de mil reais por mês. Com 33 anos, é filho de migrantes e nasceu em São Paulo. Morou também em Taboão da Serra. É de família evangélica, mas se “desviou” da Igreja na adolescência, quando foi para o “mundo” para, segundo ele, aproveitar algumas coisas, como mulheres, bebidas e “farras”. Voltou para a Igreja, pois considera que aquela vida não lhe renderia futuro nenhum. Hoje é casado com uma evangélica da mesma Igreja – o setor 104. Lá, Carlos é um dos coordenadores do grupo de jovens da Igreja, e pensa em seguir a carreira eclesial. No que diz respeito a política eleitoral, Carlos diz que não gostou da época do governo FHC. Apesar de considerar o Plano Real importante, relata dificuldades para se conseguir empregos. Diz também que gostou muito do governo Lula, pelo que foi feito na região nordeste e para os pobres, no geral. Considera que a presidenta Dilma vem dando continuidade a essas mudanças. Não gosta do ex-governador e ex-prefeito José Serra, nem do seu sucessor na prefeitura, Gilberto Kassab. Ainda na questão eleitoral, diz que costuma apoiar os candidatos da Igreja, que levam as pautas cristãs para o Estado.

Reginaldo

Reginaldo tem 24 anos, é de família cearense e é casado com outra fiel da Igreja. Sua mulher está grávida. Reginaldo fez um curso de corte e costura no Senai, e trabalhava sem carteira registrada confeccionando roupas, ganhando 1400,00 reais por mês. Em torno de dois meses antes da realização da entrevista para esta pesquisa, sofreu um grave acidente de moto. Ficou semanas no hospital, o que o tirou do trabalho. Como quebrou ossos da face, ainda possui problemas de dicção na fala. No momento da entrevista, estava desempregado e ainda em recuperação. Estava, junto com sua mulher, morando na casa de sua mãe. Há poucas semanas atrás voltou a trabalhar na área de confecção de roupas. Após sair do hospital e iniciar a recuperação a partir de casa, uma de suas primeiras atitudes foi ir à Igreja para rezar por melhoras. Durante vários cultos,

a Igreja realizou orações coletivas destinadas a ele. Sua conversão se deu há cerca de dois anos, por influência de sua mulher. Sua frequência na Igreja não é regular, chegando a passar semanas sem ir aos cultos. Politicamente, Reginaldo se diz simpatizando do PT. Também diz que tem discordância com algumas concepções da Igreja, principalmente com relação à conduta frente à questão da homossexualidade.

Bruno

Bruno tem 20 anos. Nasceu em Abaetetuba, no Pará, mas a maior parte de sua vida viveu em Garapereri, também no estado do Pará. Está em São Paulo, com sua família, desde o início 2010. Conta que durante um período, sua família passou por grandes dificuldades financeiras, quando ainda moravam no Pará. Nessa época, sua família chegou a ser beneficiada pelo programa Bolsa-Família. Em São Paulo, chegou a receber cestas básicas da Igreja. Há algum tempo, porém, a situação financeira da família apresentou grande melhora. Somando a renda de sua mãe, seu pai e sua irmã, chegam a ter quase 3 mil reais por mês. Bruno cursa música na EMESP, e é saxofonista da banda da Igreja. Seu instrumento musical foi um presente de um dos pastores, e a manutenção do instrumento é financiada pela própria Igreja. Politicamente, diz que acompanha os candidatos ligados à Igreja, e tende a apoiá-los.

Lúcia

Lúcia é vendedora em uma loja, e possui 47 anos. É separada e tem dois filhos. Nasceu no estado da Bahia, no município de Conceição do Coité. Hoje está no segundo casamento. Seu marido não é evangélico, e esse fato, segundo ela, é causa de alguns problemas de relacionamento dentro da família. Lúcia se tornou evangélica no ano 2000. Pouco tempo depois, entrou para a Assembleia de Deus, setor 104, que é bem próxima da sua casa. Politicamente, disse que costumava a votar nos candidatos do PT, por influência do ex-marido. Hoje, apesar de dizer que não mais se direciona pelos partidos políticos, dá muita importância para os candidatos que Lula indica, pois “ele indica quem conhece e sabe que trabalha”. Por outro lado, também dá muita importância para os candidatos da Igreja que “defendem a ética cristã”.

Clóvis

Clóvis tem 64 anos, e nasceu na cidade de Caxambú, em Minas Gerais. Mora em São Paulo há algumas décadas, e trabalhou durante por muitos anos em fábricas de madeira. Em uma dessas madeireiras, sofreu um acidente, quebrando uma das pernas. Após esse acidente, possui uma perna menor do que a outra. Devido a essa sequela, perdeu o emprego. Não teve direito a aposentadoria, mas recebe um auxílio, inferior ao salário mínimo, do INSS, referente a seu estado físico. Também vive com a ajuda financeira de um irmão. Antes de se converter para a Assembleia de Deus, era umbandista e alcoólatra. Converteu-se e abandonou o álcool pouco depois de se divorciar de sua ex-mulher. Tem duas filhas, e não as vê desde o divórcio. Relata que seu sonho de vida é reencontrá-las, e que tem certeza que Deus proporcionará esse encontro. Clóvis mora sozinho e, quando se sente só, e a Assembleia de Deus do Campo Limpo está fechada, costuma ir a outras Igrejas – geralmente vai a uma da denominação Deus é Amor. Eleitoralmente, já votou em candidatos tanto do PT, quanto do PSDB. Também costuma apoiar os candidatos evangélicos.

Alberto

Alberto tem 35 anos, se considera pardo e é segurança em uma loja, recebendo em torno de 1200 reais por mês. Nasceu em Sobradinho, na Bahia, e está em São Paulo já há 16 anos. Era católico, e se converteu à Igreja Batista. Só em São Paulo entra para a Assembleia de Deus. Vai à Igreja, no setor 104, todas as semanas, e é casado também com uma fiel da mesma Igreja. Não tem filhos, mas pretende ter um em breve. Mesmo observando problemas, se diz muito satisfeito com as possibilidades e oportunidades que considera que a cidade de São Paulo o oferece. Está com planos de fazer uma faculdade, na área de informática. Considera que as oportunidades e a condição de vida melhoraram muito após o início do governo Lula. Apesar dessa visão, acha que sob o governo do PT aconteceu muita corrupção. Como os outros entrevistados, acha importante a ação da Igreja na política eleitoral, e costuma apoiar os candidatos evangélicos.

Eunice

Eunice tem 35 anos, é casada, se considera parda, e trabalha de empregada doméstica em uma casa de família. Nasceu em Fortaleza e vive em São Paulo desde os 19 anos. É uma frequentadora assídua dos cultos da Igreja, tendo amizade com muitos dos seus membros. Ressalta que as condições de vida melhoraram muito nos últimos anos, e considera que seus filhos terão muitas possibilidades que ela não teve. Considera que os anos do governo FHC foram ruins. Gostou muito do Governo Lula e vem gostando do governo Dilma. Posiciona-se a favor de movimentos sociais que postulam a distribuição da propriedade tanto no campo quanto na cidade, e considera que a pessoa que tem propriedades ociosas e não aceita a distribuição dos seus bens é “avarenta”. Por outro lado, é contra a possibilidade de casais homossexuais firmarem uma relação perante a lei. Gosta da atuação dos políticos evangélicos no sentido de se posicionar contra os direitos da população LGBTT.

Gerson

Gerson tem 36 anos e nasceu em Fortaleza. Há 7 anos mora em São Paulo. É solteiro, e mora com um primo em casa alugada no Campo Limpo. É graduado em Gestão de projetos em Tecnologia de Informação, tendo feito graduação pelo ProUni, na UNIP. Atuou por um tempo no campo da profissão que foi formado, mas hoje trabalha na área de fotografia. A mudança de área de atuação se deu porque Gerson considerava que ganhava pouco trabalhando no campo de TI. Como tem interesse por fotografia e diz que ganha o equivalente ao que ganhava anteriormente, trabalhando períodos menores, decidiu mudar de profissão. Era católico, e se converteu na adolescência na Assembleia de Deus, em Fortaleza. Hoje, além de frequentar o ministério Belém, no setor 104, vai também a uma Igreja do ministério Brás, também no Campo Limpo. Faz parte também de um movimento evangélico interdenominacional que atua junto a Universidades, buscando converter jovens. Quando se mudou para São Paulo, Gerson não tinha onde morar. Quem o ajudou foi o pastor da Igreja, do setor 104, acolhendo-o nos cômodos na parte de baixo do templo, por alguns meses. Gerson diz que gosta de políticos do PSDB, e que não tem afinidade com o PT.